

SUZANNA MEDEIROS

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY

ELES SÃO INIMIGOS
DESDE CRIANÇAS

Adequando o Duque

CONQUISTANDO UM LORDE



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SUZANNA MEDEIROS

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY

ELES SÃO INIMIGOS
DESDE CRIANÇAS

Adequando o Duque

CONQUISTANDO UM LORDE



Adequando o Duque

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY
SUZANNA MEDEIROS

CONQUISTANDO UM LORDE

1ª Edição



2024
Ribeirão Preto/SP

Direitos Autorais



Título original: The Unsuitable Duke
Landing a Lord series book 4
Copyright © 2020 by Suzanna Medeiros
Copyright da tradução©2024 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Vanessa Rodrigues Thiago
Preparador de original: R Cappucci
Revisão: Raquel Medeiros e D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGráfICA

M483lbe

Medeiros, Suzanna.

Título: Adequando o Duque (recurso eletrônico) - ©2024 Leabhar
Books Editora Ltda- Ribeirão Preto - SP

Tradução de: The Unsuitable Duke © 2020 - Sazinha Medeiros

Formato: Livro digital

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-302-9

1. Romance de época. 2.Série. 3. Thiago, Vanessa R. I. Título

80754

CDD 82-32

CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.
CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Dedicatória



Para Emma e Faith. Porque os sonhos se realizam.

Capítulo 1



Julho de 1807

O Duque de Castlefield examinou a reluzente multidão de sua posição nas portas ornamentadas do jardim. Ela estava ali, maldição, podia sentir em seus ossos.

Seus olhos passearam pelas mulheres que já tinham parceiros no salão de baile, pelo que parecia ser a centésima vez, antes de deslizar sobre os convidados reunidos ao longo das bordas externas da sala iluminada. Mas a ruína teimosa de sua existência permanecia oculta. O fato de todos usarem máscaras para esconder sua identidade não era um obstáculo. Reconheceria Ellen em qualquer lugar. O que significava que ela estava ganhando tempo, antes de se tornar visível.

Se permanecesse paciente, ela acabaria se revelando. Não seria capaz de resistir ao desejo de assediá-lo. Era com isso que contava, enquanto deslizava pelas portas abertas que levavam aos jardins. Foi até o outro lado da sacada e se virou para olhar a escuridão. Não era a única pessoa do lado de fora naquela noite, mas era o único que não havia procurado um canto escuro para um encontro. Ficou parado, sozinho, a luz do salão de baile derramando-se sobre a varanda e tornando sua figura visível. Afinal, queria ser encontrado.

Não precisou esperar muito, antes de sentir um movimento à sua esquerda. Ainda assim, continuou a olhar para a vegetação luxuriante diante dele, todos os seus instintos em alerta máximo, enquanto ela se aproximava.

Te peguei, pensou, resistindo ao impulso de sorrir. — Estava me perguntando quando apareceria.

Ela se posicionou ao seu lado, assumindo uma postura semelhante. O aroma de seu perfume leve, o envolveu. Apesar do fato de ambos estarem olhando para os jardins, sabia que ela não estava admirando os arbustos ou os vasos cheios de rosas. Ele tinha toda a sua atenção.

— Fiquei surpresa em vê-lo no casamento do meu irmão.

Olhou-a então e ela fez o mesmo. Seus olhares se encontraram. Embora não pudesse ver o rosto por trás da máscara branca que ela usava, era difícil perder a fria indiferença em seus olhos azuis claros. Jurou mudar isso. Esperou muito tempo por ela e não era mais um jovem.

— Meu amigo mais próximo finalmente se casou e não esperava que eu estivesse lá?

Ela deu de ombros, mas não disse nada. Não precisava.

O irmão dela, Brantford, disse que estava se casando por conveniência, mas, o fato de ter escolhido se apegar a alguém cuja família havia caído em ruína social, falava muito. Seu amigo não havia admitido, mas Castlefield percebeu que a mulher em questão significava algo para ele. Mais do que Brantford queria admitir. Então não o pressionou para obter detalhes, mas

concordou em ficar ao lado de seu amigo durante a cerimônia de casamento. Acabara de chegar a Londres, mas não havia questionado como Brantford descobrira que ele estava na cidade. O homem sabia tudo.

Risos indiscretos fluíam dos caminhos ocultos dos jardins. A música dentro do salão de baile se espalhava pela varanda e abafava a maior parte do barulho causado pelo encontro dos amantes sob o manto da escuridão, mas o som era inconfundível.

A temporada estava chegando ao final e, como sempre, a sociedade parecia quase desesperada para espremer cada gota de diversão do tempo que restava. Especialmente aqueles que ainda não garantiram seus pares. O que significava que ele tinha sido objeto de muita atenção durante a última semana, enquanto rondava os vários eventos, procurando por Ellen.

Estava hospedada com o irmão, mas, agora que Brantford havia deixado a cidade com sua nova esposa, Castlefield sabia que nunca aceitaria uma visita dele. Então, para vê-la, teve que comparecer a vários bailes e jantares, esperando que decidisse entrar no jogo. Isso foi problemático - por mais que sua presença fosse requisitada, raramente saía em público. De fato, ela o havia mantido esperando durante a última semana, mas Castlefield tinha esperanças de que o baile de máscaras dessa noite proporcionasse o cenário perfeito para um encontro.

Forçou seus pensamentos para longe do motivo da ausência de Ellen da sociedade.

Castlefield olhou sua roupa... um vestido de noite violeta que complementava sua cor clara e ousava abraçar suas curvas, um pouco demais. Veio preparada para impressionar e conseguiu. — Está linda, como sempre.

Seus olhos se estreitaram um pouco, antes de esconder o sinal revelador de que estava aborrecida.

— Não sabia que se importava, de uma forma ou de outra, com a minha aparência. Certamente não ligo para a sua opinião sobre o assunto.

Ele não conseguia evitar que o canto de sua boca se contraísse em diversão. — Não acredito que seja verdade.

Ela se virou e olhou para o jardim novamente. Vozes abafadas à distância revelaram que mais de um casal estava aproveitando a escuridão e a vegetação luxuriante para seu próprio encontro. Estariam muito ocupados com suas próprias atividades para prestarem atenção nas duas pessoas que estavam a uma distância respeitável uma da outra na varanda.

— É livre para acreditar no que quiser. Deus sabe, eu nunca poderia mudar sua opinião sobre qualquer coisa.

— Não somos mais crianças. Certamente, pode ver além das ações de um jovem imaturo.

— Não, claro que não. Por que eu deveria me importar com o fato de meu melhor amigo ter me dito que não tinha mais tempo para meninas bobas?

— Tínhamos doze anos quando isso aconteceu. E, em minha defesa, colocou uma cobra na minha cama, na noite anterior.

Permitiu-se sorrir então.

— Devo admitir, isso ainda me diverte. Mas mereceu.

Ele não disse nada, pois ambos sabiam por que ela havia agido daquela forma. Seus pais eram amigos e, sendo da mesma idade, ele e Ellen cresceram juntos e passaram muitos verões na propriedade de sua família, perto de Brighton. Ela não ficou feliz quando ele começou a passar mais tempo com seu irmão, que era dois anos mais novo. Assim que Brantford tinha idade suficiente para ser considerado interessante por Castlefield, começaram a excluí-la de suas aventuras. Nunca lhe disse o que precipitou aquela ação. Ouviu uma conversa entre seus pais em que discutiram suas esperanças de que a amizade deles levasse a uma união quando fossem mais velhos. Na época, o próprio pensamento o horrorizou e então, a afastou.

Ellen não escondeu seu descontentamento com Castlefield e Brantford. Mas, como adorava seu irmão mais novo, ele foi o único a suportar o peso desse ressentimento.

Já tinha passado tempo suficiente e era hora de tornar suas intenções conhecidas. — Gostaria de propor que comecemos de novo.

O olhar que ela lhe deu, era inescrutável e ele desejou poder ver mais de seu rosto, do que apenas seus olhos, através da máscara branca. Suspeitava que Ellen estava tentando discernir se ele tinha segundas intenções. Ela nunca confiaria na sinceridade de suas palavras. Havia passado por muita coisa, especialmente durante seu casamento com Laughton, para acreditar na palavra de um homem.

— Certamente, um homem de sua posição pode resistir a alguns rumores. Embora os ache muito divertidos, não tenho a menor ilusão de que tenham feito algum mal.

Se ele estivesse tentando encontrar uma noiva adequada, discordaria dessa afirmação. Os boatos sobre sua devassidão serviram para manter a maioria das mães, que pensavam em casamento, afastadas. Aquelas que não se importavam com os rumores, seja porque queriam ter acesso à sua considerável fortuna, ou porque o lascivo sobre isso as intrigava, não lhe interessavam em nada, além de uma relação de curto prazo.

Não, havia apenas uma mulher que manteve seu interesse por vários anos e, infelizmente, era a que estava diante dele agora. A que, na melhor das hipóteses, não gostava dele e que, sem dúvida, o odiaria se soubesse a verdade sobre o que ele havia feito.

Mas isso não significava que ele estava disposto a deixar o campo de batalha. Era hora de Ellen entender que ele é o único homem que poderá fazê-la feliz. Nunca aceitaria seu cortejo, mas a conhecia tempo suficiente para saber que não poderia resistir a um desafio.

— Eu, provavelmente, não deveria admitir isso, certamente não a sua pessoa, mas decidi que é hora de sossegar.

Ellen inclinou a cabeça para o lado. — Não sabia que estava cortejando alguém.

Castlefield a observou de perto enquanto respondia.

— E não estou, mas isso está prestes a mudar.

Ela não pareceu perturbada por seu anúncio.

— Não sei por que está me contando isso, mas tenho que admitir que estou curiosa sobre a mulher em questão. Certamente não é alguém que está no baile esta noite. — balançou a cabeça levemente, como se esse pensamento a desagradasse.

— Na verdade, ela está presente, esta noite, mas não sabe do meu interesse. Em breve anunciarei minhas intenções.

— Assim, desse jeito? E o que espera que aconteça? Que ela se jogue aos seus pés? — deu uma risada irônica — Claro que sim. Não há jovens inocentes aqui, esta noite. Provavelmente já teve metade das mulheres naquele salão.

Ele sentiu a mágoa em sua declaração. Pode ter sido apenas uma simples observação, mas disse a si mesmo que a ideia de ter estado com outras mulheres, claramente, a incomodava.

— Oh, não espero que tudo corra tão bem assim. Na verdade, acredito que terei muito trabalho para convencê-la a aceitar meu pedido.

As sobranceiras dela se levantaram com essa declaração.

— Terei que ver isso. Vou entrar agora e encontrar um ponto de observação na sala. Suponho que não irá me dar nenhuma dica.

Ele desviou o olhar, mas podia sentir o dela vagando por seu rosto. Sua máscara preta cobria a face o suficiente para que ela não pudesse ver o que estava pensando. Permitiu que um canto de sua boca se levantasse.

— Acontece que não precisará ir a lugar nenhum. — disse. Encontrou seus olhos novamente e baixou a voz — Ela está na varanda.

Qualquer outra mulher teria olhado freneticamente ao redor, incapaz de conter sua curiosidade. Mas Ellen já havia dominado a arte da contenção. Com casualidade, mudou de posição, até ficar encostada na balaustrada. Enquanto se mantinha imóvel, permitiu que seus olhos vagassem pela grande área iluminada. Ainda estavam sozinhos e ela se virou para encará-lo, com um pequeno bufo de irritação.

— Eu deveria saber que estava jogando. É mesmo verdade que está interessado em alguma pobre mulher?

— Oh, definitivamente sim. Na verdade, estou olhando para ela, agora.

A maneira como os olhos de Ellen se arregalaram em descrença seria cômica se não causasse mais do que uma leve ardência. Ele sorriu e cruzou os braços sobre o peito, preparando-se para o seu ataque verbal.

— Não acho engraçado. Por que não vai assediar outra mulher?

— Se não me falha a memória, foi a senhora quem se aproximou de mim.

Seus lábios se apertaram um pouco, enquanto ela lutava com seu temperamento. — Remediarei isso agora mesmo.

Bem, aquilo foi tão desastroso quanto ele esperava. Felizmente, não hesitou em usar a amizade de Ellen com sua irmã em seu benefício.

— Jane estará na cidade, amanhã.

Ellen permaneceu impassível por vários segundos antes de dizer: — É um pouco tarde, não é?

— Só ficará por alguns dias, antes de ir para a propriedade em Sussex.

— Tenho certeza de que ela e Lorde Eddings passarão momentos agradáveis. — fez uma breve reverência, dizendo: — Se me dá licença, sem dúvida, causamos fofocas mais do que o suficiente por estarmos aqui sozinhos. Embora não prejudique sua reputação, prefiro não ter meu nome alinhado ao seu, caso alguém me reconheça.

Ele franziu a testa em sua dispensa fria. Não era assim que esperava que sua revelação terminasse. — Ela quer reparar sua amizade.

Ellen desviou o olhar, mas, pela sua mandíbula rígida, ficou claro que a notícia não era bem-vinda. A reação dela o confundiu mais do que um pouco. Ele sabia muito bem por que Jane precisava se distanciar da mulher que antes considerava uma irmã mais velha, mas não tinha percebido o quanto Ellen havia ficado magoada.

— Não tenho certeza se podemos ser amigas novamente.

Suas palavras foram curtas, entrecortadas. Ele estava perdendo alguma coisa. Isso era mais do que apenas Ellen se sentindo magoada porque elas não eram mais próximas. A mulher diante dele parecia zangada. Tinha quase certeza de que ela não fazia ideia do que acontecera alguns anos antes. Se tivesse, não seria de sua irmã que estaria com raiva, mas sim, dele.

— Jane lamenta a distância que cresceu entre as duas.

Ellen riu, um som curto e amargo. — Ela também se arrepende de ter tido um caso com meu marido?

— O quê?! — as palavras explodiram, antes que ele pudesse segurá-las. Uma rápida olhada lhe disse que ainda estavam sozinhos na varanda e ninguém os observava pelas portas do jardim.

Quando se virou para Ellen, o brilho de lágrimas em seus olhos era inconfundível. Queria estrangular Laughton. Era uma pena que o marido de Ellen já estivesse morto.

— Laughton lhe falou isso?

Ela deu um pequeno aceno de cabeça, recusando-se a olhar nos olhos dele.

— E acreditou nele?

— A princípio, não. Mas fui ver Jane, para avisá-la de que Laughton estava espalhando boatos sobre ela. Não achei que fosse possível. Ah, sei que meu marido era mais do que capaz de ter um caso com alguém que eu considerava como uma irmã. Jane dificilmente seria a primeira mulher com quem ele tinha um relacionamento. Mas não pensei que fosse possível que ela me traísse dessa maneira. Pensei que ele estava apenas tentando me machucar.

— Jane não estava tendo um caso com seu marido. — mal se conteve para não xingar.

— Ela se recusou a me ver. Essa foi toda a confirmação que eu precisava.

Pegou o queixo dela e guiou seu rosto de volta para ele. Ellen não resistiu,

e pôde ver a mágoa em seus olhos. O fato dela tentar esconder as emoções, lhe dizia mais do que as palavras jamais poderiam dizer sobre a profundidade de sua dor.

— Jane estava passando por um momento muito difícil. Ela... — teve que lutar para manter sua voz uniforme enquanto continuava — estava carregando Hope na época e quase a perdeu. O médico a colocou em repouso absoluto e ela não queria ver ninguém. Foi um período sombrio e ela mal conseguia olhar para mim.

— Então ela e Laughton...

Balançou a cabeça bruscamente. — Absolutamente não. Ela... não se sentia confortável perto do seu marido. E como acabou de dizer, ela nunca trairia sua amizade.

— Não pode ter certeza...

— Acredite em mim, Ellen. Não há nada neste mundo sobre o qual eu esteja mais certo.

Ficaram assim por um momento. Ela pareceu perceber que ele acariciava sua bochecha com o polegar, quase ao mesmo tempo. Com um visível engolir em seco, deu um passo para trás, e ele permitiu que sua mão caísse ao seu lado.

— Estou mais do que um pouco aliviada em ouvir isso.

Castlefield desejou não estar usando luvas. O que não daria para sentir a suavidade de sua pele sob seu toque. Curvou a mão e repreendeu a si mesmo por avançar cedo demais. Se não tomasse cuidado, a afastaria de Londres, antes que tivesse a chance de fazê-la mudar de ideia sobre como os dois combinariam.

— Prometi levar ela e as crianças para a Torre em dois dias, para que possam visitar o zoológico real. Se conseguir, Eddings também estará lá.

Ellen sempre se deu bem com o marido de Jane e, com seus dois filhos, formariam um grupo suficientemente grande para que ela se convencesse de que conseguiria ignorá-lo durante o passeio. Havia jogado a isca, agora só tinha que esperar para ver se ela morderia.

— Seria bom ver Jane novamente. Céus, Henry deve estar tão crescido agora. E eu nem conheci Hope.

Ele conteve o desejo de pressioná-la com o convite. Qualquer estímulo dele a faria correr na direção oposta.

— Suponho que terei que tolerar sua presença?

Castlefield assentiu.

— E desistirá dessa bobagem de me cortejar? Não acho divertido ser alvo de uma de suas piadas.

— Nunca faria graça de um assunto tão importante.

Ellen suspirou. — Não sei o que está tentando fazer. Não pode estar falando sério.

Olhou-a fixamente, desejando que visse como falava sério sobre os dois.

Seus olhos se estreitaram. — Tudo bem, irei ao passeio. Mas estou fazendo

isso, porque sinto falta da minha amizade com sua irmã.

Castlefield levou toda a força de vontade que possuía para não dizer nada quando ela se virou para sair. Mas, internamente, a antecipação da perseguição à frente, aumentou.

Capítulo 2



No dia seguinte, após o habitual café da manhã, Castlefield dirigiu-se ao seu escritório, onde esperava se distrair com os relatórios enviados pelo administrador de sua residência no campo.

Tinha sonhado com Ellen a noite toda. Cena após cena, ela dançava para longe de seu alcance. Tentava-o, chegando perto o suficiente para que sentisse o cheiro de seu perfume, antes de se deixar levar por outro homem mascarado. Não tinha visto o rosto do homem, mas sabia que, se arrancasse a máscara, descobriria que era seu falecido marido.

Era difícil banir os sonhos perturbadores de sua mente, mas se forçou a examinar a lista de reparos que seu administrador estava realizando.

Tirou os olhos dos papéis quando a porta de seu escritório se abriu, após uma batida rápida. Sua irmã, entrou na sala. Era cedo para ela estar em sua casa na cidade, mas seus criados sabiam que ela era bem-vinda para entrar e sair quando quisesse.

— Eu não deveria ter que invadir seu santuário para ver meu próprio irmão. Está trabalhando demais, Charles.

Castlefield pôs o relatório de lado e tirou os óculos de leitura, jogando-os na superfície bem-organizada. Só recentemente começou a precisar dos óculos quando lia e odiava como eles o faziam se sentir velho. Tinha apenas trinta e dois anos. Certamente muito jovem para um sinal tão óbvio de que os anos estavam passando rápido demais.

— Estou apenas tentando me manter a par dos assuntos. As melhorias necessárias na propriedade rural parecem não ter fim.

— Está tudo bem? Sei que papai lhe deixou mais do que um problema quando faleceu, mas sempre presumi que tinha deixado a propriedade em ordem. Ainda assim, nós dois sabemos que foi um momento ruim. Eu mal estava ciente do que estava acontecendo ao meu redor.

Castlefield acenou, indicando que ela deveria se sentar na cadeira, posicionada do outro lado da mesa, para suas visitas.

— Não há com o que se preocupar. Felizmente, a propriedade é grande o suficiente para suportar um pouco de negligência. Mas melhorias precisam ser feitas para garantir que continue assim.

Os ombros de Jane caíram.

— Devo deixá-lo voltar ao trabalho? Odeio ser um fardo...

— Nunca poderia ser um fardo. — odiava que ela pudesse pensar tal coisa. Sua irmã nunca duvidou de seu valor, até recentemente. Apenas mais um crime que ele poderia atribuir ao falecido marido de Ellen.

As mãos de Jane estavam fortemente unidas em seu colo, e ele sabia o que ela lhe queria perguntar, antes que falasse.

— Já teve a chance de falar com Ellen?

— Na verdade, a encontrei ontem à noite. Ela concordou em se juntar a nós em nosso passeio, amanhã.

O rosto de Jane se iluminou. — Estou tão feliz. Mas... — balançou a cabeça levemente, antes de continuar — Fui tão insuportavelmente rude com ela durante esse tempo, recusando quando vinha me visitar. Ainda não tenho certeza se não arruinei nossa amizade para sempre.

Ele odiava trazer o passado à tona, mas sua irmã precisava saber o que o marido de Ellen havia lhe contado. Jane tinha sido frágil por tanto tempo. Parecia ter recuperado o vigor e a atitude positiva durante o ano passado, mas ele ainda sentia a necessidade quase avassaladora de protegê-la de qualquer negatividade.

— Preciso lhe contar uma coisa, mas não quero deixá-la chateada.

Jane suspirou. — Teve que convencê-la a me dar outra chance? Eu sabia. É claro que Ellen me odiaria, depois da maneira como a mantive à distância.

— Ela não a odeia. Mas, aparentemente, nos últimos dois anos... — teve que se forçar a continuar quando viu o modo como Jane se preparou para o que quer que ele estivesse prestes a lhe contar. Levantou-se e se agachou ao lado da sua cadeira — Laughton disse a ela que os dois tiveram um caso. Compreensivelmente, essa notícia magoou Ellen. Não porque seu marido a traiu, já sabia que ele não era fiel. — Castlefield passou a mão pelo cabelo ao ouvir o suspiro de indignação da irmã. Odiava o fato de ter que mencionar o nome daquele bastardo novamente na sua presença — Ele usou sua amizade com Ellen como uma arma, usando-a para machucá-la. E, como não estava disposta a dar-lhe o que queria, mentiu para ela.

O rosto de Jane empalideceu enquanto ele falava, o que o fez se preparar para a reação dela. Mas, em vez de cair no choro, como teria feito quando toda a situação com o marido de Ellen aconteceu, ela deu uma risada trêmula.

— Claro que sim. Não foi suficiente tentar me forçar... — respirou fundo várias vezes antes de poder continuar, e ele pegou suas mãos. Ela retribuiu seu aperto em agradecimento silencioso — Contou-lhe a verdade?

— Não, não é meu papel compartilhar isso com ela. — soltou a mão da irmã e se levantou — Quando se recusou a receber visitas, ela interpretou como uma confirmação de que seu marido estava dizendo a verdade. Eu lhe disse que não estava recebendo visitas porque estava em repouso absoluto. É sua decisão se deseja compartilhar tudo o que aconteceu. Por enquanto, basta que as duas deem o primeiro passo para a cura dessa amizade. — sorriu ao se lembrar do alívio de Ellen ao saber que Jane não a havia traído — Ela a ama como uma irmã, sabe disso. Tenho certeza de que será benéfico para ela tê-la de volta em sua vida.

Jane se levantou e sorriu de volta. — Ela não estaria apenas na minha vida.

— Isso, de novo, não. — disse Castlefield com um pequeno aceno de cabeça.

— Pode culpar-me por querer ver meu irmão feliz? Escondeu de todo mundo, mas sei como ficou infeliz quando Ellen se casou.

— Era jovem e estúpido naquela época. Quando percebi que a amiga que havia afastado havia se tornado uma bela jovem, de quem eu queria me aproximar novamente, já era tarde demais. Ela já me odiava e estava noiva de outro.

Jane desviou o olhar e ficou em silêncio por um momento. Quando o olhou novamente, ele pôde ver os traços de tristeza que a conversa havia despertado em sua irmã.

— Gostaria que tivesse decidido persegui-la naquela época e a forçado a romper o noivado. Eu me preocupo com o que Laughton fez enquanto eram casados.

Todos os tipos de imagens odiosas surgiram na mente de Castlefield, imagens que ele não conseguia afastar. — Eu também, mas sabemos que não seria capaz de fazê-la mudar de ideia.

— E agora? Por favor, não me diga que desistiu dela.

— Nunca! — disse, com uma confiança que estava longe de sentir — Já esperei bastante por Ellen.

Jane deu-lhe um abraço rápido antes de recuar.

— Bom. Vou gostar de tê-la como irmã quando conquistar-lhe o coração.

— Esse resultado está longe de ser certo, mas farei tudo ao meu alcance para que aconteça.

Capítulo 3



Ellen estava dividida, naquela manhã, enquanto a carruagem avançava pelas ruas de Londres, em direção à Torre. Não podia negar que estava animada em rever Jane Eddings. Muitos anos se passaram, desde que falou com a mulher que era como uma irmã mais nova para ela.

Odiava que o marido tivesse conseguido fazê-la acreditar no pior. Sabia que Laughton não tinha escrúpulos em ter um caso com uma de suas amigas. Como mencionou a Castlefield, não era segredo que o marido não era fiel no casamento. Mas a machucou, mais do que pensava ser possível, quando acreditou que Jane a traía dessa forma. Deveria ter percebido que seu marido estava mentindo, tentando magoá-la. Mas permitiu-se duvidar da amizade, quando Jane se recusou a vê-la.

O que mais odiava era saber que não esteve ao lado da amiga quando esta precisou dela. Devia ter passado por um período muito sombrio para não querer ver ninguém. E agora conseguia entender por que havia batizado sua filha de Hope.

Isso é o que Ellen tinha agora. Esperava que fossem capazes de ressuscitar os restos esfarrapados de sua amizade.

Se ao menos Castlefield não estivesse em cena. Odiava admitir o quanto ficou abalada no baile de máscaras. Normalmente não ficaria surpresa se ele a provocasse, dizendo que queria cortejá-la. Afinal, essa era a natureza do relacionamento deles, e ela poderia ter lidado com tal insinuação.

Não, o que mais a incomodava era a suspeita de que ele pudesse ter lhe falado a verdade. Castlefield pretendia cortejá-la, e esse pensamento a inquietava.

Houve um tempo em que teria ficado emocionada com essa perspectiva. Mesmo que tivessem se provocado por anos, sempre que suas famílias se visitavam - e Deus sabia, isso acontecia frequentemente, desde que seus pais eram os melhores amigos - Ellen começou a desenvolver uma consciência dele que ia além da amizade, à medida que cresciam.

Conhecia-o como Charles na época, apesar do fato de que todos, até mesmo seu irmão, o chamassem pelo título de cortesia de Haliburton.

Mas, então, o Visconde Laughton a deixou louca, e ela se permitiu acreditar que a amava. Não demorou muito para descobrir que, qualquer amor que ele professava sentir por ela, era uma farsa. O verdadeiro Laughton era cruel, e sofreu mais do que um pouco sob seu controle, até que pediu a seu irmão para ensiná-la a se defender contra seu marido mais forte.

Ela devia tudo a Brantford. As lições finalmente convenceram seu marido de que não suportaria mais os hematomas que lhe infringia, sempre que reclamava seus direitos de marido. E ela se alegrou intimamente quando ele parou de visitar sua cama e buscou alívio em outros lugares.

Sentiu uma pontada de culpa por ele estar impondo suas mãos ásperas em outras mulheres, mas disse a si mesma que Laughton não arriscaria se expor dessa forma. Ele a cortejou com palavras doces, afinal, e até manteve seus desejos mais sombrios sob controle durante o primeiro ano de casamento. Não, Laughton não teria machucado nenhuma daquelas outras mulheres do jeito que a machucou. Tinha que acreditar nisso.

Ellen foi arrancada de seus pensamentos mórbidos quando a carruagem diminuiu a velocidade. Respirou fundo e tentou olhar para o dia que tinha à frente. Nunca tinha visitado a área que abrigava o zoológico. Estivera na Torre, duas semanas antes, com o irmão e a jovem que agora era sua esposa, mas o motivo da visita fora sombrio. O pai de Rose estava atualmente detido na Torre, depois de confessar a traição. No momento, seu irmão estava tentando reunir evidências para provar que o homem não havia cometido o crime, mas, sim, fora obrigado a confessar, porque as vidas de sua esposa e filha estavam em perigo. Sabia que se tal evidência existisse, Brantford iria encontrá-la.

A carruagem parou e um laçao, provavelmente designado por seu irmão para vigiá-la enquanto ele estava fora, abriu a porta para ajudá-la a descer e, com certeza, a seguiria durante o dia. Não havia decidido se deveria ficar aborrecida com seu irmão, mas, devido a sua linha de trabalho, ela não podia culpá-lo por ser superprotetor. Ainda assim, provou ser uma aluna apta de autodefesa e podia se virar sozinha, na maioria das circunstâncias.

Estava apenas alguns minutos atrasada, mas não queria chegar cedo. Odiava esperar que os outros chegassem. Jane e Castlefield sempre foram pontuais no passado, mas a primeira agora era mãe de dois filhos pequenos. Com toda a probabilidade, ainda não haviam aprendido o valor de chegar na hora.

Examinou a modesta aglomeração de pessoas e os avistou na ponte levadiça, que levava a Lion Tower. Castlefield e Jane estavam conversando e ainda não haviam notado sua chegada.

Para seu aborrecimento, seu olhar pousou primeiro em Castlefield. Disse a si mesma que isso era de se esperar, já que ele tinha mais de um metro e oitenta e exalava um ar de comando. Com seu cabelo escuro e sua beleza inegável, era impossível ser indiferente à sua presença. Não que fosse admitir isso a ele.

Seu olhar se moveu para Jane, e não conseguiu conter o sorriso que se espalhou em seu rosto, quando viu a figura miúda de cabelos escuros da irmã de Castlefield. Parecia que seu marido não tinha conseguido se juntar a eles. Mas, o que mais a impressionou, foi o quanto os filhos da amiga cresceram.

Henry agora teria seis anos. Vira-o pela última vez quando tinha quatro anos e nunca conhecera Hope, que teria apenas dois anos de idade. Uma criada, sem dúvida a babá das crianças, pairava ao fundo. Ellen não ficou surpresa por Hope estar empoleirada no quadril de sua mãe - Jane sempre gostou de carregar Henry quando ele era mais jovem. Mas não esperava ver a

mão de Henry na de Castlefield.

Castlefield a notou então, e disse algo a sua irmã. O coração de Ellen deu um salto quando viu as emoções que cruzaram o rosto de Jane. Felicidade em primeiro lugar, tingida com um ar de incerteza. Ellen jurou acabar com essa segunda emoção imediatamente.

Aproximou-se do pequeno grupo e deu um abraço rápido em Jane, incluindo sua filha no abraço.

— Estou tão feliz em vê-los. — disse, odiando as lágrimas que ameaçavam cair. Forçou-as a recuar e virou-se para a criança nos braços da amiga — E quem é essa linda jovem? Acho que não tivemos o prazer de sermos apresentadas.

— Esta é Hope Ellen. — disse Jane, sem se preocupar em enxugar a lágrima que escorria por seu rosto.

Chocada, o olhar de Ellen mudou-se para encontrar o de sua amiga. — Deu-lhe o meu nome?

Jane deu-lhe um abraço, antes de recuar. — É a mulher mais forte que eu conheço. Queria dar à minha filha alguém para admirar.

A emoção desdobrou no peito de Ellen, e teve que desviar o olhar para reunir suas forças e não se envergonhar, provando como Jane estava errada.

Ela se virou para o menino ao lado de Castlefield e se agachou.

— E este deve ser Henry. A última vez que o vi, era apenas desta altura. — ergueu a mão para indicar a altura anterior dele, sorrindo ao se lembrar da maneira como ele a chamava de tia Ellen. Estendeu a mão para lhe dar um aperto de mão e ficou surpresa quando o menino soltou a mão de Castlefield e lhe deu um rápido abraço, antes de recuar novamente.

— Podemos ver os leões, agora?

Ellen riu, grata pela atmosfera tensa ter diminuído pelo entusiasmo de Henry.

— Não saia correndo. — disse Castlefield, franzindo a testa para o sobrinho.

— Vou garantir que ele não vá muito longe. — disse a babá. Estendeu a mão e, com um suspiro audível, o menino a agarrou.

Castlefield sorriu para a mulher e Ellen sentiu uma leve pontada de aborrecimento, pela maneira como retribuiu. Era mais jovem do que suspeitara depois de descer da carruagem, certamente mais jovem do que seus trinta e dois anos de idade. E bastante atraente, de uma forma jovem e fresca.

Ellen desviou o olhar, recusando-se a trair suas emoções. Estava ali apenas por Jane, para recuperar a amizade que seu marido havia feito de tudo para romper. As ações de Castlefield não a preocupavam. Ele poderia dormir com cada criada que conhecesse por tudo o que ela se importava. O céu sabia que seu marido tinha feito o mesmo.

Respirou fundo e afastou o humor melancólico que ameaçava tomar conta dela, dizendo a si mesma que tinha a ver com pensamentos sobre seu casamento infeliz e não com o homem que se virou para observá-la.

— Por onde devemos começar? — perguntou, sabendo que o filho de Jane não seria capaz de conter seu entusiasmo.

— Os leões! — Henry exclamou, puxando a mão de sua babá e tentando conduzi-los até a ponte.

— Com certeza. — disse Castlefield com uma risada. Indicou que as mulheres deveriam precedê-lo.

Claro, Henry tinha que estar na liderança, então ele e sua babá lideraram o pequeno grupo. Ellen ocupou seu lugar ao lado de Jane, enquanto Castlefield as seguia. Tentou ignorar a sensação de que seus olhos estavam sobre ela enquanto cruzavam a ponte levadiça para a torre, que abrigava o zoológico real.

Ellen passou o braço pelo braço livre da amiga e sorriu para Hope, cuja cabeça estava apoiada no ombro da mãe. — Ela vai ficar pesada.

— Eu sei. — Jane respondeu — Ela acordou muito cedo, esta manhã, graças ao seu irmão animado. Suspeito que dormirá durante a maior parte da visita desta manhã. Felizmente, Charles pode carregá-la se eu me cansar.

Os olhos de Ellen se arregalaram. — Castlefield? Ele se rebaixaria tanto, a ponto de fazer o trabalho de uma criada?

Jane riu. — Sei que está só provocando. Sabe tão bem quanto eu, que meu irmão não é assim. Na verdade, ele gosta de passar o tempo com os sobrinhos.

— Se diz.

Os olhos de Jane suavizaram.

— Senti tanto sua falta. Não posso expressar como fiquei feliz em saber que se juntaria a nós, hoje.

Quaisquer dúvidas remanescentes que Ellen pudesse ter, desapareceram diante da felicidade de sua amiga.

— Temos muito tempo para fazer as pazes.

Como prometido, Hope adormeceu quase assim que Castlefield pagou a guarda que os guiaria em sua excursão. A menina abriu o olho quando o leão rugiu, mas os fechou quase imediatamente, com um sorriso satisfeito no rosto.

Jane olhou para seu irmão, que se adiantou para tirar Hope de seus braços.

Jane suspirou. — Logo ela não se contentará em ser carregada e vai começar a correr por toda parte, assim como seu irmão.

As duas olharam para onde Henry estava, diante da jaula do leão, sua mão ainda firmemente segura por sua babá. O garotinho enchia o tratador de perguntas sobre o que os animais comiam e se alguém na Torre já havia sido atacado.

Castlefield moveu-se para ficar ao lado do menino, bagunçando seu cabelo escuro com a mão livre. Hope dormia em seus braços, mostrando ao mundo que pertencia àquele lugar. Com aquela visão, o coração de Ellen se apertou, com uma emoção que se recusou a reconhecer.

— Ele é muito bom com eles. — sentiu uma pontada de culpa por espalhar todos aqueles rumores sobre sua pessoa. Este era um homem que deveria se casar. Estava claro que seria um pai maravilhoso. Se também seria um bom

marido... Bem, ela se recusava a pensar nesses assuntos.

Qualquer que fosse o futuro, Ellen tinha certeza de uma coisa. Nunca mais se permitiria ser amarrada a um homem que tivesse controle absoluto sobre ela. Cometeu esse erro uma vez, casando-se por amor, quando seu irmão mais novo expressou dúvidas sobre Laughton, e isso nunca aconteceria novamente.

Ela e Jane estabeleceram uma camaradagem fácil, e sua proximidade ao longo da vida contribuiu muito para aliviar a tensão causada pelo rompimento de dois anos na amizade das duas. E era mais fácil estar perto de Castlefield, com tantas outras pessoas presentes.

Quando se aproximavam do fim da visita, Ellen não ficou surpresa ao ver seu antigo inimigo entregar Hope, que agora estava acordada, para a babá. Jane deu um passo à frente para pegar a mão de Henry, evitando que o menino voltasse correndo para ver os leões, que dizia, serem seus favoritos. A única decepção foi o fato de os macacos não estarem mais alojados na Torre.

Castlefield passou para o lado dela, para ocupar o lugar de Jane.

A mudança foi perfeita, e ela não teria notado seus movimentos casuais, se seu irmão não a tivesse treinado para estar alerta a tudo o que estava acontecendo ao seu redor. Não ficaria surpresa se Castlefield tivesse planejado isso com a irmã com antecedência. Deixara claro, quando conversaram pela última vez, que pretendia cortejá-la, e estava esperando que ele agisse de acordo com essa declaração.

Ele se abaixou e falou baixinho. Ao ouvir o timbre baixo da voz dele tão perto do ouvido, uma estranha emoção tomou conta dela. Recusou-se a pensar no motivo.

— Significa muito para Jane que tenha concordado em nos acompanhar, hoje.

Olhou-o, mantendo o tom uniforme.

— Sua presença não era necessária para esta visita.

Castlefield ergueu uma sobancelha.

— Quem teria carregado minha sobrinha adorável, mas surpreendentemente pesada, se eu não estivesse aqui?

Ellen permitiu que ele visse sua diversão diante de sua fingida inocência.

— É muito bom com eles. Eu não teria acreditado.

Deu a ela um olhar perscrutador. — Nem todos os homens são vilões, Ellen.

Desconfortável, ela desviou o olhar. — Minha experiência me mostrou que isso não é inteiramente verdade.

Ele balançou a cabeça. — Não tem feito companhia ao público certo, então. Lembra-se de como o marido de Jane era amoroso, e isso certamente não mudou, desde a última vez que o viu. Ela pode dizer como está feliz em seu casamento, e não faria isso para salvar as aparências.

Estava se referindo ao casamento dela, é claro, e a irritação aumentou quando se recordou de ter feito exatamente isso - fingir que estava satisfeita com sua situação - quando lhe perguntou, alguns anos depois dela se casar, se

estava feliz. Essa conversa estava se tornando pessoal demais para seu conforto, e ela procurou colocar alguma distância emocional entre eles.

— Henry o chama de tio Charles.

Um pequeno V se formou entre as sobrancelhas de Castlefield.

— Do que mais ele poderia me chamar?

— Vossa Graça?

Em vez de ficar irritado, Castlefield riu. — Pode ter sido assim que tenha sido criada, mas sabe muito bem que meus pais nunca exigiram uma formalidade tão circunspecta, quando estávamos em família. Jane e eu continuamos essa tradição, preferindo a proximidade que surge quando não se exige que seus parentes os tratem como estranhos.

— E Lorde Eddings concorda?

Castlefield sorriu. — Eddings faz o que sua esposa quer.

Uma pontada, do que Ellen só poderia presumir ser ciúme, passou por ela com a declaração. Teve que lutar por cada pedacinho de consideração em seu próprio casamento. Quando estavam bem e verdadeiramente unidos, Laughton havia cessado toda pretensão de se importar com os desejos de sua esposa. Afinal, ele mal se importava com o bem-estar físico dela.

Um silêncio tenso se instalou entre eles. Vários segundos se passaram antes que Castlefield falasse.

— Se não me falha a memória, também costumava me chamar de Charles.

Sim, chamava. Mas então, tudo mudou. — Nós costumávamos sermos amigos.

— Eu gostaria de voltar a isso. Sinto falta da nossa amizade.

Sua expressão era tão séria, suas palavras ecoando uma nostalgia semelhante, que ela nem sabia que existia dentro dela. Se ao menos pudesse confiar nele. Mas muitos anos se passaram e ela começou muitos rumores sobre sua inadequação, para acreditar que ele só queria amizade. Se estivesse em seu lugar, iria querer vingança, e que melhor maneira de conseguir isso do que acalmar seu inimigo com uma falsa sensação de segurança?

— Não tenho certeza se poderemos ser amigos novamente.

— Ellen...

Ela parou e se virou para encará-lo. Os outros do grupo continuaram. Quando ela teve certeza de que não estavam mais perto o suficiente para ouvi-los, falou.

— O que, exatamente, está planejando?

O sorriso dele era triste e Ellen teve de se lembrar que o seu próprio marido tinha sido um ator convincente. Ninguém, muito menos ela, teve a menor ideia de sua verdadeira personalidade, até depois de se casarem.

— Eu nunca deveria ter permitido que se casasse com Laughton.

Ellen o examinou atentamente por alguns segundos.

— Quanto meu irmão lhe contou sobre nosso casamento? — assim que a pergunta foi feita, ela balançou a cabeça bruscamente — Não importa, não quero que me responda. Mas ambos sabemos que não tive escolha. Achei que

estava perdidamente apaixonada por ele e meu pai aprovou o casamento. Ninguém poderia ter impedido.

Parecia que Castlefield estava prestes a discutir mais o assunto, mas, em vez disso, mudou o rumo da conversa.

— Vamos abandonar o passado. Gostaria que voltássemos à nossa antiga amizade. E então... — segurou uma das suas mãos — não estava mentindo quando disse que pretendia cortejá-la.

— É disso que se trata, hoje? Está usando sua família para se aproximar de mim? Presumo que pretenda fazer de mim motivo de chacota. Fazer-me acreditar que se importa comigo e depois me deixar de lado. Que rumores espalharia sobre mim, então? Eu teria o privilégio de ser chamada de viúva indesejada?

Sua raiva era real. Em vez de ficar triste por ter sido pego de surpresa, porém, Castlefield se endireitou em toda a sua estatura.

— Eu nunca a trataria dessa maneira. Laughton pode ter sido cruel, mas me preocupo demais com seus sentimentos, para escarnecê-la dessa maneira.

Observou-o cuidadosamente, esperando ver alguma falha em seu comportamento.

— Mesmo que a sociedade o chame de duque inadequado, apenas por minha causa?

Um canto da boca de Castlefield se ergueu, no que parecia ser diversão genuína. — Coisa engraçada isso. Quanto mais rumores circulavam sobre mim, mais procurado eu me tornava em certos círculos. Oh, os pais de todas as garotas que debutam todos os anos, fizeram questão de manter suas filhas longe de mim, mas aquelas mulheres com alguns anos de experiência... — deu de ombros — Digamos apenas que sou muito popular entre as viúvas. Também recebi minha cota de convites, quando várias integrantes da boa sociedade se viram sozinhas, porque seus maridos foram caçar, mas nunca fui de trair outro homem.

Ele a deixou sem palavras. Nunca, em um milhão de anos, ela havia esperado que alguns dos rumores que pensava estar inventando fossem verdadeiros. Quando ele ergueu a mão, levou toda a força que ela possuía para não recuar. Seus dias de recuar por um punho erguido terminaram. Além disso, logo percebeu que ele não estava prestes a bater nela. Em vez disso, pareceu acariciar seu queixo, e ela percebeu que estava boquiaberta.

Afastou-se dele. — Não sou uma dessas viúvas.

— Eu sei, o que significa que é ainda mais digna de minha atenção. Sempre foi, e lamento tê-la feito pensar o contrário.

Ellen balançou a cabeça. — Minhas defesas são lendárias. Deveria desistir agora e direcionar sua atenção para outro lugar. Se isso ajudar na sua busca por uma noiva, saiba que não pretendo mais espalhar boatos sobre sua pessoa. Mesmo que a maioria deles sejam verdadeiros.

— Sempre gostei de desafios e sei que o mesmo pode ser dito a seu respeito.

Seus olhares se encontraram e se mantiveram por vários segundos, e Ellen se viu sem saber o que dizer a este homem, que a estava olhando com uma intenção sombria. Felizmente, recebeu um alívio, na forma de um garotinho muito indisciplinado.

— Tio Charles, estamos esperando o senhor há muito tempo. Mamãe disse que agora podemos tomar um sorvete no Gunter's, mas temos que esperar que se junte a nós.

Castlefield riu e bagunçou novamente o cabelo do sobrinho. — Longe de mim ficar entre meu sobrinho favorito e seu merecido presente, por bom comportamento. — pegou a mão do menino e olhou para Ellen — Irá se juntar a nós?

Ellen precisava recuar, então balançou a cabeça. — Hoje não.

— Outra hora, então. Breve.

Permitiu que Henry o arrastasse e Ellen o seguiu. Notou a expressão curiosa de Jane, mas, cuidadosamente, conduziu a conversa de volta para alguns dos animais mais exóticos que viram durante a visita ao zoológico. Despediu-se quando cruzaram a ponte e deixaram a Torre para trás.

Sozinha, como disse a si mesma que preferia estar, permitiu que o laçao a ajudasse a entrar na carruagem que a esperava e voltou para a casa de seu irmão, na cidade.

Capítulo 4



A conversa que tivera com Castlefield pesou muito na mente de Ellen, naquela noite e na manhã seguinte, provavelmente porque odiava qualquer lembrança do seu casamento infeliz. Aquilo não deveria mais incomodá-la: Laughton morrera em um acidente de caça, há dois anos. Seguiu o período habitual de luto de um ano, mas, secretamente, ficou aliviada por estar livre do casamento. Estavam casados há apenas dez anos, mas parecia uma vida inteira.

Durante o último ano, trabalhou com o irmão, disfarçando-se de mulher mais velha e atuando como criada, em diversas ocasiões, quando ele precisava de alguém para vigiar as mulheres que estavam sob a proteção da Coroa ou sob seu escrutínio. É claro que Brantford também se certificou de colocar vários lacaios nessas casas, para garantir a segurança dela e de suas protegidas, mas Ellen praticou muito para poder se defender na maioria das situações. O fato dela ter sido, uma vez, totalmente impotente, completamente sob o poder do marido, era algo em que tentava não pensar.

Odiava ficar ociosa, mas, no momento, não tinha muito o que fazer. Brantford e sua nova esposa estavam fora de Londres, seguindo uma pista, que poderia provar que o pai de sua cunhada não havia cometido traição. Ellen esperava de todo o coração que encontrassem essa evidência. Gostava muito de Rose, e a jovem ficaria com o coração partido se seu pai fosse enforcado pelo crime, especialmente porque a cunhada estava convencida de sua inocência.

Seu tédio, enquanto esperava notícias de seu irmão, a levou a provocar Castlefield, planejando encontrá-lo no baile de máscaras, três dias antes. Era um de seus passatempos favoritos quando os dois estavam na cidade. Mas ele virou o jogo, colocando-a na defensiva, uma situação que não podia continuar.

Viu-se perambulando pela casa do irmão, naquela manhã. Jane mencionou que planejava fazer uma visita e Ellen achou impossível ficar parada, enquanto a esperava. Apesar de estar ansiosa pela presença da amiga, seus pensamentos centravam-se nos motivos de Castlefield, para tentar convencê-la de que queria cortejá-la. Eles se provocaram durante anos, mas seu amigo de infância nunca foi cruel. E, no entanto, a possibilidade de ele estar lhe dizendo a verdade parecia igualmente impossível de acreditar.

Só teria que perguntar a opinião de Jane sobre o assunto. Se Castlefield tivesse mudado, se tivesse se tornado o tipo de homem que não teria escrúpulos em ferir emocionalmente uma mulher — o tipo de homem que seu marido tinha sido — precisava saber. Sempre fora cautelosa perto dos homens, especialmente se mostrassem interesse nela, mas sua amizade anterior com Castlefield estava se revelando problemática. Achava impossível acreditar que ele iria tão longe para se vingar pelos rumores que espalhara

sobre ele, não quando estava claro que esses rumores não o machucaram nem um pouco.

Vagou até os fundos da casa e estava olhando para o jardim, quando o mordomo a informou que sua convidada havia chegado. Ellen instruiu-o a servir bebidas e correu para a sala de estar. Tinha visto Jane no dia anterior, mas ainda tinham muito o que conversar.

Jane levantou-se do sofá quando Ellen entrou na sala. Sem dizer uma palavra, Ellen foi até a amiga e lhe deu um abraço rápido, mas sincero.

Jane lhe sorriu quando Ellen recuou.

— Não há crianças em nosso caminho, hoje. Podemos conversar em paz.

Ellen esperou que Jane se sentasse novamente, antes de se acomodar ao seu lado. O passado ainda pesava em sua mente, e elas precisavam lidar com o motivo da distância que havia crescido entre elas para que pudessem superá-la.

— Sinto muito por duvidar de sua amizade. O que Castlefield lhe contou?

Jane enrijeceu por um momento, e Ellen achou que não iria responder.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Jane balançou a cabeça bruscamente. — Eu não deveria estar surpresa que Lorde Laughton tenha lhe dito que nós estávamos tendo um caso. Não é verdade...

Vendo sua angústia, Ellen se apressou em tranquilizá-la. — Eu sei. Eu preciso me desculpar por ter acreditado em qualquer palavra que ele dissesse sobre o assunto. Mas estava tão presunçoso e, quando fui visitá-la e não quis me ver, temi o pior. Eu nunca deveria ter duvidado de sua honestidade.

Jane desviou o olhar e Ellen teve a nítida impressão de que estava faltando alguma coisa. As próximas palavras de sua amiga fizeram seu estômago embrulhar.

— Seu marido se aproximou de mim, mas eu o rejeitei.

Ellen pegou a mão de Jane e apertou-a. — Sim, eu sei. Nunca me trairia dessa maneira. Laughton... — Ellen hesitou, sem saber ao certo o que dizer. No final, ela decidiu que era melhor deixar o assunto do marido no passado. — Bem, basta dizer que ele não era o melhor dos maridos. Eu me considerei afortunada quando me esqueceu e partiu para outras mulheres. Não me surpreende que a tenha abordado. Ele fazia disso um jogo para tentar me machucar.

— Não posso falar sobre isso. — disse Jane, puxando a mão do aperto de Ellen e envolvendo os braços em volta de sua barriga — Pouco depois que ele me assediou, tive complicações com minha gravidez...

A voz da amiga falhou e Ellen sentiu-se como um monstro, por ter mencionado aquele momento terrível.

— Hope é uma garotinha adorável. — disse, com a voz suave — Sempre quis uma filha. Claro, o melhor que posso esperar agora é que Brantford tenha filhos, para que eu possa mimar meus sobrinhos e sobrinhas. E, se me permitir, adoraria voltar a ser tia Ellen, para seus filhos.

Jane lhe lançou um olhar malicioso, que fez Ellen inclinar a cabeça em

questionamento.

— Poderia ser a tia deles de verdade.

Ellen forçou uma risada com a declaração de Jane.

— Castlefield a envolveu na farsa do cortejo?

Jane balançou a cabeça.

— Não é um fingimento, Ellen. Ele está falando sério.

Ellen foi poupada de responder, quando um lacaios chegou com chá e refrescos. Agradeceu ao criado e ergueu o bule para servir o chá.

— Ainda toma com leite e açúcar?

Jane assentiu e aguardou em silêncio. Ellen estava dividida entre querer mudar de assunto e pressionar a amiga para saber a verdade, mas não conseguia decidir o que faria com a informação. No final, Jane decidiu o assunto por ela.

— Charles está pronto para se estabelecer e acredito honestamente que quer fazê-lo contigo.

Ellen balançou a cabeça. — Seu irmão e eu temos muita história negativa para tornar isso possível. Além disso, depois do casamento que tive, não é provável que eu queira outro.

Jane lhe dirigiu um olhar com tanta simpatia e compreensão, que começou a perguntar-se se haveria segredos no seu próprio casamento. Mas suas próximas palavras a fizeram duvidar desses pensamentos.

— Se alguém merece ser feliz, é você. — disse, pegando a mão de Ellen — Quero que seja tão feliz quanto eu. Deveria dar uma chance a Charles.

Ellen examinou o rosto da amiga e percebeu que Jane estava absolutamente convencida de que tal casamento era possível. Uma pontada de remorso caiu como um peso de chumbo em seu peito. Talvez, noutra vida, se Laughton não tivesse sido tão cruel, ela pudesse se arriscar. Deus sabia que Castlefield era atraente, e o fato de seu irmão permanecer leal a ele dizia muito. Brantford sempre foi um bom juiz de caráter. Deveria tê-lo ouvido quando expressou seu descontentamento com seu noivado com Laughton. Claro, era jovem e se imaginava apaixonada, e isso foi antes de Brantford ascender à sua posição atual. Nunca imaginou que o homem com quem estava prestes a se casar lhe levantaria a mão, com raiva.

Ellen decidiu deixar de lado todos os pensamentos sobre os homens e concentrar-se na amizade que renascia, com a mulher que sempre foi uma irmã para ela, mas que nunca se tornaria uma na realidade.

— Vamos conversar sobre outras coisas. — disse Ellen — Não somos mais meninas, procurando chamar a atenção de um homem atraente.

O sorriso de Jane era triste, mas permitiu que mudassem de assunto. Pegou um pequeno bolo e deu uma mordida, suspirando de prazer.

— Lembrou-se da minha fraqueza por doces. Tive que bani-los da minha própria casa, ou teria o dobro da largura que tenho agora, mas nunca fui capaz de recusar, quando me eram oferecidos em outros lugares.

Ellen riu, sua tensão diminuindo.

— Tenho que tentá-la a continuar me visitando, de alguma forma.

Jane balançou a cabeça.

— Nunca mais vamos deixar que alguém se interponha entre nós. Falando nisso... não sei como perguntar, agora.

Ellen pegou a bandeja de doces, quando Jane estava prestes a pegar outro bolo, e segurou-o fora de seu alcance.

— Se quiser mais desses, irá parar de bobagem e falar logo o que quer.

— Tudo bem. — Jane disse com uma bufada de falso aborrecimento — Lembra-se de como sua família costumava visitar a nossa, em Sussex, todo verão?

— Claro. Sempre foi o ponto alto de nosso ano.

— Já se passaram alguns anos, mas gostaria de reiniciar essa tradição. Na verdade, é para lá que iremos, depois que meu marido terminar seus negócios aqui em Londres. Ficaremos na propriedade do meu irmão por algumas semanas, antes de partirmos para Brighton, onde temos nossa própria casa.

— Castlefield também estará lá?

Jane inclinou a cabeça para o lado. — Isso não será um problema, espero. Sei que os dois costumavam brigar quando eram mais jovens, mas pareciam se dar bem na Torre.

Ellen não pôde deixar de se perguntar se esse convite espontâneo teria sido por insistência de Castlefield. Apesar da sensação de que ele estava movendo as peças de um tabuleiro de xadrez imaginário, para promover quaisquer objetivos que tivesse em mente, se sentiu tentada a aceitar.

— Senti falta daquelas visitas de verão. Mas espero que meu irmão e sua nova esposa retornem à cidade em breve, e eu odiaria não estar aqui.

— Estenderei o convite a eles também, é claro. — seus olhos se arregalaram num apelo e Ellen devolveu a bandeja de doces. Jane pegou outro bolo pequeno e deu-lhe um sorriso tímido antes de continuar — Ainda não consigo acreditar que Brantford realmente se casou! Eu tinha certeza de que continuaria solteiro para sempre.

— Deveria vê-los juntos. — disse Ellen, com um sorriso afetuoso — Brantford se esforça ao máximo para manter seu ar de indiferença perto de Rose, mas está claro que se preocupa com ela. Estou tão feliz por ele... pelos dois.

— Então deixarei um convite para ele antes de partirmos para Sussex. Com alguma sorte, os veremos antes de meu marido e eu partirmos para Brighton. Por favor, diga que se juntará a nós.

Ellen hesitou. — Dada a recente animosidade entre seu irmão e eu, não tenho certeza se devo aceitar.

Jane mostrou seu desânimo e Ellen não pôde evitar sentir uma pontada de culpa. Sua amiga não tentou fazê-la mudar de ideia, não com palavras, mas a expressão de decepção em seu rosto fez muito mais para convencê-la do que meras palavras poderiam ter feito.

— Tudo bem. — Ellen disse, certa de que se arrependeria — Irei logo

depois que tiverem a chance de se acomodar.

Jane deu-lhe outro abraço rápido. — Ah, vamos nos divertir muito! E isso lhe dará a oportunidade de conhecer as crianças.

O entusiasmo da amiga era tão contagiante que Ellen começou a querer acreditar que tudo ficaria bem. Castlefield desistiria de sua ideia mal concebida, de que os dois se casariam, e ela recuperaria sua posição de quase irmã dentro da família.

Não examinou porque esse pensamento a deixava com uma pitada de tristeza, enquanto ouvia Jane falar sobre todas as coisas que havia planejado quando se retirasse para sua nova casa, em Brighton, dentro de algumas semanas.

Capítulo 5



Castlefield precisava queimar seu excesso de energia, então, depois de enviar seu valete na carruagem que carregava seus baús, naquela manhã, se dirigiu aos estábulos.

A estrada de Londres a Sussex era muito movimentada naquela época do ano, com a maioria saindo para aproveitar o clima em Brighton. Não havia muita chance de ser atacado por salteadores de estrada, mas, por precaução, usava roupas gastas e de cores opacas. A viagem levaria cerca de quatro horas a cavalo, dando ao seu valete tempo suficiente para ajudá-lo a se arrumar, antes de se juntar à mãe para jantar.

Sua mãe, a Duquesa Viúva de Castlefield, costumava passar o ano inteiro na casa em Sussex, deixando a residência de campo no Norte para Castlefield durante os meses de inverno. Sabia que fazia isso por sentir muita falta do marido. Suas lembranças mais felizes eram os verões que passaram na casa em Sussex, e, por isso, não se importou que ela tivesse escolhido torná-la sua residência permanente após a morte de seu pai.

E isso o levou de volta a pensar em seu próprio futuro. Não queria ficar imerso em sonhos que talvez nunca acontecessem, mas não conseguia parar de pensar em Ellen. Agora, é claro, percebia que tinha sido um tolo. Se não a tivesse afastado, quando ainda eram pouco mais que crianças, era provável que ele e Ellen estivessem casados. Quando percebeu que a garota de quem ele era amigo íntimo havia se tornado uma bela jovem, já era tarde demais. Ela se apaixonou por Laughton e aceitou sua proposta.

Intelectualmente, sabia que não era responsável pela dor que ela devia ter sofrido em suas mãos — não, a culpa por isso recaía diretamente sobre os ombros de Laughton — mas como as coisas poderiam ter sido diferentes se não tivesse rompido a amizade deles? Esses pensamentos o assombraram durante anos. Agora, cansou-se de esperar por ela.

Teria que ser cauteloso em sua abordagem. Ele lhe revelou suas intenções, mas tinha quase certeza de que não acreditou nele. Se acreditasse, suspeitava que ela já teria corrido na direção oposta. Escondendo-se em uma das propriedades do irmão ou, como era mais provável, vestindo um de seus disfarces e tentando se misturar em algum lugar onde ele não seria capaz de encontrá-la.

Quase teve uma parada cardíaca quando Brantford lhe contou que havia contratado Ellen em algumas de suas missões, desde a morte do marido dela. Seu amigo lhe garantiu que ela era mais do que capaz de cuidar de si mesma e que se certificava de que ela nunca corresse perigo real. Ainda assim, a ideia manteve Castlefield acordado por mais do que algumas noites.

Poderia atribuir o fato de ainda não ter desaparecido, ao conhecimento de que desejava compensar os anos que perdera com Jane e sua família. Isso e

sua curiosidade. Ellen sempre teve uma necessidade insaciável de saber tudo o que estava acontecendo. Sabia que se declarar daquela forma, especialmente porque não acreditaria que estivesse sendo sincero, despertaria o interesse dela quanto aos seus motivos. Mas teria de agir com cautela a partir de agora, mantendo-a na dúvida para que ela não desaparecesse.

Ter que esperar por ela testou os limites de sua paciência, já que não conseguia se livrar da sensação de que essa seria a única chance que teria de ganhar sua confiança. Pensou em uma série de estratégias, enquanto seu cavalo mantinha um galope constante. Quando finalmente chegou à propriedade, estava mais determinado do que nunca sobre seu atual curso de ação.

Não se incomodou em entrar nos estábulos. Com a chegada do seu criado, sua mãe sabia que ele estava a caminho e teria avisado a equipe para ficar atenta. Quando chegou à longa estrada que levava à casa, pôde ver a figura dela junto à porta da frente.

Deixou seu cavalo nas mãos competentes de um dos cavaleiros, que também o esperava por perto e foi cumprimentar sua mãe. Era uma mulher jovem quando o teve e ainda era impressionante. No entanto, seu cabelo escuro agora estava cheio de fios prateados, e o início de linhas finas marcava a pele ao redor dos olhos.

— Chegou cedo. — disse ela, envolvendo-o em um abraço.

Ele fechou os olhos, contente em aproveitar seu calor e amor, antes de se afastar e sorrir para ela. Nos últimos anos, seu pai tinha estado ao seu lado, mas nenhum deles falou de sua ausência. Ela falaria sobre ele mais tarde, mas agora não era hora para lágrimas.

— Jane chegará com a família amanhã. Ela me convidou para viajar com eles, mas eu mal podia esperar.

Sua mãe lhe deu um sorriso conhecedor.

— Não podia esperar ou não queria ficar confinado com uma criança indisciplinada que, sem dúvida, o estaria incomodando com perguntas o tempo todo?

Não se incomodou em corrigi-la. Embora soubesse que muitas famílias faziam seus filhos viajarem em carruagens separadas, com a governanta ou babá, isso nunca foi um hábito na própria família. A inquietação de Henry normalmente não o incomodava, mas temia que, em seu atual estado de preocupação, não fosse muito paciente com o menino. Não ficaria calmo, até que Ellen chegasse à propriedade.

Era como se sua mãe tivesse lido sua mente, quando ela falou novamente.

— Estou muito feliz em saber que Ellen retornará para uma visita. Já faz muito tempo, desde a última vez que ela e o irmão estiveram aqui.

— Jane estava animada. Espero que não seja um grande inconveniente. Sei que ela também convidou Brantford e sua nova esposa, mas não sei se eles conseguirão.

Pensou ter mantido a voz impassível, mas deve ter havido algo em seu tom

ou em sua expressão, que causou um brilho especulativo nos olhos de sua mãe. Claro, poderia ser simplesmente por ele ter trinta e dois anos agora e sua mãe estivesse ansiosa para vê-lo casado. Felizmente, ela não insistiu no assunto.

— Deveria se acomodar. Vejo-o às oito para o jantar. Isso nos dará a oportunidade de conversarmos, antes que a família de sua irmã chegue, amanhã.

Ele se abaixou para dar um beijo na bochecha de sua mãe e depois entrou. O que queria fazer era gemer. Conversar significava que sua mãe planejava questioná-lo sobre todos os aspectos de sua vida. E não demoraria muito para que a conversa voltasse ao assunto de herdeiros.

Capítulo 6



Ellen não tinha nada com que ocupar os seus pensamentos, enquanto a sua carruagem viajava de Londres para a propriedade de Castlefield, em Sussex. Saiu mais cedo e tentou se distrair, lendo. Mas, depois de permanecer na mesma página por algum tempo, enquanto seus pensamentos continuavam vagando, jogou o livro nas almofadas escuras ao seu lado, irritada.

Já fazia muito tempo que ela não tinha que lidar com a sensação de nervosismo se instalando na boca do estômago. Não desde que teve que se preocupar com o tipo de humor de seu marido. Os últimos dois anos de calma desde sua morte foram de um alívio abençoado, e ela não estava feliz com o retorno de suas emoções instáveis.

Pelo menos esse nervosismo não era causado pelo medo, uma emoção que ela conhecia muito bem. Mesmo quando o marido parou de ser rude com ela fisicamente - e ela poderia atribuir isso diretamente às lições do irmão sobre como se defender de um ataque - ainda teve que lidar com seu humor sombrio e insultos.

Não, a razão pela qual as borboletas atualmente se revoltavam dentro dela podia ser atribuída diretamente à Castlefield e decorreu de sua declaração ridícula. Convenceu-se, na semana, desde que Jane a visitou, de que ele estava brincando com ela, tentando se vingar por causar vários dos rumores que foram espalhados sobre ele. O fato de agora sentir uma pontada de culpa por ter criado o escândalo sobre seus apetites sexuais vorazes - um boato que certamente garantiria que ninguém iria querer ver suas preciosas filhas se casarem com ele - provava o quanto ele a perturbava.

O que mais a incomodava em toda a situação era que não conseguia parar de se perguntar como Castlefield tentaria cortejá-la. Será que ele seria implacável em seu assédio, como Laughton fora, ao tentar conquistar seu coração? Ou ele confiaria principalmente na infância compartilhada, tentando convencê-la de que a união entre eles seria lógica?

Passava pouco do meio-dia quando a carruagem diminuiu a velocidade e parou diante da propriedade. Ellen respirou fundo, várias vezes, tentando afastar o nervosismo. Não conseguiu, mas estava determinada a não deixar aparentar. Não daria vantagem a Castlefield na última batalha daquela guerra travada entre eles.

Quando a porta da carruagem se abriu, quase esperava encontrá-lo ali parado, com um sorriso insuportável no rosto. Em vez disso, olhou para o rosto impassível do laçao que a acompanhava, sempre que ela saía de casa, e que viajou ao lado do condutor da carruagem. Sacudiu a decepção, dizendo a si mesma que estava apenas ansiosa para arrumar uma briga, e permitiu que o laçao a ajudasse.

As lembranças de todos os verões que passou ali a fizeram sorrir

amplamente ao se aproximar da entrada principal. A casa era menor que a de sua residência de campo, mas, ainda assim, era impressionante e tinha duas alas. A última vez que visitou a família foi um ano antes dela e Laughton se casarem. Treze anos se passaram, desde aquele verão.

A porta se abriu assim que ela chegou, e uma onda de carinho a atingiu quando percebeu que Trenton ainda servia como mordomo. Ele se permitiu levantar levemente os cantos da boca, antes de assumir sua fachada impassível e se afastar para permitir que ela entrasse. Ondas de nostalgia tomaram-lhe conta e ela percebeu naquele momento o quanto sentia falta das visitas anuais de sua família. Depois que se casou, o marido lhe disse que não gostava da brisa do mar e, portanto, suas viagens a Sussex cessaram.

— É bom vê-lo, Trenton.

Ele respondeu com um simples inclinar de cabeça, mas Ellen percebeu que estava satisfeito em vê-la.

— A família a espera na sala matinal.

Ela agradeceu e seguiu pelo corredor arejado em direção aos fundos da casa. Não pôde deixar de sentir como se estivesse voltando para casa novamente. Aquela casa guardava tantas lembranças felizes de sua infância. Ainda mais tarde, quando seu irmão e Castlefield fugiam, largando-a para trás, passava o tempo pensando em maneiras de irritá-los quando voltassem. Naquela época, descarregara a maior parte de sua raiva em Castlefield. Seu irmão lhe dizia em diversas ocasiões que queria esperar por ela, mas seu amigo insistia que Ellen ficaria entediada em acompanhá-los. Seu irmão tinha sido tão sincero, que não teve coragem de continuar com raiva dele.

Castlefield era outro assunto, já que foram amigos e companheiros durante toda a infância. Teve que conter um sorriso ao lembrar quantas vezes ele invadiu seu quarto, furioso, depois de encontrar outro sapo ou cobra em sua cama. Era sua maneira favorita de mostrar-lhe o seu descontentamento, e ela nunca se cansava da indignação dele. Sabia que ele não tinha medo daquelas criaturas - afinal, foi ele quem a ensinou como capturá-las e lidar com elas - mas ele sempre aproveitava a oportunidade para repreendê-la.

O som de risadas a atraiu quando entrou na sala matinal. Sempre foi seu cômodo preferido da casa, com janelas altas ao longo de duas paredes, que permitiam que o sol entrasse desde a manhã até o final da tarde. Por elas se via o jardim logo adiante, e Ellen ansiava por passear por ele, mais uma vez. Seu olhar não estava naquela visão, mas sim em seus ocupantes, quando entrou na sala.

Jane estava sentada no chão ao lado do filho, brincando de algo que Ellen não conseguia discernir à distância. A duquesa viúva estava sentada numa poltrona, trabalhando num bordado. Uma expressão concentrada marcava o espaço entre seus olhos. Não notaram sua chegada silenciosa.

— Espero não estar interrompendo.

Três pares de olhos moveram-se para olhá-la, seguidos por Jane levantando-se de sua posição no chão e atravessando a sala para abraçá-la.

— Não a esperávamos até o final da tarde.

— Mal podia esperar para nos juntarmos, então saí logo pela manhã. — virou-se para encarar a duquesa viúva, que também havia se levantado de seu assento — Obrigada pelo convite, duquesa. — disse, com uma pequena reverência.

A duquesa estendeu a mão para pegar as de Ellen entre as suas e apertou-as levemente antes de soltá-las.

— É sempre bem-vinda aqui. Já faz muito tempo desde a última vez que nos visitou e muita coisa mudou.

Seu olhar se voltou para o neto, com um sorriso afetuoso no rosto. Mas Ellen sabia que ela se referia mais a todas as perdas que as suas famílias tinham sofrido ao longo dos últimos anos. O pai de Castlefield, os pais de Ellen e seu marido. No entanto, não lamentar a morte de Laughton não era algo que diria em voz alta.

— Eu não conseguia acreditar no quanto Henry havia mudado, quando o vi na semana passada. — disse Ellen, fazendo sua parte para manter a conversa leve — Ele é quase um jovem agora.

Henry abandonou o jogo e ficou ao lado da mãe.

— Eu me lembro da senhora. — disse — Nos encontramos na Torre.

Uma pontada apertou seu coração. É claro que ele não se lembraria dela de seus primeiros anos. Tinha apenas quatro anos quando Ellen e Jane pararam de se falar. Mas jurou que, antes que a visita terminasse, se tornaria novamente uma tia honorária aos olhos dele.

— Sim, foi isso mesmo. — disse, agachando-se diante dele — E, se bem me lembro, tinha uma irmã mais nova. A escondeu? — Ela fingiu uma carranca exagerada.

Henry riu e o som animou seu coração.

— Não. Tudo o que Hope faz é dormir o dia todo.

Jane colocou a mão no ombro de Henry, demonstrando claramente seu afeto pelo filho.

— Henry ficou muito desapontado por não termos dado a ele um irmão.

— Eu tenho um irmão mais novo. — disse Ellen.

Henry inclinou a cabeça para o lado.

— Tenho certeza de que ele não dormia o dia todo. A enfermeira diz que os meninos sempre têm muita energia

— Isso pode ser verdade para meninos que atingiram a idade de seis anos. Mas até os meninos tiram uma soneca quando são tão pequenos quanto a sua irmã.

A expressão no rosto de Henry disse que ele não acreditava nela. Queria puxá-lo para um abraço, mas hesitou, não querendo ultrapassar seus limites.

Jane deve ter percebido isso. Com um tapinha no ombro de Henry, disse:

— Dê as boas-vindas à sua tia Ellen.

Henry olhou para a mãe e disse no que deveria ser um sussurro, mas ficou longe desse ponto:

— Esqueci. — deu um passo à frente e passou seus bracinhos ao redor dela. A consternação com todos os anos que ela perdeu fez com que Ellen o abraçasse por mais tempo do que ela esperava, e logo ele estava se contorcendo em seus braços. Quando o soltou e se levantou, ele correu para brincar no chão.

— Pedirei chá. — disse a duquesa, indo até a campainha que estava escondida atrás das cortinas — Deve estar faminta.

Ellen inclinou a cabeça em agradecimento e voltou-se para Jane.

— Onde está todo mundo?

Ela não perguntaria diretamente sobre Castlefield, mas estava começando a pensar se ele teria mudado de ideia e permanecido em Londres. Ignorou a decepção causada pelo pensamento, dizendo a si mesma que sentiria falta do desafio de provocar o homem. Certamente não queria que tentasse cortejá-la, como ele declarou ser sua intenção.

— Charles e meu marido estão escondidos no escritório do meu irmão. Enviarei um laço para avisá-los de sua chegada. Sei que meu irmão, em particular, ficará feliz em revê-la.

Ellen não perdeu o brilho nos olhos de Jane e teve vontade de gemer. Parecia que a conversa da semana anterior pouco fizera para dissuadi-la de acreditar que ela e Castlefield se casariam. Lançou um rápido olhar para a mãe de Jane, cuja expressão era cuidadosamente neutra. Ellen nem queria imaginar que pensamentos passavam pela cabeça da mulher mais velha.

O som de vozes vindo do corredor anunciou a chegada dos dois homens e evitou que Ellen tivesse que abordar o assunto.

Quando os homens cruzaram a soleira, Jane foi até o lado do marido e cumprimentou-o com um beijo rápido na bochecha.

— Chegaram bem na hora. — disse — Ellen está aqui e pedimos para servirem o chá. — virou-se para Ellen — Sei que já faz alguns anos, mas lembra-se do meu marido, Lorde Eddings?

— Claro, milorde. — disse, fazendo uma pequena reverência — Lamento que não tenha podido juntar-se a nós em nossa visita ao zoológico real.

Lorde Eddings retribuiu a saudação com uma leve reverência.

— Assim como eu. Ouvi dizer que todos se divertiram.

— Castlefield. — disse Ellen, sem se preocupar em fazer uma reverência. Sua família já estava familiarizada com a rivalidade e não consideraria aquilo um insulto.

— É tão bom tê-la aqui, Ellen. Já faz muito tempo.

Antes que percebesse sua intenção, ele segurou sua mão e a ergueu. Olhou para a mão nua dela em sua própria mão sem luvas, antes de olhar para cima novamente, para encontrar seu olhar. Arqueando uma sobrancelha em uma pergunta silenciosa.

Foi preciso muito esforço para não puxar a mão e, em vez disso, esperar que ele beijasse o ar acima de seu pulso.

A duquesa balançou a cabeça.

— Pare de atormentar a jovem, Charles. Ela fez uma longa viagem sem paradas, imagino, para chegar tão cedo. Não está com disposição para suas brincadeiras.

— Claro, mãe. — disse. Mas Ellen percebeu, pelo leve brilho nos olhos dele, que estava longe de se arrepender.

Um laçao entrou então, salvando-a de ter que responder às provocações de Castlefield. Mas, quando Ellen se sentou, e observou Sua Graça servir o chá, não pôde deixar de olhar para onde Castlefield estava sentado à sua frente, esparramado numa poltrona.

Pela primeira vez, desde que se conheceram, ela se viu observando como ele era atraente. Não apenas reconhecendo o fato, mas notando sua aparência, de uma forma que uma mulher faria com um homem por quem se sentia atraída. Atribuiu esse fato às conversas que levaram àquela visita. Era quase impossível não o ver como um homem muito desejável. Alguém que, se acreditasse no que falou, queria cortejá-la.

Ele poderia tentar, é claro, mas não seria o primeiro homem a querer tirar vantagem de sua condição de viúva.

Sentindo-se melhor, disse a si mesma que era porque estava ansiosa para capturar outro sapo e colocá-lo em sua cama, no primeiro passo em falso. Era um impulso infantil, mas trouxe-lhe um sorriso ao rosto.

Capítulo 7



Havia acabado de chegar, mas Ellen já podia sentir suas preocupações começando a desaparecerem. Ao observar os rostos animados ao redor da mesa da sala de jantar, naquela noite, a conversa tomando conta dela, percebeu que estava feliz. Sentia falta daquilo, de estar com sua segunda família. Fazia muitos anos que não passavam o verão juntos, e a nostalgia a dominava firmemente.

Não tinha esquecido sua preocupação em relação ao irmão e sua nova esposa e à atual linha de investigação que estavam seguindo. Mas não era como se Brantford já não tivesse passado por algumas situações difíceis antes. Sabia que ele poderia cuidar de si mesmo e que protegeria Rose com sua vida. Não que isso fosse chegar a esse ponto, é claro. Era impossível imaginar uma situação em que o irmão não triunfasse.

Terminada a refeição, a duquesa viúva aproximou-se dela e deu-lhe um abraço rápido.

— Estou tão feliz que tenha decidido nos visitar. Infelizmente, não sou mais uma mulher jovem, então, vou me retirar. Nem preciso dizer, mas, por favor, essa casa é sua, enquanto estiver aqui. É livre para ir a qualquer lugar.

Ellen sorriu para a mulher mais velha, lembrando-se de como sempre gostou da mãe de Castlefield.

— Eu queria visitar os jardins, antes de me deitar. Acho que também estou um pouco cansada. Quase não dormi ontem à noite, na expectativa de estar aqui novamente.

Observou enquanto a duquesa saía da sala, seguida por Jane e seu marido. Jane já havia falado que gostavam de ver os filhos à noite e passar algum tempo com eles antes de dormirem.

Ao sair para os jardins, Ellen não pôde deixar de se perguntar para onde ele teria ido. Virou-se para se despedir dele, depois de desejar boa noite à mãe, e percebeu que já havia saído da sala de jantar.

O sol havia se posto e o luar lançava um brilho sobrenatural no verde exuberante dos arbustos bem cuidados. Seguiu pelo caminho principal, seus pensamentos vagando para os verões passados, quando ela e Castlefield costumavam se perseguir, brincando de esconde-esconde, entre os bancos e as plantas. Claro, isso foi antes de Brantford se tornar alguém que Castlefield considerava interessante. Foram os três por algum tempo, depois quatro, quando Jane, que era quatro anos mais nova que ela e Castlefield, teve idade suficiente para se juntar a eles. Ellen ainda se lembrava do dia em que seu amigo lhe dissera que estava velho demais para brincar com meninas. Isso provocou o início da rivalidade.

Por hábito, virou à direita e foi até o roseiral, que sempre foi seu lugar preferido para passar um tempo, sempre que visitava a propriedade. Respirou

fundo o ar perfumado enquanto caminhava sob o caramanchão até o refúgio isolado, parando por um momento, quando percebeu que Castlefield estava parado entre as flores vermelhas. Olhou-a e sorriu, como se tivessem combinado o encontro.

— Pensei que tivesse fugido esta noite. — disse, ignorando a expectativa que a invadiu naquele momento. Certamente não estava feliz por estar sozinha com o homem.

— Pensei em interceptar sua tentativa de travessura. Não esqueci o seu amor pelos sapos e sei muito bem como eles são abundantes aqui no lago.

Ellen não pôde evitar, riu alto ao ser pega. Estava em dúvida se deveria esperar até que ele a irritasse primeiro, antes de deixar uma surpresa para ele em sua cama, ou ir em frente, e se divertir antes. Decidiu deixar a decisão para o destino, planejando passear pelo lago, que ficava logo além do jardim de rosas. Se um sapo estivesse à vista, sem que o tivesse procurado, interpretaria aquilo como um sinal para prosseguir. Nunca admitiria, entretanto, que ele a conhecia tão bem.

— Deveríamos ficar sozinhos aqui? Não gostaria que me acusasse de tentar prendê-lo ao casamento.

— Minha família gostaria de ver isso acontecer. Mas não precisa se preocupar com a possibilidade de forçarem a questão.

Sua admissão casual de que sua mãe e sua irmã esperavam um casamento não a agradou. Na verdade, ela se sentiu um pouco desconfortável. Como um só, eles se viraram na direção do lago e caminharam em silêncio.

Foi Castlefield quem quebrou o silêncio. — Recebi notícias do seu irmão, esta tarde.

Ellen tentou parecer indiferente quando respondeu. — O que lhe disse? Ele e Rose estão bem?

Ele parou e esperou que ela se virasse e o olhasse. — Preocupa-se com eles.

Ela ergueu os ombros, em um gesto casual. — Estou sempre preocupada com meu irmão. É meu trabalho, como irmã mais velha.

— É apenas dois anos mais velha que ele e pare de tentar evitar esse assunto. Eles me levaram a acreditar que estavam em viagem de lua de mel à propriedade dele, mas a carta parece indicar o contrário.

Ellen pensou em mentir, mas, no final, decidiu contar tudo o que pudesse. Ele não trairia nenhuma informação sobre os movimentos de Brantford, e como o irmão dela não estava em uma missão que tivesse relação com a Coroa ou com a guerra com a França, imaginou que ele mesmo contaria a Castlefield, assim que o assunto for resolvido. Caso contrário, Brantford não teria contado ao amigo nada que o levasse a suspeitar que ele e Rose não estavam em sua propriedade.

— Sem dúvida, ouviu falar do escândalo em torno de sua nova esposa. Castlefield assentiu. — O pai dela confessou traição.

— Sim, bem, Rose está convencida de que seu pai é inocente. E Brantford

acredita que Lorde Worthington pode ter confessado o crime para evitar que qualquer dano acontecesse à sua esposa e filha.

— Entendo. — disse Castlefield, em tom neutro.

Para seu crédito, ele não pediu mais informações sobre o pai de Rose, o que serviu para elevar a opinião dela sobre ele. Não que acreditasse que ele fosse alguém que se envolvia em boatos inúteis, e certamente não sobre a esposa de seu amigo mais próximo, mas era humano. Era natural questionar-se sobre os detalhes, mesmo que essa curiosidade não surgisse de maldade.

Recomeçaram a caminhada, sem falar, por quase um minuto inteiro. Ellen esperou que lhe dissesse alguma coisa, mas ficou claro que não forneceria mais informações sobre a carta de seu irmão.

Queria exigir que ele entregasse a correspondência que havia recebido. Podia haver uma mensagem escondida nas entrelinhas, que Castlefield não entenderia. Em vez disso, mantendo o tom calmo, perguntou:

— Pode compartilhar o que diz a carta?

— Eu posso fazer melhor que isso. Pode lê-la por si mesma. — com um sorriso, enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma folha de papel dobrada.

Ela não conseguiu conter um pequeno suspiro de aborrecimento ao pegar a página. Os dedos dele estavam nus, assim como os dela, então ela tomou muito cuidado para evitar tocá-lo.

— Poderia simplesmente ter me entregado a carta no início desta conversa, se era para me deixar ler.

— Acho que gosto muito de fazê-la implorar.

Seus olhos se estreitaram. — Eu nunca imploro.

— Ainda não, talvez, mas um dia, em breve, o fará.

Ignorando a emoção que a atravessou ao ouvir o tom íntimo da voz dele, dizendo a si mesma que estava apenas ansiosa para provar que ele estava errado, desdobrou o papel. A lua fornecia luz suficiente para que ela pudesse lê-la sem muita dificuldade.

Castlefield,

Fiquei surpreso ao receber o bilhete de Ellen, informando que ela havia decidido renovar a tradição familiar e passar o resto do verão em Sussex. Acho prudente avisá-lo de que ela carrega uma adaga para sua proteção pessoal e sabe muito bem como usá-la, então, tome cuidado.

Ellen não conseguiu conter o sorriso divertido ao imaginar como Castlefield teria recebido aquela notícia. Ela se perguntou quanto tempo ele levaria para perguntar sobre aquilo. Mas era mais provável que ele pensasse que Lucien estava brincando.

Escrevo-lhe, pois ela não disse quando planejava chegar e não queria arriscar que minha carta se perdesse. Sei que ela está preocupada, então, por favor, transmita-lhe a notícia de que Rose e eu tivemos algum sucesso. Estamos a caminho de Londres agora, para

cuidar dos assuntos de lá.

Se não for muito ousado, minha esposa passou por muito estresse durante toda essa provação e, originalmente, planejava voltar para nossa propriedade e passar o resto do verão lá, na solidão. Mas acredito que lhe faria bem ficar na companhia de familiares e amigos. Ela e Ellen se aproximaram, apesar de se conhecerem pouco.

Nossas famílias nunca fizeram cerimônias e sei que sua mãe sempre nos recebeu de braços abertos. A menos que eu ouça o contrário, deve esperar uma visita, em uma ou duas semanas.

Brantford

O alívio de Ellen foi tão profundo que ela não se importou por estar sorrindo como uma idiota. Sem colocar em palavras, seu irmão estava lhe dizendo que haviam encontrado a prova que procuravam. Se estavam voltando para Londres, isso significava que ele esperava apresentar a prova e providenciar a libertação do pai de Rose. A esposa de Brantford devia estar muito aliviada, pois este capítulo sombrio da vida de sua família terminaria em breve.

E Lucien e Rose se juntariam a eles, dentro de duas semanas.

— Um dia vou ouvir a história completa de Brantford, mas estou feliz que as coisas pareçam ter funcionado para meu amigo e sua nova condessa.

— Eu também. Fiquei preocupada com a forma como Rose estava lidando com essa situação.

Por um momento, Castlefield pareceu pesar as palavras antes de perguntar:

— Ela se casou com ele apenas para obter sua ajuda para provar a inocência de seu pai?

Ellen balançou a cabeça com firmeza.

— Absolutamente não. Ela se importa muito com ele. Na verdade, acredito que o ama. E ele também se preocupa, ou nunca teria se casado com ela. Só Deus sabe que ele é mais do que capaz de lidar com situações como aquela em que a família dela se encontrava. O fato de ele ter se casado com ela para mantê-la segura diz muito sobre a profundidade de seus sentimentos.

Suas palavras pareciam ter acalmado sua mente.

— Pensei isso, mas Brantford não seria o primeiro homem na existência a cuidar mais de sua esposa do que ela dele. Fico feliz em saber que não é o caso aqui.

— Não, não é. Não há nada pior do que o amor não correspondido, especialmente quando se descobre que o objeto desse amor não o merece.

De alguma forma, evitou estremecer, quando percebeu o que acabara de admitir. Olhou para Castlefield e ficou aliviada ao ver que ele não a olhava com pena. Na verdade, ele não estava olhando para ela, mas para o caminho à frente. Ela não perdeu a maneira como sua mandíbula ficou tensa.

Por um momento cheio de horror, ela se perguntou se Brantford teria compartilhado com aquele homem os detalhes de seu casamento. Mas não,

certamente o irmão dela não teria traído sua confiança. Ele estava acostumado a guardar todo tipo de segredo no trabalho que fazia para o governo. Nunca compartilharia o que ela lhe revelou.

Afastou o pensamento. Pelo que sabia, Castlefield também sofrera decepções no campo do amor, talvez até como resultado direto dos rumores que ela espalhara sobre ele. Rumores que pareciam inocentes na época. Sim, serviram para lhe dar a reputação de duque inadequado, mas sabia que muitas mulheres seriam atraídas por sua reputação perigosa.

Sua nova linha de pensamento era quase mais angustiante que a anterior, e ela percebeu que a última coisa que queria era pensar nos casos amorosos de Castlefield.

Ele não estava mais andando e ela só percebeu quando ele tocou seu cotovelo. Ela parou e virou-se para encará-lo, surpresa ao ver sua testa franzida de preocupação.

— O que foi? — perguntou, quando ele não falou imediatamente.

— Eu gostaria de lhe pedir um favor.

Uma versão mais jovem de si mesma teria respondido com um simples “qualquer coisa”. Mas estava mais velha e mais sábia agora.

— O que é?

— Gostaria de pedir uma trégua nas hostilidades entre nós.

Ellen quase riu do ridículo daquele pedido.

— Dificilmente chamaria nossa interação atual de hostil.

— Não. — disse com uma leve carranca — Claro que não. Foi uma frase equivocada. Quis dizer que quero que sejamos amigos novamente.

Seu coração traidor parecia estranho em seu peito, e ela não sabia dizer por quê. Disse a si mesma que estar ali — mesmo que tivesse passado menos de um dia — trouxera à tona lembranças felizes e que estava descobrindo que sentia falta da amizade com Castlefield.

Visando uma leveza que estava longe de sentir, disse:

— Certamente não tem tanto medo de um sapinho. Deve ter visto uma cobra e está preocupado que eu a veja também.

Um canto de sua boca se ergueu em diversão.

— Senti sua falta, Ellen. Estou feliz que tenha decidido aceitar o convite da minha irmã.

— Eu também. — disse, ignorando o brilho do luar nos cabelos escuros de Castlefield e a forma como as sombras acentuavam os planos de seu rosto. Era um homem atraente, e, naquele momento, ela teve consciência de sua presença de uma forma que a fez sentir-se, um pouco desconfortável. Ainda bem que ela não era mais uma donzela dada a devaneios de fantasias românticas, ou correria o risco de evocar todo tipo de bobagem em torno desse passeio ao luar — Mas não significa que não deva verificar sua cama antes de dormir, esta noite.

Capítulo 8



Demorou uma semana para Ellen perceber que estava se comportando de maneira irracional.

Na maior parte do tempo, ficava com Jane e, ocasionalmente, com as crianças. Fazia longas caminhadas e até conseguia encontrar uma sala silenciosa para realizar as habilidades que seu irmão lhe ensinara, para que permanecessem afiadas. Agarrou-se a essa atividade, agora mais do que nunca, para lembrar a si mesma que ainda estava no controle.

Sua consciência de seu inimigo de infância a fez se perguntar se ela se sentia atraída por ele e a levou a evitá-lo, sempre que possível. Disse a si mesma que não estava se escondendo dele, mas agindo de maneira lógica. Nada de bom poderia advir de passeios ao luar por um jardim perfumado, quando alguém estava se sentindo sentimental em relação ao passado. Não tinha motivos para acreditar que Castlefield estaria esperando por ela novamente no roseiral, mas não era um risco que queria correr.

Quando acordou naquela manhã, porém, percebeu que estava agindo como covarde.

Não foi capaz de evitá-lo completamente, é claro, já que ambos estavam em sua propriedade. E até agora ele não tinha feito nada que justificasse o surgimento de alguma surpresa para ele em sua cama. Estava dividida sobre isso. Por um lado, seria bom passar por esta visita, sem qualquer negatividade. Mas se ele tinha sido sincero em querer cortejá-la, ela se sentia desconfortável com a ideia de uma trégua das hostilidades entre ambos.

Quaisquer que fossem seus verdadeiros motivos, a cada dia ficava mais claro que ele não planejava se esforçar muito nessa empreitada. Certamente, se tivesse a intenção de cortejá-la, faria de tudo para procurar sua companhia. Desde a última vez que se falaram, só o via durante as refeições noturnas, quando a família toda também estava presente.

Certamente não ficou desapontada com esse fato.

A partir dessas conversas no jantar, ficou claro que ele passava parte de seus dias entretendo o sobrinho e a sobrinha. A revelação desse fato a deixou perplexa no início, mas começou a se perguntar se ele estava escolhendo passar um tempo lá, por causa da jovem babá.

Disse a si mesma que foi apenas a curiosidade que a fez visitar o berçário naquela tarde. O quarto ficava no segundo andar da casa, de frente para os jardins dos fundos. Ellen se aproximou da porta aberta e levantou uma mão para bater levemente no batente da porta, mas parou quando percebeu a cena diante dela. Recusou-se a reconhecer a estranha sensação de vibração em seu peito.

Henry estava com a cabeça inclinada sobre uma tarefa em uma mesa baixa, enquanto sua babá supervisionava, sentada ao lado dele. Mas o que lhe

chamou a atenção foi a maneira como Castlefield segurava a jovem sobrinha contra o peito e sorria para ela. Quando ele falou com Hope, foi no que só poderia ser chamado de voz cantarolante.

Seria um bom pai. Logo após essa descoberta, estava sua certeza de que não queria vê-lo arrulhar por causa de um bebê, que teve com outra mulher. Era injusto que os homens pudessem adiar o casamento e não se preocuparem em poder ter filhos, enquanto, aos trinta e dois anos, ela já poderia ter passado da idade de ter seus próprios bebês.

Teve que desviar o olhar de Castlefield para controlar suas emoções rebeldes. Já havia decidido que nunca mais se casaria, então, não importava se ela seria capaz de ter filhos.

Depois de se dar um momento, Ellen bateu levemente no batente da porta e entrou na sala espaçosa. Esperava que Castlefield agisse como se não o tivesse testemunhado fazendo algo que a maioria dos homens consideraria embaraçoso. Em vez disso, um canto de sua boca se ergueu em um sorriso torto. Isso a lembrou muito do garoto de quem ela já foi amiga. Para sua surpresa, ele continuou falando com Hope no mesmo tom alegre.

Ignorando o quanto a perturbava vê-lo brincar com sua sobrinha, fez o possível para manter a voz calma.

— Quando descobri que gostava de visitar o berçário, fiquei convencida de que Jane estava me enganando.

Deu-lhe um olhar enigmático, que ela não conseguiu decifrar.

— Não é segredo que sempre tive uma relação próxima com a minha família e é quase impossível resistir à exuberância da juventude. Mesmo que Henry e Hope me façam sentir velho.

— Isso é porque está velho, tio Charles.

Ellen riu, observando Henry olhar para sua babá. Ambos se levantaram quando ela deu a conhecer a sua presença.

A jovem estava com os braços cruzados, uma carranca franzindo a testa.

— O que eu disse sobre insultar os mais velhos, meu jovem?

— Sinto muito. — disse Henry. Mas ficou claro, pelo brilho em seus olhos antes de desviar o olhar, que estava longe de estar arrependido.

— Parece que seu sobrinho herdou sua propensão para travessuras. — disse Ellen, com tom seco.

Não conseguiu conter o sorriso ao ver o modo como Castlefield balançou a cabeça, com uma expressão de falsa consternação no rosto.

— E o mundo continua a girar.

— É verdade.

O olhar de Castlefield suavizou-se e ela achou quase impossível desviar o dela. Não gostava desse homem diante dela, então, por que seu coração estava começando a amolecer? Só porque ele estava segurando uma criança nos braços?

Uma criança que parecia ter acabado de adormecer.

— Parece que Hope acha sua companhia menos que brilhante. — queria

acrescentar algo sobre, se aquele era um problema que ele tinha com todas as mulheres, mas tinha consciência da outra mulher presente na sala. A babá das crianças estava preocupada com Henry, mas Ellen percebeu que estava muito interessada na conversa que estava tendo com Castlefield. Não pôde deixar de se lembrar de como o marido havia flertado com a maioria das mulheres mais jovens da equipe doméstica e se pegou pensando, não pela primeira vez, se havia alguma coisa entre a babá e Castlefield. O pensamento a incomodou mais do que deveria.

— Admito que comecei a vir aqui todos os dias a esta hora, para poder passar alguns minutos com minha sobrinha antes que durma, à tarde. Era pouco mais que um bebê da última vez que a vi. Mal posso acreditar o quanto cresceu.

Castlefield entregou a criança adormecida à babá, que se materializou ao seu lado, quando Ellen mencionou que tinha adormecido. Ellen observou-os cuidadosamente em busca de qualquer sinal de familiaridade. Conhecia bem os olhares ruborizados e desviados, trocados entre seu marido e muitas das jovens criadas de sua casa. Mas não viu nada de desagradável na forma como Castlefield e a babá das crianças interagiam.

Não percebeu que Henry havia se movido, até sentir uma pequena mão deslizando na sua.

— Tio Charles vai me levar aos estábulos para minha aula de equitação.

Tentou abaixar a voz, mas, como costumava acontecer com as crianças, a tentativa de Henry de sussurrar ficou muito aquém do esperado. A babá lançou um sorriso afetuoso, antes de desaparecer por outra porta com Hope.

— Pode vir conosco? — Henry perguntou.

A pergunta de Henry a pegou desprevenida. Olhou para Castlefield, que encolheu os ombros casualmente, como se dissesse que não teve nada a ver com o convite espontâneo. O homem pode não ter tido a oportunidade de conspirar com o sobrinho, mas isso não significava que não iria aproveitar a oportunidade que lhe foi apresentada.

Ellen não teve coragem de negar o pedido de Henry, mesmo que sua inclinação inicial fosse continuar evitando o tio do menino. Mas lembrou a si mesma que não iria mais se esconder dele. Afinal, era mais do que capaz de passar alguns momentos caminhando lado a lado com Castlefield.

— Parece uma ideia maravilhosa. Está uma tarde linda e eu estava pensando em dar um passeio.

Henry começou a puxar a mão dela, mas parou abruptamente e deu-lhe um sorriso tímido.

— A babá diz que devo me lembrar de ser paciente.

— Eu sei como isso pode ser difícil. — disse Castlefield — Mas tenho certeza de que coisas boas acontecem para aqueles que esperam. — havia algo estranho no tom de sua voz que perturbou Ellen. Especialmente quando seus olhos passaram dos de Henry para encontrar os dela novamente, antes de se voltar para o sobrinho — Ou foi o que me disseram. E, se posso aprender a ser

paciente, sei que também poderá.

Ellen se absteve de comentar. Afinal, dificilmente seria um bom exemplo começar a irritar Castlefield na frente de uma criança impressionável.

Saíram do quarto das crianças, com Henry preenchendo o silêncio que se instalou entre os dois adultos, com histórias sobre suas aulas de equitação e o quanto ele havia melhorado desde o ano passado.

Henry manteve a mão dela durante todo o caminho, e Castlefield acompanhou do outro lado do menino.

Uma pequena parte dela esperava que Castlefield se despedisse em algum momento, antes de chegarem aos estábulos. Poderia dizer a si mesma que não estava mais se escondendo dele, embora evitasse lidar com suas emoções confusas. Mas, se havia uma coisa que ela aceitara, era o fato de que sua vida nunca foi fácil.

Castlefield ficou com eles o tempo todo, fazendo comentários apenas quando Henry lhe fazia uma pergunta. Ellen manteve o olhar fixo na criança, mas não perdeu a forma como o corpo de seu amigo ficou ligeiramente tenso quando chegaram aos estábulos.

— Smithers?! — ele gritou.

Ellen virou-se para ele, sem se preocupar em esconder a surpresa.

— Ele ainda está aqui?

Castlefield acenou em direção à parte de trás dos estábulos, onde um homem mais velho e magro enfiou a cabeça para fora de uma das baias. Era muito mais velho do que Ellen se lembrava, seu cabelo agora era quase inteiramente branco e sua pele desgastada pelo tempo passado ao sol. Mas era definitivamente o mesmo homem que era encarregado dos estábulos quando a família dela costumava visitá-los.

— Chegaram cedo. — disse — Não os esperava por mais meia hora.

Ellen riu - o tempo não suavizou o homem nem um pouco.

— Eu não posso acreditar que ainda esteja aqui. Achei que o senhor já teria se cansado de Sua Graça há muito tempo.

Smithers se virou para ela, com a cabeça inclinada para o lado, enquanto tentava reconhecê-la. Ela percebeu o momento em que ocorreu, pela forma como seus olhos azuis se iluminaram.

— Quem é vivo sempre aparece. É bom vê-la novamente, Srta. Ellen. Eu me perguntei quando viria me visitar.

Viu Castlefield abrir a boca para corrigir o homem, mas antecipou-se com um tapinha rápido em seu braço. Não queria ser lembrada de que agora era a Viscondessa Viúva Laughton. E não era como se não estivesse acostumada a ser tratada com tanta familiaridade. Ellen assumira muitos disfarces nos últimos dois anos, quando trabalhava para o irmão, e não se importava com a falta de formalidade do velho cavaleiro.

Smithers, não teve problemas quando começou a trabalhar para o pai de Castlefield, pois não tinha homem igual quando se tratava de cuidar de cavalos. Sempre soube onde traçar os limites, no entanto. E agora ela

imaginava que seria quase um membro da família.

— Devemos voltar mais tarde? — Henry perguntou. Ficou claro pela expressão no rosto do menino, uma mistura de esperança e pavor, que ele não queria fazer a pergunta.

Smithers franziu a testa em contemplação, fazendo o menino esperar apenas o tempo suficiente para que Henry quase pulasse de ansiedade, antes de sorrir.

— Fico sempre feliz em vê-lo, Sr. Henry. Pode me ajudar a selar sua montaria, antes da aula de equitação.

Henry deu um passo à frente, antes de se virar e fazer uma reverência formal a Ellen. Ela lhe fez uma reverência em resposta, com um sorriso afetuoso no rosto, enquanto o observava sair com Smithers.

Castlefield virou-se e esperou que ela o acompanhasse, enquanto se afastavam dos estábulos. Seus pensamentos se encheram de lembranças de verões passados, quando Smithers supervisionava suas próprias saídas de infância.

Olhou-a enquanto retornavam para casa.

— Não a vi muito na semana passada.

Se ele esperava que admitisse que o estava evitando, ficaria desapontado.

— Viu-me todas as noites, no jantar.

Ele parou diante de um grande carvalho, que ambos haviam escalado muitas vezes durante a juventude. Ellen ficou tentada a continuar andando, mas também parou.

— Não é suficiente, Ellen. Esperava que, pelo menos, pudéssemos recuperar nossa amizade.

E assim, ela apercebeu-se que não era o luar que a levava a se sentir atraída por Castlefield. Seus olhos escuros pareciam perfurá-la, e uma sensação de antecipação fez seu coração acelerar. Nunca admitiria isso. Mal conseguia suportar o fato de ter chegado a essa conclusão perturbadora.

Uma mudança de assunto era necessária.

— Jane tem me mantido ocupada. E quando ela está ocupada em outro lugar, faço caminhadas. Estou me familiarizando novamente com a área.

— Claro. — disse, recostando-se no carvalho.

— Achei que estaria ocupado demais para notar. — era mentira, mas ela esperava que ele fosse um cavalheiro e não iria contradizê-la. Estava errada.

— Embora eu tenha certeza de que isso é verdade, nós dois sabemos que está me evitando.

Ellen cruzou os braços, sabendo que a postura era defensiva, mas não se importando naquele momento.

— Não quero ter essa conversa novamente.

Os olhos dele se estreitaram um pouquinho, e ela sabia que queria insistir no assunto. No final, ergueu um ombro de uma forma casual e retomou a caminhada de volta para casa. Ellen o seguiu, determinada a manter o equilíbrio.

— Jane e sua família irão para Brighton, em breve. — disse Castlefield — Eles estão ansiosos para tomar posse de sua nova propriedade. Estamos perto do mar aqui, mas não o suficiente para o gosto dela.

— Sempre gostei de Brighton. — Ellen sentiria falta da irmã de Castlefield, mas, agora que haviam reparado a brecha na amizade, sabia que a veria novamente, em breve.

— Eu lembro.

Ellen olhou para ele e não pôde deixar de se perguntar o que ele estava pensando.

— Acho um pouco preocupante que ela não tenha me convidado para uma visita.

Castlefield olhou para ela. — Deve saber que Jane é casamenteira. Não quer nos ver separados tão cedo. Mas não se preocupe, ela pedirá que se junte a eles, antes do verão acabar.

Não esperava que ele reconhecesse os esforços de sua irmã para unir os dois. — Entendo.

Ele riu de sua resposta simples. — Nunca foi tão fechada. O que aconteceu com a garota despreocupada, que não teria pensado duas vezes antes de me dizer o que realmente pensa sobre essa ideia?

— Ela se casou.

Não deve ter feito um bom trabalho em esconder qualquer indício de emoção em sua voz, pois Castlefield parou de andar e se virou para encará-la novamente. Esperava ver pena em seus olhos e se fortaleceu quando encontrou seu olhar. Em vez disso, viu uma pitada de raiva.

— Sim, casou-se. E culpo-me por isso.

Ellen abandonou toda pretensão de indiferença. — Não tenho certeza se entendi.

— Lembra-se daquele verão, quando seu irmão e eu tínhamos acabado de voltar da escola? Foi o primeiro ano dele e fiquei com sua família por alguns dias, antes de vir para cá.

Lembrava-se bem. Queria que seu irmão fosse a primeira pessoa, além dos pais, a saber que ela havia aceitado a proposta de Laughton. Estava tão animada para compartilhar a notícia, que nem se importou que Castlefield estivesse presente quando contou a Brantford.

— Lembro-me. E lembro também da recepção nada entusiasmada de Lucien à notícia, mas esperava por ela. Sempre escondeu suas emoções. Foi a sua reação que doeu. Já tínhamos sido amigos e pensei que ficaria feliz por mim.

Em vez disso, ele disse algo sobre Laughton só a querer por causa de seu nome e conexões. Disse-lhe que não era possível que o homem que a cortejava com tanto empenho realmente se importasse com ela, muito menos a amasse. As sementes de seu ódio por este homem foram plantadas naquele dia, e só pioraram quando ela descobriu que ele estava certo.

Sua mandíbula se apertou e ela teve a nítida impressão de que ele estava

lutando para decidir o que dizer. Não teve que esperar muito antes que ele respondesse.

— Como eu poderia ser feliz? Algo fundamental mudou dentro de mim naquele dia. Não sei por que, mas, quando saiu para receber seu irmão, toda sorrisos e vestida de azul, foi como se a estivesse enxergando pela primeira vez. Nunca a tinha visto mais feliz... ou mais bonita. — balançou levemente a cabeça — E cada fibra do meu ser se rebelou ao pensar que outro homem era o responsável.

Ellen examinou seu rosto, certa de que ele devia estar mentindo, mas não viu sinais de engano. Ainda assim, não conseguia acreditar no que ele parecia estar dizendo.

— Não.

Ele se aproximou, mas não a tocou, mantendo as mãos cruzadas atrás das costas.

— Sim, Ellen. Percebi, naquele momento, que me importava contigo muito mais do que como um amigo. Que queria que fosse minha. E, ao mesmo tempo que cheguei a essa conclusão, soube que a tinha perdido para sempre. Que minha estúpida necessidade de provar que minha família estava errada, que nunca seríamos nada além de amigos de infância, me levou a afastá-la e já era tarde demais. Eles estavam certos o tempo todo, vendo algo em nossa amizade, que eu era muito jovem para ver, e muito menos reconhecer.

Ellen se afastou dele. Isso não poderia estar acontecendo.

— Nunca disse uma palavra.

— Oh, acredito que sim.

Ela se virou para encará-lo novamente.

— Sobre Laughton, sim. Mas nada de concreto. Sabia que ele era um monstro?

A tristeza nos olhos dele quase partiu o coração dela em dois.

— Não. Ouvi pequenos rumores sobre ele ser egoísta, mas, maldição, o mesmo poderia ser dito de mim. Eu nunca imaginei...

Ellen levantou a mão para impedi-lo de continuar.

— Não. Se tiver detalhes íntimos sobre meu casamento, não quero ouvi-lo.

— Seu irmão não me contou nada. Mas logo descobri como ele era com outras mulheres. E tive que confiar que Brantford a manteria segura.

E ele manteve. Seu irmão lhe ensinou como se defender da força superior de um homem. Ensinou-a a usar uma adaga, que ela mantinha amarrada na coxa até hoje. Mas não antes de seu marido mostrar sua verdadeira face.

— Deveria ter-lhe contado como me sentia, em vez de atacar por causa do meu ciúme.

Várias emoções ameaçaram tomar conta dela. A primeira foi o arrependimento e a raiva, mas não de Castlefield. Estava com raiva de si mesma. Da garota ingênua e boba que ela já foi.

— Não teria importância. Laughton desempenhou bem o seu papel. Eu realmente acreditava que ele me amava e o amava demais para dar ouvidos.

Não teria sido capaz de me desviar do meu propósito. Mas deve saber que não sou mais a mesma jovem tola. Não serei conquistada facilmente com palavras doces.

— Acho que meus gostos recaem sobre mulheres que sabem o que querem. — inclinou-se mais perto, fazendo com que a respiração dela ficasse mais curta, quando ela viu o calor em seus olhos — Diga-me, Ellen, o que quer quando está sozinha em seu quarto, à noite?

Ela sabia que não seria sensato responder, mas ninguém nunca lhe fizera essa pergunta antes, e ela descobriu que queria contar a ele. Abrir-se para este homem que a conhecia há mais tempo do que seu próprio irmão.

— Não sei se consigo confiar em outro homem. Mas, se eu pudesse, gostaria de estar com alguém que me enxergue como eu sou. Não apenas como um troféu a ser conquistado e exibido de vez em quando.

O silêncio se estendeu entre eles por longos momentos antes que Castlefield respondesse.

— Eu a enxergo.

Aquilo a deixou perdida. Naquele momento, não se importou se ele estava dizendo a verdade. Nunca reconheceu esse desejo para si mesma, mas, estar ali, estava causando estragos em suas defesas. Culpou o sentimentalismo causado por estar novamente em Sussex. Não ajudou o fato de ter sido testemunha de muitas demonstrações de afeto entre Jane e seu marido.

E, que Deus a ajudasse, ela se sentia atraída pelo homem diante dela, de uma forma que nunca imaginou ser possível.

Ele a pegou pela mão e ela permitiu.

— Não deveríamos fazer isso. — suas palavras saíram em um sussurro ofegante.

— Posso beijá-la, Ellen?

Ela deveria negar seu pedido. Dizer que nada poderia acontecer entre eles e depois voltar para casa, sozinha. Em vez disso, seu olhar mergulhou em sua boca, enquanto ela se perguntava como seria beijar um homem que não era o seu marido, agora falecido.

— Vou interpretar o seu silêncio como um consentimento.

Capítulo 9



Castlefield se viu olhando nos olhos expressivos de Ellen quando o olhar dela encontrou o dele. Seu rosto estava inclinado para cima em um convite, seus olhos azuis arregalados e sua respiração irregular. Esperou um pouco mais antes de se mover, não querendo que permanecesse nenhuma dúvida sobre se ela queria que parasse. Quando ela não se afastou, abaixou a cabeça.

O triunfo surgiu dentro dele quando as pálpebras dela começaram a baixar. Ele fechou os olhos e inclinou ligeiramente a cabeça, a antecipação pesada em suas veias.

No momento seguinte, estava deitado de costas, olhando para o céu nublado.

Ellen estava a um passo de distância, a expressão em seu rosto lhe dizia que estava tão surpresa quanto ele com a forma que aquele momento havia terminado.

— Eu não quis... eu não sei... — balançou a cabeça bruscamente e suspirou — Eu o machuquei?

Castlefield não foi capaz de conter a risada que explodiu. Tentou conter-se, mas a expressão de indignação no rosto de Ellen o derrotou novamente. Deveria saber que nada seria fácil com ela.

Elevando-se sobre ele, Ellen franzindo a testa, os braços cruzados sob a tentadora exibição de seus atributos. Seus lábios se contraindo, como sinal revelador de que ela tentava conter sua própria diversão.

Ele se levantou, outra risada escapando.

— Eu realmente preciso me desculpar. Não sei o que deu em mim.

Pelo ar assombrado que brilhou em seus olhos, Castlefield sabia exatamente o que havia acontecido com ela. Memórias de Laughton e de tudo que lhe deve ter feito, antes que ela aprendesse a jogar um homem adulto de costas, com aparentemente pouco esforço.

— Sem danos. Como bem sabe, já sofri mais quedas ao longo dos anos.

Ficou aliviado quando a tensão quebrou e os cantos da sua boca se ergueram em um sorriso genuíno.

— O dois já decidiram quem era o melhor cavaleiro?

— Eu, é claro. Embora, se lhe perguntar, ele, sem dúvida, lhe dirá que não sei do que estou falando.

Ellen desviou o olhar e ele esperou. Quando o encarou novamente, não escondeu sua infelicidade.

— Temo que não sou muito boa nisso. Deve considerar mudar para alguém que valha melhor seu tempo e esforço. Alguém mais jovem.

Com um movimento lento e cuidadoso, pegou a mão dela. Meio que esperava encontrar-se deitado de costas novamente, mas ela aceitou seu toque. Ambos usavam luvas, e ele se perguntou se ela teria permitido aquela pequena

intimidade se não fosse esse o caso.

— Esperei tanto tempo, posso esperar um pouco mais.

Sua cabeça inclinada para o lado, seus olhos parecendo perfurá-lo.

— Às vezes, quase me faz acreditar que o absurdo que está dizendo é verdade.

— É, e um dia desses irá acreditar em mim.

Depois de apertar-lhe a mão, ele a soltou. E não pôde deixar de acrescentar:

— Da próxima vez, permitirei que inicie o beijo. Talvez então eu não precise me preocupar se serei arremessado ao chão.

— Parece muito confiante de que esse dia chegará.

— Chegará — disse. Tinha que chegar.

Capítulo 10



Ellen não desceu para jantar naquela noite e Castlefield sabia que era sua culpa. Tinha falado cedo demais, revelou muito de seus sentimentos. E, pior ainda, despertou memórias sobre seu falecido marido, quando tentou beijá-la. Mas passou muitos anos cheio de arrependimentos por não ter falado abertamente quando teve a oportunidade. Após a morte de Laughton, sabia que Ellen não lamentaria o marido. Ainda assim, não podendo apressá-la, esperaria o tempo apropriado.

Repassou suas opções muitas vezes em sua cabeça e sabia que nunca seria um bom momento para dizer-lhe que há muitos anos tinha percebido que se importava com ela mais do que como uma amiga de infância. Muito mais.

Seus erros do passado continuaram a assombrá-lo. Foram inseparáveis durante todos aqueles verões, enquanto cresciam. Tinha doze anos quando percebeu pela primeira vez que seus pais os estavam juntando, na esperança de unir as duas famílias. Achava que seria bom ter uma menina como melhor amiga, mas a ideia de se casar com ela era estranha e indesejável, e ele não queria ter nada a ver com esses planos. Mas foi só depois de ter falado contra o noivo de Ellen, o ciúme cego que o fazia ser pouco gentil com o homem por quem se apaixonou, que ela passou a odiá-lo.

Não permitiria que isso acontecesse novamente, agora que ambos eram mais velhos e mais sábios. Mesmo que Ellen nunca pudesse amá-lo, estava determinado a derrubar as barreiras que existiam entre eles. A tarefa não era fácil, mas, se fosse necessário, a aceitaria novamente como nada mais do que uma boa amiga.

Ignorou a pontada de dor causada pela ideia de observar de longe enquanto ela se apaixonava por outro homem. Mas agora era sua hora, deles, e se ela permitisse, lhe mostraria o que realmente significava ter um homem que a amasse do jeito que ela merecia.

Depois de vê-la se afastar, no dia anterior, decidiu não abusar da sorte esta manhã. Normalmente ele tomava seu café da manhã cedo, antes que alguém se levantasse e saísse para passear, aproveitando o início tranquilo do seu dia. Retornava cerca de uma hora depois e se dirigia ao escritório para examinar a papelada, que sempre parecia se multiplicar da noite para o dia.

Isso era de se esperar, já que seu título vinha acompanhado de muitas propriedades, e por isso geralmente dedicava o resto da manhã respondendo à correspondência dos administradores de suas diversas propriedades, lendo suas sugestões de melhorias e comparando-as com a renda que cada propriedade trazia. Nos dias em que um conjunto de contas o esperava, sabia que também teria uma tarde tediosa. Ainda assim, o trabalho só aumentaria se ele o ignorasse, e por isso criou o hábito de abordar os assuntos à medida que surgiam.

Mas depois da ausência de Ellen durante o jantar na noite anterior, considerou evitar a correspondência que ainda permanecia em sua mesa e, em vez disso, esperá-la na sala de café da manhã. Pelo que Jane lhe contara, geralmente passavam algum tempo juntas após o café, e a presença de sua irmã garantiria que não houvesse silêncios constrangedores. Mas não conseguia afastar a preocupação de que pressionar Ellen agora pudesse levá-la a regressar a Londres.

Assim, depois de retornar de seu passeio matinal, foi para o escritório. Ao se sentar na cadeira de sua mesa, pegou a carta que havia chegado no dia anterior. Não precisou ler novamente. Eram algumas linhas de Brantford dizendo a Castlefield que ele e sua nova esposa chegariam esta tarde. Sempre poderia usar as notícias como desculpa para conversar com Ellen no café da manhã.

Balançou a cabeça e empurrou o bilhete para o lado da mesa. Por mais que quisesse forçar a questão do relacionamento deles, deixaria Ellen com sua pacífica rotina matinal. Ele a veria mais tarde, depois que o irmão e a cunhada chegassem. Ela não estaria escondida em seu quarto novamente, esta noite, então, agora era a hora de planejar o próximo passo.

Capítulo 11



Ellen quase perdeu a esperança de ver o irmão e a nova esposa em Sussex. Uma semana inteira se passou, desde que ele tinha enviado aquele bilhete para Castlefield, e não tiveram mais nenhuma palavra.

Seu instinto inicial depois do desastroso quase beijo com Castlefield no dia anterior foi pedir que uma carruagem fosse preparada para que ela pudesse retornar a Londres. Resistiu ao impulso e, em vez disso, alegou estar com dor de cabeça e retirou-se para o quarto, para passar o resto do dia. Gostava de pensar que não era mais aquela jovem impulsiva de vinte anos, que pensava em se casar com o homem dos seus sonhos, mas, na verdade, não estava imune a tomar decisões precipitadas das quais se arrependeria mais tarde. Pelo menos agora era madura o suficiente para saber que precisava esperar pelo menos um dia para que suas emoções se acalmassem, antes de decidir o que fazer.

Não podia negar que, à medida que passava cada dia sem outra carta, aumentava sua preocupação de que algo tivesse dado errado com Brantford e sua esposa. Era provável que o irmão não tivesse conseguido salvar o pai de Rose da força, afinal. A nota que ele enviou a Castlefield parecia indicar o contrário, mas talvez não importasse que o homem não fosse, de fato, culpado. Confessou traição para proteger a vida de sua esposa e filha. Contudo, isso poderia ser algo que ele não pudesse retratar, mesmo com a influência de Brantford.

À medida que o novo dia amanhecia, Ellen percebeu que não queria ir embora. Disse a si mesma que o motivo era por não querer se separar de Jane novamente tão cedo, mas a verdade era muito mais perturbadora.

Depois que Castlefield confessou que sentia um interesse romântico por ela, anos atrás, sua mente se apagou de choque e ela precisou fugir. Mas agora que tivera a oportunidade de refletir sobre o assunto, não podia negar que estava intrigada. No mínimo, as ações dele eram um quebra-cabeça que ela desejava desvendar.

Ele disse no baile de máscaras que pretendia cortejá-la, e Ellen pensou que estaria armando algum jogo. Seria possível que ele se importasse de verdade? Ou apenas queria que ela acreditasse nisso para que pudesse ganhar vantagem na guerra que se desenvolveu entre os dois na idade adulta?

Embora seu marido já estivesse morto há dois anos, Ellen sabia que ele ainda influenciava seus pensamentos e ações. Não sabia se chegaria o dia em que seria capaz de acreditar na palavra de alguém. Nem sabia dizer se queria que esse dia chegasse. Sua crença inabalável nos motivos dos outros certamente não lhe fizera nenhum favor no passado.

Mesmo assim, sabia que não poderia fugir do que estava acontecendo entre ela e Castlefield. Não até que descobrisse a verdade por trás de suas palavras.

Tendo tomado a decisão de permanecer, Ellen desceu para a sala de café da manhã. Normalmente, Castlefield não se juntava à família para a refeição matinal, então não esperava ter que lidar com ele logo de início. Ignorou a leve pontada de decepção por hoje não ser diferente.

Cumprimentou Jane, Lorde Eddings e a Duquesa Viúva e sentou-se à mesa. Não pôde deixar de se perguntar o que o dia traria. Pela primeira vez em anos, o futuro parecia cheio de possibilidades.

Já era meio-dia quando o viu novamente. Não conseguia decidir, se ele estava brincando de gato e rato com ela, ou se estava lhe dando o espaço, que sem dúvida achava necessário, depois de sua confissão, no dia anterior. Mas fosse qual fosse a verdade, estava determinada a deixar de lado suas dúvidas quando o encontrou na biblioteca.

Jane tinha ido ao berçário para passar um tempo com os filhos, e Ellen tirou esse tempo na biblioteca. Escolhera um romance e estava enroscada em uma poltrona confortável ao lado de uma janela que dava para um jardim lateral, menor.

Olhou para cima quando sentiu um movimento na porta e ficou surpresa ao encontrar Castlefield parado ali. A rigidez de seus ombros lhe disse que ele não tinha certeza de sua recepção. Ellen ficou feliz por deixar de lado o livro, que não despertou seu interesse, e deu a Castlefield um sorriso cauteloso. Quase podia ver a tensão nele desaparecer. Certamente o seu próprio sorriso tornou-se caloroso em vez de cauteloso.

— Se está procurando um livro, posso recomendar um que não deveria ler. — disse com uma careta exagerada para o volume grosso que havia deixado de lado.

O som da risada de Castlefield animou-a.

— Estou aqui para informar que temos dois convidados chegando.

Levantou-se, quase com medo de que ele a estivesse provocando novamente.

— Brantford está aqui?

— A carruagem dele está parando na frente da casa enquanto conversamos. — hesitou por um momento antes de continuar — Posso ter recebido uma nota, ontem, informando-me de sua chegada iminente. Espero que me perdoe por guardar essa informação, mas queria lhe fazer uma surpresa.

Não conseguia ficar nem um pouco irritada quando uma mistura de alívio e felicidade tomou conta dela. Tudo deve ter funcionado como o irmão e a cunhada esperavam. Só conheceu Rose pouco antes de os dois se casarem, mas, nesse tempo, ela viu o quão ferozmente leal a mulher era. Rose nunca teria saído do lado do pai, se ele ainda estivesse condenado à forca. O que só poderia significar que seu irmão conseguira provar que Lorde Worthington era inocente do crime de traição.

Castlefield deu um passo para o lado e ela agradeceu, enquanto caminhava pelo corredor. Juntos, foram até a frente da casa.

— Eu deveria estar zangada contigo por me esconder a carta de Brantford,

mas estou tão aliviada.

Um canto de sua boca se ergueu.

— Seu sorriso vale qualquer ira que eu possa ter arriscado.

Ellen não conseguiu conter a pequena risada que lhe escapou. Por alguma razão, já não a incomodava que Castlefield parecesse ter decidido que era seguro prosseguir com o seu plano de cortejá-la. Estava mais do que à altura da tarefa de se defender. Na verdade, estava ansiosa pelo desafio.

Vozes os levaram para a sala da frente, que estava cheia de gente. Jane e a Duquesa Viúva estavam ausentes, mas Lorde Eddings estava em uma conversa atenta com Brantford e Rose. Um laçao pairava no corredor, sem dúvida aguardando novas instruções.

O que chamou a atenção de Ellen, enquanto ela estava na porta, foi o sorriso afetuoso no rosto de seu irmão, enquanto ele olhava para sua esposa. Era evidente que ela acabara de dizer algo que o divertiu. Ellen sabia que ele se importava com Rose quando lhe pediu para cuidar da jovem, no início daquele ano. Até brincou com ele sobre seus sentimentos, antes dele declarar sua intenção de se casar. Brantford lhe disse que se casaria com Rose com o único propósito de mantê-la segura, mas Ellen sabia que o irmão nutria sentimentos pela jovem. Apesar disso, ficou chocada ao vê-lo tão aberto com suas emoções.

Raramente tinha visto um toque de calor em sua expressão nos últimos anos. Humor irônico, sim, mas nunca uma demonstração aberta de afeto. Não, desde que era um menino, antes que o peso da expectativa que seu pai depositara em seus jovens ombros o transformasse em um estranho distante.

Ocorreu-lhe que não estava mais olhando para o Conde de Brantford como o mundo o via, o homem que todos passaram a chamar de conde inatingível, mas para seu irmão, Lucien. Até aquele momento, não tinha percebido o quanto sentia falta dele.

A revelação deixou-a com a estranha sensação de que, de alguma forma, o mundo tinha mudado. Seu irmão era um mestre em controlar suas emoções, deixando que os outros adivinhassem o que ele estava pensando ou sentindo. E como ele tinha uma certa qualidade, que fazia com que todos quisessem obter sua aprovação, isso significava que as pessoas trabalhavam arduamente pelo menor sinal de que gostasse deles. Não conseguia se lembrar da última vez que o viu tão aberto.

Não era só o fato de ele estar sorrindo para Rose que fazia seu peito ficar apertado. A expressão no rosto de seu irmão deixava claro para qualquer um que os observasse, que Brantford amava sua esposa. Se houvesse alguma dúvida quanto a esse fato, seriam banidas, assim que os vissem juntos.

Ellen sacudiu o choque e entrou na sala para cumprimentar os recém-chegados.

— Como não recebemos nenhuma notícia, fiquei desesperada por vê-los aqui, neste verão. — deu um abraço rápido em Rose, sussurrando: — Como foi tudo? — teria que esperar para saber todos os detalhes, mas esperava ouvir

a confirmação de que a missão deles havia corrido bem.

O sorriso de Rose foi resposta suficiente.

— Eu lhe contarei tudo mais tarde.

Um sorriso correspondente se espalhou pelo rosto de Ellen. Assentiu, apertando as mãos de Rose, antes de se virar para encarar seu irmão.

— Ellen. — ele disse a título de saudação. Mas havia um brilho em seus olhos que ela não via há anos. Ah, como sentia falta do travesso irmão mais novo.

— Estou tão feliz que tenha se juntado a nós, Lucien.

Seu irmão ergueu uma sobranceira ao ouvir seu nome de batismo. Ela o chamava pelo título, logo que ele o herdou, dizendo que sentia falta do jovem despreocupado que ele fora. Sua boca se contraiu e ele fez uma reverência exagerada. A maneira como a olhou, com um calor genuíno que ela não via há anos, mostrou que ele entendia a razão por trás do uso incomum de seu nome de batismo. E, se não estivesse enganada, aquilo o agradou.

Ah, sim, Rose realizou um verdadeiro milagre no pouco tempo que esteve na vida de seu irmão.

Rose era uma jovem atraente, com o cabelo castanho escuro, contrastando com a cor clara do irmão. Mas, além da beleza, sua nova cunhada também tinha charme, inteligência e uma astúcia que a tornavam a combinação perfeita para Brantford.

Ellen a observou lançar aquele feitiço em Castlefield.

— Meu marido me prometeu uma viagem de casamento adequada, mais tarde, mas nenhum de nós poderia ignorar a atração de amigos e familiares. Obrigada por nos permitir ficar.

Ellen não pôde deixar de comparar a mulher que estava diante dela agora, com aquela que ficou tão magoada, quando todos que ela considerava amigos a abandonaram, depois que seu pai confessou a traição. Brantford foi sensato ao trazê-la para Sussex. Ellen a conheceu pouco antes de se casar com seu irmão, mas, naquela época, já a considerava como uma amiga. E não tinha dúvidas de que Rose e Jane logo se tornariam amigas também. Considerando o número de mulheres que Rose conhecera e que a abandonaram quando o escândalo atingiu sua família, Ellen estava ansiosa para ver essa amizade se desenvolver.

Como se pensar na amiga evocasse sua presença, Jane entrou na sala e foi até o marido.

— Acabaram de me avisar de que temos convidados. — fez uma profunda reverência diante de Brantford, seus olhos brilhando de diversão quando ela disse: — Milorde. Estou tão feliz que tenha decidido nos agradecer com sua presença.

Para choque de todos, exceto de sua esposa, Brantford riu. Ellen não conseguia acreditar que aquele fosse o mesmo Conde de Brantford que deixara Londres, apenas um mês antes. Não o ouvia rir há anos.

Sua voz estava desprovida de humor quando ele retribuiu a saudação com

uma reverência formal.

— Obrigado pelo convite. Por favor, permita-me a honra de apresentar minha esposa, a Condessa de Brantford.

Uma covinha apareceu na bochecha de Jane quando ela fez uma nova reverência.

— Seu marido sabe que é sempre bem-vindo aqui. E devo dizer que estou muito feliz em conhecê-la, milady.

Rose inclinou a cabeça. — Por favor, me chame de Rose. Espero que possamos nos tornar amigas, considerando como são próximos.

Lorde Eddings acrescentou: — Nunca pensei que veria o dia em que Brantford se casaria. Mas, observando-os juntos, fico feliz em descobrir que estava errado. Existem poucas coisas na vida mais gratificantes do que um casamento feliz.

Lorde Eddings olhou para a esposa e Ellen percebeu que a sua declaração tinha agradado a Jane.

Castlefield balançou a cabeça exageradamente.

— Ele está satisfeito por ter ganhado nossa aposta. Eu provavelmente não deveria admitir isso, mas Eddings e eu tínhamos um dinheiro em jogo para ver quem ganharia sua mão. Sempre afirmou que se milady se casasse, algo que nenhum de nós tínhamos certeza se aconteceria, seria por amor. Eu, por outro lado, fui tolo o suficiente para afirmar que milady se contentaria com uma união prática. Alguém que nem chegaria perto de tocar seu coração.

Brantford ergueu uma sobrancelha ao ouvir isso. Ele e Castlefield se conheciam há tempo suficiente para que o irmão dela não precisasse falar, e esse movimento por si só transmitia o que ele estava pensando.

Castlefield soltou uma pequena risada. — Sim, acredito que finalmente aprendi a nunca antecipar suas ações.

Houve uma gargalhada diante do desgosto alegre na voz de Castlefield, mas Ellen não pôde deixar de concordar com ele. Apesar de saber que seu irmão tinha sentimentos pela esposa e de ter ficado feliz quando eles se casaram, foi mais do que perturbador ver evidências de que eles realmente se amavam.

Não conseguia deixar de pensar em seu próprio casamento infeliz, mas rapidamente esmagou as lembranças de sua decepção com sua própria união. Dois casais felizes, embora raros, não mudaram o fato de que a maioria dos membros da sociedade se casava apenas por razões práticas.

— Estou surpresa que a duquesa não esteja aqui. — disse Ellen, procurando mudar o assunto do amor no casamento — Pensei que talvez estivesse no berçário contigo, Jane. Por mais que eu saiba que ela não gostaria de perder a chegada do meu irmão, ficará desapontada por não estar aqui para conhecer Rose.

Podia sentir o peso do olhar de Castlefield sobre ela, mas o ignorou. Não queria correr o risco de olhar nos olhos dele, o que atribuía ao fato de que, diferentemente dos outros dois casais na sala, nunca haveria amor entre eles.

E, embora ela não esperasse nem quisesse isso para si nesta fase de sua vida, não precisava ser lembrada de que sua vida estava de alguma forma incompleta.

Não foi Jane, mas Castlefield quem respondeu.

— Mamãe decidiu visitar um dos vizinhos. Ficará insatisfeita comigo, por não a ter avisado que os convidados chegariam hoje, mas não queria estragar a surpresa para Ellen.

Jane deu de ombros. — Tenho certeza de que a alegria dela em ter os dois aqui irá ofuscar seu aborrecimento com meu irmão. Sei que ela está ansiosa para conhecer a esposa de Brantford. — virou-se para Rose e acrescentou: — Ela sempre o considerou um filho honorário.

Rose levou a mão ao peito, sua boca se curvando um pouco para baixo.

— Devo me preocupar?

Brantford a pegou pela mão e lhe deu um beijo em seu dorso.

— Ela ficará tão encantada contigo quanto eu.

— Especialmente se vir os dois agindo assim. — o comentário irônico de Castlefield fez todos rirem novamente.

— Esqueça meu irmão. — disse Jane, olhando de Castlefield para Ellen — Ele vai entender um dia.

Ellen fez questão de desviar o olhar. Mais do que tudo, odiava ser alvo de boatos. A última coisa que queria era que surgissem especulações sobre ela e o amigo se tornarem um casal. Já era ruim que Jane e sua mãe esperassem exatamente isso. Não queria que Rose ou seu irmão adicionassem suas vozes ao coro.

Jane virou-se para Rose e continuou. — Colocamos uma equipe preparando o quarto verde para sua chegada, quando recebemos sua primeira carta, declarando a intenção de nos visitar. É o mesmo quarto que Brantford usava, sempre que vinha.

Este inclinou a cabeça em reconhecimento, mas sua tentativa de retornar ao seu comportamento mais sério foi frustrada por Rose, que lançou um olhar malicioso ao marido antes de dizer: — Terá que me dizer como meu marido era quando menino. Ele queria que eu acreditasse que sempre foi a mesma pessoa sensata que é hoje, mas acho isso impossível de acreditar.

Ele soltou um suspiro sofrido, mas não conseguiu controlar sua habitual aparência de descontentamento, enquanto olhava para sua esposa.

Castlefield deu-lhe um tapinha nas costas. — Essa é a nossa deixa para irmos embora, meu velho, antes que sua irmã nos espete com sua excelente memória.

Ellen não conseguiu conter a risada. — Qual história devo contar primeiro? São tantas, que vou levar um minuto para decidir.

— Certo. — Brantford deu outro beijo rápido nas costas da mão de Rose, antes de se virar para Ellen — Tente não me envergonhar muito. — então, virou-se para o marido de Jane e disse: — Pode nos dar dez minutos, antes de se juntar a nós?

— Covarde. — Rose disse para as costas do marido que estava partindo.

Ellen tentou ignorar a pontada de decepção que sentiu ao ver o irmão e Castlefield saírem juntos da sala. A situação trouxe de volta muitas lembranças de momentos semelhantes, quando os dois partiam juntos, deixando-a de lado. Só que, desta vez, esperavam que um terceiro se juntasse a eles, e, mesmo assim, não era ela.

Recusou-se a acreditar que sua decepção tivesse algo a ver com o fato de Castlefield quase não ter prestado atenção nela.

Afastando esses pensamentos de sua mente, virou-se para sua nova cunhada. — Fez um milagre com meu irmão. Mal parece o mesmo homem.

Jane balançou a cabeça. — Não entendo por que todo mundo o chama por aquele apelido ridículo. O Conde inatingível. Sempre o achei muito acessível.

— Então, é a exceção. — disse Rose, enquanto se acomodava em uma cadeira, esperando um momento, até que Ellen e Jane se sentassem no sofá — Tenho certeza de que o fato de suas famílias serem tão próximas e de terem sido praticamente criados juntos ajudou para que pudesse ver um lado dele que poucos viram. Eu não deveria admitir isso, mas estava desesperada em conseguir que ele olhasse para mim, e, mais ainda, que me cortejasse. E se alguém tivesse me dito no início da temporada que nos casaríamos dentro de um ano, teria questionado sua sanidade.

— É verdade. — disse Ellen, com um aceno triste de cabeça — Sempre imaginei que se meu irmão se casasse, seria com alguém tão frio e emocionalmente distante quanto ele. Achei que o melhor que resultaria de tal união seria que sua esposa tolerasse minha presença em suas vidas. Nunca imaginei que ele iria gostar de uma mulher tão encantadora quanto Rose. Alguém que realmente se tornaria como uma irmã para mim.

Jane lançou um olhar conspiratório para Rose enquanto dizia: — Falando em irmãs...

A cabeça de Rose virou na direção de sua cunhada, seus olhos se arregalando. — O que foi isso? Existe algo entre Ellen e o duque? Deve me contar tudo.

Lorde Eddings, que assistia em silêncio, balançou a cabeça. — E com isso, devo me despedir.

Jane fez uma careta de decepção. — Eu não pretendia afugentá-lo.

— Não o fez. Irei olhar as crianças, antes de procurar pelo seu irmão. Devo admitir que estou intrigado com este novo lado de Brantford. Não espero que esteja igual, longe da presença de sua esposa, mas nunca se sabe.

Rose esperou apenas o tempo suficiente para Lorde Eddings sair da sala, antes de se voltar para Ellen, com os braços cruzados e uma sobrancelha levantada, em expectativa.

Ellen esperava não ter essa conversa imediatamente.

— Temo que Jane esteja tendo um ataque de ilusões. Confundi a trégua entre mim e seu irmão como algo mais.

Suas palavras serviram apenas para intrigar Rose.

— Trégua? Agora isso tenho que ouvir. Pelo que soube da última vez, foi a responsável pelos rumores sobre Lorde Castlefield ser o duque inadequado. Isso mudou?

Jane ofegou. — Era você?

Ellen ficou dividida entre o riso e a culpa.

— Pareceu uma boa ideia na época. Ele era tão odioso comigo.

As sobranceiras de Jane se uniram em uma careta.

— Nem sempre. Eu era muito jovem para lembrar, mas mamãe me disse que os dois já foram muito próximos.

Ellen ergueu um ombro, no que esperava ser um gesto casual.

— Sim, mas isso acabou quando ainda éramos bem jovens. Quando percebeu que preferia infinitamente a amizade dos homens e não podia mais se incomodar com meninas bobas.

— Ele realmente não lhe disse isso? — Jane balançou a cabeça — Isso não parece nada com meu irmão.

— Não inventaria algo assim. — Ellen lembrou-se do quanto doeu ouvir essas palavras.

— Isso parece terrível. — disse Rose — Mas não estou surpresa. Os meninos tendem a chegar a um estágio em que não querem nada com as meninas. Então invertem o curso e não conseguem pensar em mais nada, alguns anos depois.

— Acho que pode ter sido culpa de mamãe. — disse Jane — Ela estava pressionando por um casamento entre os dois.

Ellen ergueu uma sobranceira enquanto olhava para sua amiga. — Bem, sei disso. Na verdade, parece-me que também adquiriu esse hábito.

Rose estava quase quicando na cadeira. — Detalhes, por favor.

Ellen balançou a cabeça. — Não ligue para isso. Não há nada romântico entre mim e Sua Graça.

— Bem, já faz algum tempo desde que chegou aqui, e ainda não ouvi meu irmão reclamar de ter deixado uma cobra na cama dele, então, não pode odiá-lo tanto.

Rose soltou um suspiro. — Diga-me que não fez isso!

Ellen não conseguiu conter o riso. — Ah, sim, fiz. Ainda não tive que recorrer a isso durante esta visita. Como eu disse, chegamos a uma trégua.

— Obrigada, Deus!

O estremecimento de Rose a fez rir novamente. Demorou um momento antes que ela pudesse recuperar o fôlego.

— Estou esperando até que ele faça algo irritante. Além disso, terá mais efeito se ele for levado a uma falsa sensação de segurança. Quando não verificar mais a cama, antes de se deitar.

Jane estremeceu. — Não sei como pode tocar nessas criaturas. Mal consigo olhá-las.

Ellen deu de ombros. — Castlefield a mimava demais quando criança. Quando brincávamos juntos, ele não tinha problemas em empurrar uma cobra

na minha cara. Tive que me adaptar rapidamente. Felizmente, nunca teve que lidar com isso, Jane.

A expressão de horror no rosto de Jane fez Ellen rir novamente.

Rose meneou a cabeça, seus cachos escuros balançando com o movimento. — É uma mulher incrível, Ellen. — sua expressão mudou, tornando-se brincalhona — Se Sua Graça a quer, faça-o trabalhar para isso. Não merece nada menos.

Jane assentiu em concordância. — Mas não o faça esperar muito!

Capítulo 12



Castlefield foi na frente até seu escritório, onde haveria poucas chances de serem ouvidos. Apesar de seu amigo ter acabado de chegar, não tinha dúvidas sobre o assunto da conversa que iriam ter.

Ao entrar na sala, repleta de rica madeira escura e móveis confortáveis, foi até uma pequena mesa que ficava ao lado da porta. Sobre ela havia alguns copos e uma garrafa de seu conhaque favorito. Enquanto Brantford se sentava numa poltrona, Castlefield serviu uma medida de bebida alcoólica em dois copos. Entregou um para seu amigo de longa data e sentou-se em frente a ele.

Erguendo o copo, tomou um gole antes de falar. — Imagino que deva lhe agradecer por ensinar Ellen a se defender.

Os lábios de Brantford se contraíram, mas apenas por um momento, antes de ele ficar sério.

— Achei prudente. Isso alertaria o bastardo com quem ela era casada para nunca mais tocá-la.

— Quão ruim foi? — realmente não queria saber, mas, se Ellen teve que passar por isso, ele poderia ouvir a história. Qualquer dor que ele sentisse sempre que pensava em Ellen com aquele monstro, não era nada comparado ao que ela deve ter suportado.

— Não sei. — Brantford engoliu o conhaque e estendeu a mão para bater o copo vazio na mesa — Quando ela veio até mim, naquele dia, estavam casados há apenas seis meses, parecia tão derrotada. Nada parecido com a Ellen que ambos conhecemos. Mas, ainda assim, por baixo da dor, sua coluna de aço estava no lugar. Não consigo imaginar quanta coragem foi necessária para ela vir até mim e perguntar como evitar que o marido a tocasse novamente.

— Eu gostaria de poder matá-lo novamente, desta vez com minhas próprias mãos. Meu único arrependimento é que ele não tenha sofrido mais antes de morrer.

Brantford fez um som de desgosto. — Falhei com ela. Por que não investiguei o passado de Laughton?

— Éramos ambos jovens, ainda na escola.

— Isso não é desculpa. Meus instintos me disseram para não confiar naquele homem, mas, tolamente, pensei que nosso pai teria se certificado de que ele seria adequado, antes de concordar em entregar sua filha.

Castlefield balançou a cabeça. — Não havia nada lá. Eu olhei. Alguns rumores sobre seu egoísmo, mas há poucas pessoas que conhecemos sobre as quais não poderíamos dizer a mesma coisa.

— Realmente? — Brantford ergueu uma sobrancelha — Achei que seu interesse por minha irmã fosse recente.

Castlefield não desviou o olhar firme do amigo.

— Não é.

— Desde quando? Não quando éramos crianças, certamente.

Ele riu. — Não. Eu era teimoso naquela época e definitivamente não estava interessado em perseguir ninguém romanticamente. Tudo o que me importava eram cavalos e vencê-lo. Temos uma diferença de dois anos, e eu odiava como tudo lhe acontecia sem esforço.

Brantford ergueu um ombro, mas permitiu um sorriso, que disse a Castlefield que seu amigo tinha gostado da rivalidade juvenil tanto quanto ele.

— Realmente não via Ellen como uma mulher que valesse a pena perseguir, até aquele ano em que voltamos de Oxford, depois que ela já havia aceitado o pedido de Laughton.

Brantford soltou um suspiro.

— Seu momento não poderia ter sido pior.

Os lábios de Castlefield se curvaram num sorriso amargo. — Essa é a história da minha vida. Quase caí quando Ellen correu lá fora para nos receber. Mal conseguia acreditar que ela era a mesma garota que, um dia, considerei uma amiga e depois um incômodo.

Seu amigo ficou em silêncio por um momento antes de dizer: — Não percebi. Lembro-me de ter pensado que seu comportamento era estranho, mas pensei que fosse porque não sabia como lidar com Ellen como mulher, em vez da menina a quem provocava impiedosamente.

— Está certo sobre eu não saber o que fazer com a nova Ellen. Ela confundiu completamente meus sentidos.

Brantford balançou a cabeça. — E eu pensei que era observador. Como perdi isso?

— Quando soube, quase imediatamente ao encontrá-la, que Ellen estava noiva, ninguém poderia ter arrancado de mim a verdade. Não me permiti pensar nela daquele jeito novamente. E então, quando aquela confusão aconteceu com Jane... — balançou a cabeça — Ellen precisava de tempo para lidar com a morte do marido. Não era hora de pensar em persegui-la.

— Mas agora é.

— Só agora. — Castlefield engoliu o resto da bebida. O copo vazio juntou-se ao outro na mesa.

As próximas palavras de Brantford o tiraram de seus pensamentos sombrios.

— Ela lhe sacou uma de suas armas?

Pelo menos seu amigo esperou para tocar no assunto de armas, para não se engasgar. — Ela realmente carrega uma adaga? Achei que estava apenas brincando quando mencionou isso em sua carta.

Um canto da boca de Brantford se ergueu. — Carrega uma adaga consigo, deixarei que descubra onde, e uma pistola em sua bolsa, quando precisa de uma. Não se preocupe, se ainda não as viu, significa que ela não irá matá-lo. Talvez.

Castlefield avaliou essa informação com muito cuidado. Não ficou surpreso

ao saber que Ellen carregava armas quando ajudava seu irmão em suas missões, mas será que realmente teria uma adaga consigo o tempo todo? Mesmo ali, quando eram praticamente sua família?

Não pôde deixar de perguntar. — Certamente ela não teria uma arma com ela agora?

Brantford levantou um ombro numa enlouquecedora falta de resposta. Parecia que ele mesmo teria que encontrar a resposta para essa pergunta. Esperava que, se carregasse uma lâmina, não descobrisse esse fato por ela a estar segurando em sua garganta.

— Talvez eu deva receber algumas dessas lições de defesa também. Normalmente diria que consigo me controlar na maioria das situações, mas já vi alguns desses seus movimentos misteriosos. Se ensinou a Ellen pelo menos uma fração deles, estou condenado. — não admitiria que a mulher em questão já o tivesse jogado de costas com a mesma facilidade com que faria com uma boneca.

Brantford riu. — Vamos providenciar alguma coisa. Não gostaria que fosse morto porque esquivou-se da maneira errada.

Castlefield sabia que seu amigo estava zombando. Nunca levantaria a mão para Ellen e, apesar de poder irritá-la de vez em quando, nunca o machucaria. Bem, não gravemente.

Quando a risada do amigo morreu, ficou sério novamente. Muito sério. Sabia o que estava por vir. Tomou posse do copo novamente e foi até a mesinha, para se servir de outra dose de conhaque.

Seu amigo esperou até que ele bebesse o segundo copo antes de falar.

— Precisa contar a Ellen o que aconteceu.

Havia pensado em contar a verdade, mas não podia contar sobre o duelo. Ela gostaria de saber a razão por trás daquilo, e ele prometeu nunca revelar.

Ansiava por tomar outra bebida, mas era muito cedo para isso. Além disso, precisava de sua mente clara quando se tratava de Ellen.

— Não posso. Fiz uma promessa... assim como fez também.

Os olhos de Brantford estreitaram-se um pouquinho. O suficiente para lhe dizer que não gostou do lembrete.

— Não esqueço minhas promessas. Mas minha irmã precisa saber o que realmente aconteceu naquela época. Talvez, se falar com Jane...

— Não vou levantar esse assunto com minha irmã. Ela seguiu em frente e está feliz novamente, especialmente agora que sua amizade com Ellen foi restaurada. Não vou comprometer sua felicidade. Levou muito tempo para superar o que quase aconteceu.

— Ellen precisa saber.

Que o diabo o carregasse, o homem nunca piscava? Nunca recebeu aquele olhar de seu amigo quando queria alguma coisa, e isso era enervante. Podia ver por que Brantford era tão bom em seu trabalho. Se isso fosse uma fração do que seus inimigos passaram quando os questionava, não tiveram a menor chance.

— Quando chegar a hora certa, eu mesmo lhe contarei. Mas é muito cedo. Ellen mal tolera minha presença.

— Está me dando desculpas.

— Sim, estou. Sabe tão bem quanto eu que cortejar sua irmã é um assunto delicado. Como observou, é um milagre ela ainda não ter tentado me estripar. Deixe-me fazer alguns progressos, mostrar-lhe que podemos ser bons juntos, antes de lhe contar como seu marido realmente morreu.

— Nós dois sabemos que ela não lamentou a morte dele. Quaisquer sentimentos que tivesse por Laughton morreram durante os primeiros meses de casamento.

— Bom, só espero que, se conseguir que ela me aceite, quaisquer sentimentos recém-descobertos que ela possa vir a ter não sofram uma morte semelhante, quando lhe contar a verdade.

Capítulo 13



Dizer que a Duquesa Viúva ficou descontente quando voltou para casa depois de sua visita e descobriu que Lorde Brantford e sua nova esposa haviam chegado enquanto estava fora, seria um grande eufemismo. Ellen achou divertido ver o desgosto estampado no rosto de Castlefield quando sua mãe o repreendeu durante o jantar por manter em segredo sua chegada iminente. Ainda assim, pelo brilho em seus olhos quando olhou para Ellen, ficou claro que ele não se arrependia de seu subterfúgio.

O jantar foi animado. Depois, o grupo retirou-se para o salão. Jane e Lorde Eddings subiram para passar algum tempo com os filhos antes das crianças dormirem, mas prometeram os encontrar mais tarde.

Brantford decidiu amenizar o aborrecimento de Sua Graça com seu filho. Ellen nunca deixava de se surpreender o quão charmoso conseguia ser quando tinha vontade.

Ouviu enquanto seu irmão compartilhava uma versão abreviada das circunstâncias que levaram ao seu casamento apressado com Rose antes de passar a compartilhar algumas histórias divertidas sobre o quão longe alguns foram para obter sua aprovação na primavera passada.

Rose, que estava sentada ao lado dela no sofá, inclinou-se e baixou a voz para que apenas Ellen pudesse ouvir. — Todo esse tempo em que tentei e não consegui chamar a atenção de Lucien, nunca imaginei que pudesse ser tão divertido. Estou dividida entre me sentir triste porque a sociedade nunca verá esse lado dele e aliviada por ser esse o caso. Vi os olhares que outras mulheres lançaram em sua direção. Nunca cessariam sua perseguição, se percebessem o que havia por trás de seu exterior gelado.

Ellen conteve um estremecimento. — Por favor, não compartilhe nenhum detalhe comigo.

Rose sorriu e, para grande consternação de Ellen, baixou ainda mais a voz.

— Digamos apenas que seu irmão está longe de ser inatingível, no quarto.

Ellen torceu a boca em uma carranca exagerada, estimulando Rose a soltar um bufo nada feminino, antes de levantar a mão para cobrir a boca. Ellen sabia que Rose e seu irmão combinavam, depois de vê-los juntos, mas ainda achava impossível acreditar no que sua nova cunhada parecia estar sugerindo. Certamente nunca desfrutou da intimidade que ela e o marido compartilharam, antes de finalmente bani-lo do quarto.

O olhar de Rose desviou-se para Castlefield antes de retornar para Ellen.

— Talvez possa encontrar uma felicidade semelhante por perto?

Ellen balançou a cabeça. — Não comece. Deveria saber que nem todo mundo busca se casar.

Se havia uma coisa que Ellen descobriu, durante o breve período em que conheceu Rose, foi que a jovem sentada ao seu lado era muito observadora.

Rose colocou a mão em seu braço e apertou-o brevemente.

— Não foi feliz em seu casamento.

— Não. — disse Ellen, soltando um suspiro suave — Mas isso é assunto para outra hora.

— Eu entendo. — Rose inclinou a cabeça e pareceu olhar através dela — Mas percebi como ele continua olhando-a, quando sua atenção está em outro lugar.

Precisou de toda a força para não olhar para o homem em questão. — Está sendo ridícula. Ele, provavelmente, está apenas planejando a melhor forma de me irritar.

Ellen decidiu que era prudente mudar de assunto, antes que Rose pudesse comentar mais. Ser o foco de especulação nunca lhe agradou. Já era ruim o suficiente que as pessoas pensassem nela e Castlefield como um par romântico em potencial, e ela não estava disposta a discutir isso com Rose ou Jane. Especialmente porque a insistência dele em persegui-la estava causando-lhe mais do que uma pequena confusão.

— Como estão seus pais?

O sorriso de Rose iluminou todo o seu rosto.

— Muito bem, graças a Deus. Lucien conseguiu provar que meu pai foi chantageado para confessar traição. O verdadeiro culpado quase conseguiu escapar da detenção.

Ellen atraiu Rose para um breve abraço. — Meu irmão me contou os detalhes da sua viagem. Foi muito corajosa.

— Acho que a palavra que está procurando é tola. Lucien me disse para ficar na estalagem, mas eu o ignorei e fui para a propriedade da minha família. Onde, claro, Lorde Standish estava esperando por mim. Se Lucien não tivesse chegado a tempo... — estremeceu um pouco.

— Meu irmão tem instintos excelentes. Embora não tenha sido sua decisão mais sábia, deixá-la sozinha na estalagem. Dificilmente fica parada quando poderia estar atuando. E não tinha ideia de que Lorde Standish a estaria esperando. Como poderia?

— Bem, posso dizer que é a última vez que vou contra o conselho do meu marido.

— Pretendo exigir-lhe isso.

Suas cabeças se ergueram e elas viram Brantford agora parado ao lado do sofá. Seu olhar pousou na esposa com censura, mas era impossível não ver o carinho em seus olhos azuis claros.

Rose soltou um suspiro exagerado e Ellen não conseguiu conter sua diversão. Seu irmão nunca esquecia nada, e ela não tinha dúvidas de que Rose se arrependeria dessa declaração.

A Duquesa Viúva levantou-se então, seguida por Castlefield.

— Apreciei muito esta noite. — seu sorriso incluía Rose, Brantford e ela. Seus olhos se estreitaram ligeiramente quando olhou para o filho, e ficou claro que ele ainda não estava perdoado por sua transgressão anterior — Vejo

todos, amanhã.

Saiu da sala em meio a um coro de “boa noite”.

— Sobreviveu relativamente ileso. — Brantford não escondeu sua diversão.

O olhar de Castlefield encontrou o dela por um momento, antes de responder. — Espero compensar isso, em breve.

Quando desviou o olhar, Rose cutucou Ellen com o ombro, mas ela não aceitou as provocações da amiga. Optou, em vez disso, por outra mudança de assunto.

— Devíamos jogar uma mão de *whist*. — levantou-se e foi até a mesa que havia sido colocada no canto da sala para esse propósito.

— Vamos jogar homens contra mulheres? — Castlefield perguntou.

Ellen balançou a cabeça. — Já se passaram vários, anos desde que Brantford e eu fizemos parceria.

Rose balançou a cabeça enquanto se juntava a eles.

— Ninguém teria chance se os dois jogassem juntos. A única parceria justa seria eu reivindicar meu marido e permitir que os dois — acenou na direção de Ellen e Castlefield — formem o segundo par.

Brantford olhou para sua esposa com fria especulação. — É boa nesse jogo?

Rose balançou a cabeça, seu sorriso se alargando.

— Sou horrível com cartas. Mas, como imagino que seja muito bom, considerando a forma como esses dois estão brigando para tê-lo. Tenho certeza de que vamos nos equilibrar. Dê a outra pessoa a chance de vencê-lo, pelo menos uma vez.

Um canto da boca de Brantford se ergueu. — Sou muito competente. Tenho certeza de que posso ajudá-la. — puxou uma cadeira para sua esposa, sua expressão presunçosa o suficiente para ser insuportável.

Castlefield gemeu e puxou outra cadeira para Ellen. Inclinou-se quando ela ocupou o assento. — Tenho certeza de que juntos seremos imparáveis, apesar das tentativas de seu irmão de nos abalar, antes mesmo de as cartas serem distribuídas. Lembro-me de que éramos uma equipe formidável em nossa juventude.

Ellen virou a cabeça e encontrou o olhar dele. — Isso foi há vários anos. Não tenho certeza se nossos estilos de jogo seriam adequados agora.

— Veremos em breve, milady.

Capítulo 14



Ellen acordou com um sorriso no rosto. Com a chegada de seu irmão e de sua nova esposa, suas últimas preocupações desapareceram. E descobriu-se que Castlefield estava certo. Formaram uma boa equipe.

Mas foi por pouco. Apesar de Brantford e Rose nunca terem jogado whist juntos, quase saíram na frente, em grande parte graças à habilidade de seu irmão. E, mesmo que os dois estivessem casados há pouco tempo, já haviam desenvolvido um talento especial para saber o que o outro estava pensando. Havia perdido a conta de quantas vezes uma leve carranca no rosto de seu irmão impediu Rose de fazer um movimento desastroso que lhes custaria o jogo. Mas, no final, ela e Castlefield saíram vitoriosos.

Rose admitiu a derrota após aquele jogo, alegando cansaço após um longo dia. Ela e Brantford partiram quando Jane e Lorde Eddings retornaram de sua visita ao berçário, logo após o término do jogo. O casal jogou outra mão de whist, com Ellen e Castlefield, que continuaram em equipe, contra Jane e seu marido, e saíram vitoriosos pela segunda vez.

O olhar malicioso que Jane lançou em sua direção disse tudo, quando Castlefield comentou, novamente, sobre o bom time que formavam.

Espreguiçando-se, Ellen estendeu a mão para o puxador da cabeceira da cama, para chamar uma criada. Seus dedos tinham acabado de tocar a corda trançada quando seu olhar pousou em uma caixa embrulhada em papel azul brilhante, que estava em cima da penteadeira. Só poderia ter sido colocado lá em algum momento, durante a noite.

Tirou a mão da campainha e se levantou, atravessando o cômodo até o móvel. Havia esquecido que hoje era seu aniversário. Laughton nunca se lembrava e não teve motivos para comemorar o dia, durante o período de luto. Brantford deve ter se lembrado e preparado a surpresa. Era típico dele, ter uma criada entrando em seu quarto com o presente, em vez de entregá-lo pessoalmente.

Sentou-se no assento diante da penteadeira e aproximou o pacote brilhantemente embrulhado. Não ficou surpresa por ele ter lembrado que azul era sua cor favorita.

Abriu o papel azul com cuidado e sorriu ao revelar a linda caixa que continha. Era feita de uma rica madeira vermelha e tinha conchas gravadas nas bordas da tampa.

Não achava que haveria nada dentro, já que a caixa era bonita o suficiente para ser um presente por si só. Ainda assim, se preparou para a decepção, ao erguer a tampa. Seda azul revestia a superfície interna da caixa, mas, o que a deixou ofegante de surpresa foi o objeto colocado dentro da caixa.

Uma concha.

Sua frequência cardíaca aumentou e seus pensamentos giraram em torno

das implicações por trás desse presente. Se não estava enganada, não era de seu irmão. Não, isto só poderia ter vindo de Castlefield.

Tirou a concha da caixa e só então viu o papel dobrado que havia sido colocado embaixo dela. Suas mãos tremiam ligeiramente e ela respirou fundo, enquanto colocava a concha de volta na caixa e desdobrava o bilhete.

Ellen,

Acho que é hora de lhe devolver. Sei que costumava provocá-la por causa disso, mas também guardo boas lembranças do dia em que a encontramos, enquanto brincávamos na praia de Brighton.

Admito que recentemente segui a sua crença e fiz um pedido. O fato de estar aqui agora, e de estarmos nos falando, me diz que estava certa ao considerá-la um amuleto de boa sorte.

Espero que não tenha passado da hora de esperar e sonhar com o futuro. Se a menina que costumava fazer desejos para uma concha, ainda estiver em algum lugar aí dentro, por favor, aceite isso e mantenha-a por perto.

Charles

Ellen virou a concha e viu o arranhão revelador num dos lados, que provava que era a mesma que tinham encontrado há tanto tempo.

Mal conseguia acreditar que Castlefield a tivesse guardado durante todos estes anos. Não tinha certeza se acreditava que ele realmente havia feito um desejo - e quem poderia imaginar que ele seria tão inteligente a ponto de usar aquilo para tocar as cordas de seu coração - mas o fato de que a guardou durante tanto tempo era uma maneira de mostrar que realmente valorizava a amizade dos dois.

Lembrou-se de como entrou furtivamente no quarto dele, na propriedade de sua família, anos atrás, na visita em que anunciou seu noivado com Laughton. Mas, em vez de um sapo, deixou esta concha no travesseiro dele. Não precisou incluir uma nota. Deixar a concha foi uma mensagem de que qualquer esperança que ela ainda tinha de serem amigos havia desaparecido.

Por mais que tentasse, não conseguiu conter a emoção que crescia dentro dela. Lembrava-se bem do carinho que sentia pelo menino que Castlefield havia sido. Sua decepção quando ele parou de passar um tempo com ela. E, finalmente, a raiva e os sentimentos de traição que sentiu quando lhe disse que Laughton não se importava com ela. Acreditava, na época, que ele quis dizer que não era digna de amor, mas, dado o que revelou recentemente, agora sabia o verdadeiro motivo por trás de suas palavras raivosas. Ele estava com ciúmes.

O fato de ter se guardado à concha, todos esses anos, era a prova de que cuidava dela, caso contrário, teria se livrado daquilo. Seu marido certamente o teria feito. Mas, em vez disso, Castlefield manteve-a segura e agora a estava

devolvendo.

As paredes, que ela construiu cuidadosamente ao redor de seu coração, agora apresentavam uma rachadura, e esse pensamento a aterrorizou.

Capítulo 15



Ellen tentou ignorar a sensação de antecipação, que era impotente para afastar, enquanto descia as escadas.

Quando entrou na sala do café da manhã, todos já estavam presentes. Até mesmo Castlefield, que normalmente se alimentava e ia fazer o que ela descobriu ser seu passeio diário. O olhar do duque era intenso e ela percebeu que o amigo estava tentando discernir se ela havia aberto o presente. Flertou com a ideia de deixá-lo pensar um pouco mais, mas, no final, decidiu que ele merecia nada menos que honestidade.

O único lugar desocupado na sala era ao lado de Castlefield, e ela não pôde deixar de se perguntar se ele teria providenciado que isso acontecesse.

— Obrigada pelo seu presente. — disse, depois de se sentar — Já se passaram muitos anos desde que alguém se lembrou do meu aniversário.

Brantford, que estava sentado do outro lado, ergueu uma sobrancelha.

— Achei que não comemorasse mais seu aniversário.

Um canto da boca de Castlefield se ergueu. — Só estou fazendo minha parte para fazê-lo ficar mal, meu velho.

— Já chega, crianças, não discutam. — a carranca exagerada da duquesa fez todos na sala rirem.

Jane olhou para um dos lacaios, balançando levemente a cabeça. O homem saiu da sala para retornar, alguns momentos depois, com outro presente embrulhado.

— Eu não tinha certeza se faríamos isso agora ou mais tarde, mas, como meu irmão já fez o resto de nós nos sentirmos mal, não posso esperar. — ao ouvir suas palavras, o laçao entregou o pequeno pacote a Ellen.

— Isso é completamente desnecessário... — Ellen começou.

— Não, não é. — disse Brantford — Já era hora de começar a permitir que os outros mostrem que se importam contigo. — enfiou a mão no bolso interno do casaco e tirou um pacote fino.

Ellen não conseguiu esconder sua surpresa. — O que estava dizendo sobre não comemorar meu aniversário?

O tom de Brantford permaneceu inalterado ao dizer:

— Estou, como sempre, preparado para qualquer eventualidade.

Rose colocou a mão sobre a do marido e ele se virou para sorrir para ela. A emoção ameaçou obstruir a garganta de Ellen ao evidente sinal de afeto entre os recém-casados.

Abriu o presente de Jane primeiro, deixando escapar um pequeno suspiro, quando viu que continha um par de pentes de cabelo prateados, acentuados com um padrão ornamentado de esmalte azul e branco. Seu olhar encontrou o de Jane. — Estes são...? — ao aceno afirmativo de sua amiga, balançou levemente a cabeça — Mas os ama.

— Eu a amo mais. — disse Jane — E estou muito feliz por tê-la de volta em minha vida.

As lágrimas ameaçaram cair com as palavras doces de sua amiga. Para mantê-las afastadas, voltou-se para o presente do irmão. Ao olhar para a caixa longa e estreita, percebeu que sabia o que ela continha.

Encontrou o olhar de Brantford, perguntando-se se isso poderia ser um erro. Ao seu aceno de encorajamento, abriu a caixa. Aninhado no cetim branco como a neve que revestia o interior, encontrou um colar simples de ouro, com uma grande safira em forma de lágrima. Era o colar favorito de sua mãe, porque foi o primeiro presente que o pai de Ellen e Brantford lhe dera. Ellen sempre adorou aquele colar, mas presumiu que iria para a esposa de seu irmão.

Não se preocupou em esconder as lágrimas que brilhavam em seus olhos enquanto agradecia. Ele respondeu com um de seus raros e genuínos sorrisos.

Incapaz de se conter, ela se virou novamente para encontrar o olhar de Castlefield. Não tinha certeza do que esperava ver quando seus olhos se encontraram, mas não era o calor e o carinho que irradiava dele. Um carinho que ela agora percebia que nunca tinha visto no rosto do marido, nem mesmo quando ele a cortejava. Laughton a conquistou com exibições engenhosas e palavras melosas, mas, quando olhava para ele, nunca viu o que era tão evidente agora.

Castlefield não era nada parecido com seu ex-marido. A menos que ela tivesse perdido completamente o juízo, era óbvio que o homem sentado ao seu lado realmente se importava com ela. Já foram amigos. Seria possível que pudessem se tornar mais?

Capítulo 16



Ellen ficou nervosa durante toda a manhã, as emoções ameaçando dominá-la. Só podia culpar sua falta de controle pela plena compreensão de tudo que havia perdido quando se casou com Laughton. Desde então, seu aniversário sempre foi melancólico e, por isso, fazia tudo ao seu alcance para agir como se fosse um dia como outro qualquer.

Tudo mudou quando ela abriu o presente de Castlefield. O café da manhã serviu apenas para ressaltar o fato de que estava cercada por amigos e familiares que cuidavam dela. Depois de se isolar de suas emoções por tanto tempo, não foi difícil entender por que elas a dominavam agora.

Não ajudou em nada o fato dela estar ao lado de casais felizes em seus próprios relacionamentos. Desde a sua chegada, acostumou-se a ver o carinho que Jane e Lorde Eddings demonstravam um pelo outro. E, embora, soubesse que Brantford cuidava de Rose antes de se casarem, ainda assim ficou surpresa ao testemunhar aquilo. Ele, o homem que todos acusavam de ter água gelada em vez de sangue nas veias, estava claramente apaixonado pela esposa.

Apesar da amizade anterior e das afirmações de que ele cuidava dela, sabia que não poderia ter isso com Castlefield. Ele lhe disse que planejava cortejá-la e estava fazendo isso de uma maneira totalmente diferente dos homens que a cortejaram no passado. Especialmente Laughton. Em vez de gestos grandiosos, destinados a mostrar-se de uma forma positiva, Castlefield parecia se importar com os seus sentimentos. Imaginou que o fato de eles serem velhos conhecidos o ajudou a saber como abordá-la. Se a tivesse pressionado mais, não teria dificuldade em rejeitá-lo.

Mas, em vez disso, ele a desafiou, sabendo que nunca fugiria de uma disputa de vontades. E então, quando ela chegou, ele se comportou como o amigo que ela conhecera. Aquele que havia perdido.

Pela primeira vez em doze anos, quis fazer um desejo de aniversário. Não por amor, é claro. Não, estava muito longe de acreditar que algum dia teria o que os outros casais haviam encontrado, mas talvez pudesse descobrir apenas um vislumbre disso. Certamente, o homem que a conhecia bem o suficiente para saber o quanto uma concha a afetaria, seria capaz de lhe mostrar isso.

Ainda assim, hesitou em se aproximar. Estava a caminho do berçário, tendo decidido que passar um tempo com Henry e Hope seria uma distração bem-vinda, quando o destino tirou a decisão de suas mãos.

— Ellen?

Olhou para cima e encontrou Castlefield no topo da escada e sua respiração ficou presa na garganta. Quando o encontrara antes, vira o homem que costumava ser seu amigo de infância, com o qual desenvolveu uma rivalidade. O homem que queria, pelo menos, ser amigo de novo. Mas, agora, via o homem que poderia lhe mostrar o que era ser amada. Mesmo que não

acreditasse que pudessem ter um futuro juntos, percebeu que confiava nele o suficiente para lhe pedir que lhe mostrasse o que Jane e Rose haviam descoberto. Felicidade nos braços de um homem.

— Algum problema? — ele perguntou quando ela chegou ao topo da escada. Suas sobranceiras estavam unidas — Seu irmão me disse que não gosta de comemorar seu aniversário. Errei ao lhe dar um presente?

Quando ela encontrou seus olhos castanhos escuros e viu a preocupação refletida ali, uma pontada de saudade quase lhe tirou o fôlego. E, se não estava enganada, detectou um desejo semelhante nos olhos dele.

— Não quero corações e flores. — disse.

Ele se acalmou e esperou que ela continuasse.

Respirando fundo, ela se abriu. — Quero que me mostre tudo o que estou perdendo. Tudo o que nunca tive com Laughton.

Não precisou dar mais detalhes. Castlefield sabia exatamente o que ela queria dizer. Queria que lhe mostrasse o prazer físico que um homem e uma mulher poderiam ter juntos.

Um canto de sua boca se ergueu e a expressão cautelosa abandonou seus olhos.

O coração traidor de Ellen ameaçou dar um galope, mas ela ignorou. Poderia ser prática, mesmo que tenha permitido que suas emoções a levassem a tomar aquela decisão.

Com todos os rumores que começou sobre ele e seus modos selvagens, teria ouvido falar se Castlefield compartilhasse a tendência de Laughton para machucar mulheres. Na hipótese de seus instintos estarem errados sobre isso, a lógica dizia que seu irmão nunca teria permanecido um bom amigo dele se fosse esse o caso. Brantford cresceu em crueldade ao longo dos anos, e ela duvidava que houvesse algum segredo que qualquer homem possuísse, que ele não soubesse, ou não pudesse descobrir.

Ao olhar nos olhos de Castlefield, teve a certeza de que nunca a machucaria. Não fisicamente, pelo menos. Não, o perigo seria para suas emoções, se ela não tomasse cuidado. O duque iria lhe mostrar que o prazer físico poderia existir entre um homem e uma mulher, nada mais. Não haveria casamento, nem filhos. Nada de felizes para sempre para ela. E, o mais importante, qualquer envolvimento que os dois compartilhassem terminaria muito antes dele se cansar daquilo.

Ignorou o canto traiçoeiro do seu coração, que ansiava por mais. Esse desejo nunca seria cumprido. Ao contrário de Rose e Jane, que eram tão abertas e amorosas com os maridos, Ellen era incapaz de se deixar levar tão livremente. Laughton matou esse seu lado. Mas isso não significava que não iria estender a mão e aproveitar a oportunidade de experimentar até mesmo uma leve sombra dessa felicidade. Apenas por este pequeno momento no tempo.

Castlefield deu vários passos pelo corredor e Ellen o seguiu.

— E não quis dizer agora. — disse, buscando uma leveza que estava

longe de sentir.

Ele parou e a olhou, seus olhos dançando com diversão.

— Não estou presumindo tanto. Mas como me vi de costas, na última vez que tentei beijá-la, achei prudente me afastar das escadas.

Ela sabia que ele estava tentando fazê-la rir, mas ainda estava envergonhada por sua reação exagerada. Ele estava certo em um ponto. Se fosse acontecer, ela precisava ser a pessoa a dar o primeiro passo.

Ele permaneceu imóvel, enquanto ela diminuía a pequena distância entre eles.

— Já faz muito tempo que não beijo um homem.

Seus olhos escureceram e a leveza desapareceu. A tensão que os rodeava agora não nasceu da animosidade, mas da antecipação. Seus nervos estavam tensos, e o calor em seus olhos lhe disse que ele sentia o mesmo.

Finalmente ele quebrou o silêncio. — Não poderá haver qualquer dúvida entre nós de que deseja isso tanto quanto eu.

Ellen foi impotente para desviar o olhar enquanto colocava as mãos nos ombros dele. — Não há.

Ela ficou na ponta dos pés. Só então ele abaixou a cabeça, mas, ainda assim, se conteve.

A emoção que ela não ousou examinar muito de perto a fez fechar o último centímetro que os separava e pressionar a boca contra a dele. Quando ele não se moveu para aprofundar o beijo, depois de vários segundos, ela começou a recuar, mas teve dificuldade pelas mãos dele em sua cintura. Seus olhos se encontraram.

— Confia em mim, Ellen?

Ela assentiu.

Ele tomou sua boca em um beijo diferente de qualquer outro que ela já provara. Mas, quase assim que começou, o calor começou a dançar ao longo de sua pele e ele a soltou.

Sua respiração estava instável, e eles ficaram assim pelo que pareceu uma eternidade, os olhos presos em uma batalha silenciosa de vontades, que falava do desejo mútuo de continuar.

Ele deu um passo para trás, mas não desviou o olhar. — Estou no quarto principal, agora.

Desta vez, foi a vez de Ellen sorrir com diversão perversa.

— Eu sei. Tenho o hábito de conhecer o terreno dos meus inimigos. Para o caso de eu precisar deixar um presentinho em seu travesseiro.

O som da risada de Castlefield permaneceu no ar, enquanto ele se virava e descia as escadas.

Capítulo 17



Por mais que tentasse moderar seus sentimentos, Castlefield não conseguiu conter a expectativa que corria em suas veias, enquanto pensava na noite que viria. A tensão o dominava enquanto ele andava de um lado para o outro em seu quarto, vestido apenas com calças e uma camisa. Havia tirado a gravata e o colete e agora esperava, com uma impaciência mal disfarçada, pela chegada de Ellen.

Doze longos anos se passaram, desde que ele percebeu que não a via mais como uma amiga de infância, mas como uma mulher por quem se importava muito. Mas essa descoberta chegou tarde demais para que ele pudesse agir.

Tentou avisá-la para se afastar de Laughton quando soube que estavam noivos, mas, em vez de manter a calma, lançou insultos odiosos sobre o homem. A revelação dos seus sentimentos, deixou-o desequilibrado e não lhe ocorreu que Ellen ficaria magoada com as suas palavras.

Não estava orgulhoso de seu comportamento, mas era jovem - apenas vinte anos - e não estava preparado para lidar com a dura constatação de que não poderia ter tudo o que queria. Era herdeiro de um ducado e, onde quer que fosse, as mulheres se lançavam aos seus pés. Valeu-se daquelas que eram mais velhas e mais experientes do que ele, tomando cuidado para ficar longe das que queriam se casar. Sempre esperou que, quando se casasse, seria com alguém de quem gostasse e respeitasse. Nunca contou com amor. O fato de ter sentido aquela emoção, sempre que olhava para Ellen, naquele verão, há muito tempo, o fez querer uivar de raiva diante da injustiça da situação.

Aceitou que tinha mais do que um mínimo de culpa pelo distanciamento que crescera entre eles desde então. Não conseguiu sequer olhar para Ellen, depois que ela se casou com Laughton. No começo foi um alívio quando ela não visitou mais a propriedade da família dele em Sussex, durante o verão, mas depois do que quase aconteceu com Jane, não suportava pensar no que Ellen poderia ter sofrido nas mãos daquele monstro.

Permitiu que ela espalhasse rumores sobre ele, sem se preocupar em corrigi-los. De uma forma perversa, que nem conseguia entender, sentia certa satisfação em saber que ela ainda pensava nele. Embora não tivesse exagerado quando lhe disse que as mentiras que ela espalhou sobre sua lascívia só serviram para torná-lo popular em certos círculos. Círculos onde as mulheres nunca esperariam ou exigiriam uma proposta de casamento de um duque.

Mas agora era hora de tudo isso mudar. Não era mais o jovem impulsivo de antes. Teria que ser paciente com Ellen, para ganhar sua confiança. O fato de ela ter cogitado a ideia de os dois ficarem juntos era mais do que ele esperava, embora desejasse muito mais do que isso. Queria tudo ao seu lado, mas ela ainda não estava pronta para isso. Se ele fosse paciente, poderia ganhar todas as coisas que antes acreditava terem sido perdidas para sempre.

Estava tão imerso em seus próprios pensamentos, que quase não ouviu a batida suave na porta do quarto. Endireitando os ombros e controlando as feições para não fazer cara feia se encontrasse um criado infeliz do outro lado da porta, atravessou a sala e a abriu.

Não era algo que um homem admitiria prontamente, mas seu coração ameaçou sair do peito quando viu Ellen parada no corredor. Ela havia colocado uma camisola, mas sua modéstia era preservada por um roupão lilás, que a cobria da base do pescoço até o chão. Não falou, mas imaginou que seu sorriso dizia muito, enquanto recuava e permitia que ela entrasse.

Ellen não hesitou, passando por ele e virando-se para vê-lo fechar a porta atrás de si.

Ele hesitou, dividido entre não querer lhe dar motivos para mudar de ideia, e garantir que não seriam interrompidos. Não duvidaria que Brantford entrasse em seu quarto, só por travessura, se soubesse que Ellen estava ali. Mas, novamente, não era como se uma fechadura pudesse mantê-lo afastado, se essa fosse sua intenção.

— Pode passar a tranca. Sou mais do que capaz de abrir uma porta e sair, se quiser.

Podia sentir a diversão dela quando se virou para fazer isso. Quando a encarou novamente, as palavras lhe faltaram, enquanto a observava. A massa loira de seus cabelos estava solta, caindo bem abaixo dos ombros. Teve que lutar contra a vontade de passar os dedos por eles e se perder em um longo beijo.

Ellen inclinou a cabeça, esperando que falasse, e ele teve que limpar a garganta antes de poder conseguir. — Não tinha certeza se viria.

— Sou uma mulher de palavra. Se lhe disser que estarei em algum lugar, então, só uma emergência me impediria.

O toque de aço em sua voz lhe disse que ele havia cometido um erro, mas não muito grave. Ela não teria escrúpulos em passar por ele e sair se realmente a tivesse irritado.

— Perdoe-me. — disse, tomando muito cuidado em cruzar as mãos atrás das costas para não a tocar e estragar ainda mais as coisas por ter pressa — Não por duvidar de sua palavra, mas do meu próprio valor. Sei que não sou sua pessoa favorita. Eu quase tive esperança demais de poder realmente tê-la.

— Não me tem.

— Ainda não, não. Estou bem ciente desse fato. Mas, pelo menos, agora tenho esperança de que isso mudará, um dia.

Ela estreitou os olhos e olhou para ele por vários segundos tensos. Castlefield permaneceu em silêncio durante a leitura. Entenderia como se comportar a partir do que ela dissesse a seguir.

— Não pareceu ter nenhum receio quando me abordou pela primeira vez, nem em qualquer outra ocasião, desde então.

— Oh, tinha mais do que algumas dúvidas. Mas tento não deixar que elas direcionem minhas ações. Afinal, a sorte favorece aos ousados.

— De fato. Pensando dessa forma...

Observou enquanto ela pegava a faixa do roupão e o desamarrava. Pensou que iria parar por aí, mas quando tirou peça e a deixou cair no chão, em uma poça macia de tecido, achou que iria enlouquecer. A camisola era branca e de corte modesto, mas a luz de várias velas a iluminava por trás e ele podia ver claramente o formato de seu corpo através do tecido fino. A curva de seus quadris, normalmente escondida atrás da queda reta das saias da moda atual, estava claramente delineada à sua vista, e ele não queria nada mais do que segurá-los e atraí-la para mais perto.

Quando arrastou o olhar de volta para seu rosto, parando no caminho para observar o formato dos seios, a inclinação desafiadora de sua mandíbula lhe disse exatamente o que Ellen estava fazendo. Também serviu como um lembrete para controlar seus desejos. Estava tentando ser corajosa e assumir o controle da situação, o que significava que estava com medo. Precisava controlar suas emoções, antes de se ver deitado de costas novamente, com ela fugindo do quarto.

Olhou para a cama, mas descartou esse local. Quando planejou originalmente esta sedução, não tinha percebido o quão perto do limite estaria. Se Ellen se juntasse a ele na cama, não tinha certeza se seria forte o suficiente para não a reclamar. Mas, a primeira vez que passariam juntos, não poderia ser por causa dele. Tinha que mostrar que poderia ser um amante altruísta, capaz, acima de tudo, de lhe proporcionar prazer.

Algo lá no fundo rugiu de descontentamento com esse pensamento, mas ignorou. Ellen só seria dele nos seus próprios termos.

Estendeu a mão e esperou. Depois de vários segundos, ela estendeu a dela. O ar esfriou com o pôr do sol e, dado o pouco que ela usava, não ficou surpreso ao descobrir que a pele dela estava fria. No entanto, não comentou sobre isso. Logo a aqueceria.

Ele se virou em direção a sua sala de vestir.

Ela hesitou, olhando para a cama e depois para ele. — Aonde vamos?

— Precisamos de uma mudança de cenário.

Percebeu um vislumbre de alívio no rosto dela e silenciosamente prometeu que apagaria todas as lembranças desagradáveis de casais apressados e unilaterais em seu leito conjugal. Mas hoje não seria esse dia.

— Pegue um desses castiçais, por favor. — disse, apontando com a cabeça em direção, o que serviu para que tivesse uma visão tentadora de seu corpo. Tinha três velas acesas. Não o suficiente em sua mente, mas, pelo menos, não estariam se atrapalhando no escuro.

Não soltou a mão dela ao abrir a porta, onde uma *chaise longue* ocupava um lugar de destaque no centro do espaço escuro. Não conseguia se lembrar de uma ocasião em que o tivesse usado, mas agora estava feliz por sua presença. Pegou o candelabro de Ellen e o colocou em um aparador alto, encostado na parede. As velas lançavam um brilho quente sobre a sala, ao mesmo tempo que alongavam as sombras. Ele e Ellen fariam isso de novo, um

dia, e ele se certificaria de iluminar a sala com tantas velas e lâmpadas quanto pudesse encontrar. Mas, por hoje, esperava que as sombras permitissem a Ellen uma medida de segurança.

Ela puxou a mão da dele e, com pesar, ele permitiu. Para sua surpresa, ela se curvou ligeiramente na cintura e começou a puxar a camisola para cima, com a mão direita. Ficou paralisado ao observar cada centímetro de pele aparecer. Quando o tecido passou pelo joelho direito, cerrou as mãos para não estender a mão para ela. Teria que detê-la em breve, no entanto. Isso não era nada do que tinha planejado.

Uma liga preta apareceu em sua coxa direita, e ele começou a imaginar a pele que ficava acima dela e como seria macia ao toque. Manteve-se firmemente sob controle, enquanto a observava virar para a esquerda. Foi só então que ele notou a bainha presa à liga, na parte externa da coxa.

Ficou boquiaberto quando ela desabotoou a sinistra tira de tecido e permitiu que a camisola voltasse ao lugar. Percebeu o cabo inconfundível de uma adaga saindo da liga que havia sido amarrada na perna dela segundos antes e se viu olhando para a arma por um tempo.

— Eu me convenci de que Brantford estava brincando sobre isso. — disse quando finalmente conseguiu falar novamente.

Ellen sorriu enquanto tirava a adaga da bainha e a girava com movimentos rápidos e hábeis entre os dedos. — Meu irmão nunca brinca sobre segurança.

Jogou a faca, que pousou solidamente no batente da porta, incrustada com vários centímetros de profundidade.

— Não achei que fosse possível ficar mais excitado do que já estava.

As palavras saíram antes que ele percebesse que as estava dizendo em voz alta. O olhar de Ellen mergulhou nas calças e sua expressão se fechou.

Observou quando endireitou as costas e se virou para a espreguiçadeira. Se ela imaginava que iria fazê-la se deitar enquanto cavalgava em cima dela, estava redondamente enganada. Pegou-lhe a mão novamente e a virou em sua direção.

— Não sou tolo o suficiente para acreditar que precisa daquela adaga para me deter.

Ela sorriu, sem dúvida lembrando como facilmente o virou de costas, na primeira vez que tentou beijá-la.

— Não irei impedi-lo.

Ele procurou no rosto dela qualquer sinal de dúvida. — Tenha absoluta certeza disso, Ellen.

O olhar dela baixou para sua boca, e ele teve que conter um gemido quando ela sussurrou: — Eu tenho.

Capítulo 18



Ele abaixou a cabeça e ela ficou na ponta dos pés. Encontraram-se em algum lugar no meio, e ele não conteve seu murmúrio de prazer. Este não era o primeiro beijo, mas foi o mais satisfatório. Como desejava fazer quando ela entrou em seu quarto, enterrou as mãos em seus cabelos e inclinou a cabeça para o lado, para poder ter melhor acesso à sua boca.

Ela enrijeceu quando ele tocou seus lábios com a língua, mas os abriu depois de um momento. Moveu-se lentamente, extraindo o prazer para ambos. A maneira como ela se derreteu contra seu corpo, quando suas línguas se encontraram, lhe disse que ela sentia prazer em seu beijo. O ronronar suave que ela soltou no fundo da garganta foi quase sua ruína.

— Ellen... — sua voz era áspera quando afastou a boca e começou a chover beijos suaves ao longo de sua garganta — quero te mostrar muito.

Ela respirou fundo antes de responder. — É por isso que estou aqui.

Mas o leve tremor em sua voz a traiu — ainda estava nervosa com o que estava por vir. Infelizmente, ele era impotente para tranquilizá-la apenas com palavras. Teria que mostrar-lhe que era confiável. Quando finalmente ficassem juntos, ela estaria tão ansiosa para consumir sua união quanto ele.

Endireitou-se e a olhou. — Esqueça todas as suas expectativas. Vou tocá-la agora, mas prometo-lhe que não a machucarei, nem me apressarei em alcançar minha própria satisfação. Se eu fizer algo que a desagrade ou que lhe cause algum sofrimento, basta dizer-me e eu pararei.

Esperou por seu assentimento, antes de levar sua boca para a dela novamente. Gostava de beijá-lo, então ele começaria por aí.

Suas emoções aumentaram quando ela respondeu com ansiedade. Segurando-a contra ele, sentindo o modo como ela ganhava vida em seus braços, testou seu autocontrole ao ponto de ruptura. Mas tinha prometido que esta noite seria tudo sobre ela, e pretendia levar até o fim.

Mexeu-se, trazendo-a junto com ele, até que suas panturrilhas bateram na espreguiçadeira. Na esperança de que a súbita mudança em suas posições não assustasse a encantadora mulher em seus braços e a fizesse fugir, se abaixou sobre ela. Ao mesmo tempo, deslocou Ellen ligeiramente para o lado, de modo que ela ficasse sentada em seu colo. Entretanto, teve cuidado para não a acomodar com sua ereção dolorida.

A respiração de Ellen ficou presa na garganta quando ela registrou a mudança em suas posições, mas sua boca não se separou da dele. Demorou apenas um momento antes que ela se acomodasse mais completamente em seu colo, e seu coração palpitou quando ela assumiu o controle do beijo. Permitiu, sabendo, instintivamente, que aquela era a primeira vez que ela fazia aquilo. A maneira como ela passou as mãos pelos seus ombros fez com que ele perdesse o foco. Há muito que ele a imaginava o tocando. Que estivesse

fazendo isso agora, por cima da camisa dele, não importava. Ellen estava em seu colo, beijando-o com entusiasmo, e isso era o suficiente. Um dia, em breve, jurou silenciosamente, estariam pele a pele.

Continuando a se mover lentamente para não a alarmar, colocou uma mão em seu joelho, esperando que ela enrijecesse. Em vez disso, ela fez outro som suave de assentimento, antes de recuar.

Olhou para a mão dele e depois para ele. — Não irá longe me tocando por cima da minha camisola.

— Ficaria surpresa com o que pode acontecer com alguém vestido.

Ellen balançou a cabeça levemente, mas seus lábios se curvaram, com sua provocação gentil. — Não acredito no que diz.

Ele sorriu de volta. — Esse é um desafio que aceitarei prontamente, outro dia. Por enquanto...

Castlefield a beijou novamente, e a reação dela lhe disse que sentia prazer em seu toque, enquanto ele movia a mão por baixo do tecido da camisola, deslizando lentamente os dedos ao longo da parte interna de sua coxa. A luxúria o percorreu quando descobriu que ela não estava usando nenhuma roupa íntima. O calor de sua pele o incentivou a continuar.

Quando alcançou o topo da coxa, ela não se abriu, mas também não o impediu. Podia não ser inocente, mas claramente não tinha conhecimento de tudo que um homem e uma mulher poderiam fazer juntos.

Puxou a perna dela para o lado. Ela permitiu o movimento, mas soltou um leve suspiro de surpresa, quando a tocou entre elas.

— Já se tocou aqui? — perguntou, enquanto movia os dedos ao longo de sua fenda. Sentiu primeiro o calor dela, depois a umidade. Estava gostando daquilo tanto quanto ele sabia que iria gostar.

Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes antes de concordar. Ele quase disse algo irreverente, mas conteve o desejo. Esta era Ellen, como nunca a tinha visto: vulnerável e aberta à experiência. Haveria muito tempo para ela descobrir que poderia haver provocações leves no quarto, mas agora queria que ela se concentrasse no prazer que estava experimentando.

Suas mãos estavam ancoradas em volta do pescoço dele, mantendo-a estável, enquanto ele acariciava seu seio com a outra mão. Ela começou a se afastar de seu toque, mas parou quando ele passou um dedo sobre a pérola que descansava no topo de suas dobras. Quando se arqueou contra seu corpo, ele tomou sua boca novamente, com a intenção de completar seu ataque aos seus sentidos.

Dessa vez foi Ellen quem afastou a boca, mas ele percebeu, pelo rubor em seu rosto e pela respiração irregular, que ela estava perto. Redobrou seus movimentos e a respiração dela ficou presa. Só conseguiu olhá-la com admiração quando ela fechou os olhos e soltou um pequeno grito de lamento, ao atingir seu auge. Nem se importou que ela estivesse apertando seu pescoço com tanta força, que ameaçava deixar hematomas.

Parou seu ataque aos sentidos dela e então a embalou em seus braços, uma

mão acariciando ao longo de suas costas. Sua própria respiração não estava tão estável quanto gostaria.

Aguardou enquanto os batimentos cardíacos dela se acalmavam para um ritmo mais normal e a respiração dela se estabilizava, usando o tempo para controlar sua frustração. Ainda estava duro e sabia que ela seria capaz de sentir isso, já que permanecia enrolada em seu colo. Seus braços se afrouxaram de seu aperto forte e suaves suspiros de ar fizeram cócegas na lateral de sua garganta.

— Isso foi tudo?

Ele não precisava ver o rosto dela para saber que ela estava confusa. — Não foi suficiente? Sempre podemos fazê-lo de novo.

Ela soltou um suspiro suave e levantou a cabeça para encontrar o olhar dele. — Pela minha experiência, os homens se preocupam mais com seu próprio prazer do que com o da mulher com quem se deitam.

Castlefield quis fazer uma careta ao lembrar tudo o que ela deve ter sofrido nas mãos do marido, mas se forçou a manter a expressão neutra quando respondeu. — Já lhe disse que não estive com o homem certo.

— É isso que é? O homem certo?

Ele sorriu em resposta. Quando ela fez um leve som de zombaria, ele não conseguiu parar de rir. — Eu sou definitivamente o seu homem certo.

Ellen considerou a resposta dele por vários segundos. — Então não faremos mais nada, esta noite?

Era tão adorável quando estava confusa, que ele não resistiu à vontade de esfregar o nariz no dela.

— Não, Ellen, não vamos. Mas prometo-lhe que há mais delícias reservadas para você.

— O que o faz pensar que voltarei para mais? Já tive minha satisfação. Minha curiosidade foi saciada.

Ele gemeu com o lembrete não tão sutil de que ela era a única que havia chegado até o final. Teria que se aliviar mais tarde, ou não haveria chance de adormecer.

Acariciou novamente a parte interna da sua coxa com uma mão, parando antes de chegar ao topo. O gemido suave de Ellen em resposta lhe disse tudo o que precisava saber.

Levantou a cabeça para encontrar seu olhar, o desejo se transformando em um incêndio incontrolável, quando Ellen fechou os olhos e esperou que sua boca reivindicasse a dela. De alguma forma, ele se conteve e não o fez.

— Esse foi apenas o começo, meu amor. Não tem ideia do que lhe planejei. E ambos sabemos que a sua curiosidade não tem limites. Voltará.

Seus olhos se abriram e ela encontrou o olhar dele por alguns segundos, antes de descansar a cabeça em seu ombro. Esse pequeno movimento lhe disse, sem necessidade de palavras, de que tinha a sua confiança.

Permaneceram assim por um minuto inteiro, antes que ela finalmente respirasse estremeçando e se levantasse. Os braços dele se apertaram em

reflexo ao redor de sua cintura, mas, no final, permitiu que ela ficasse de pé. O tecido da camisola caiu cobrindo-lhe as pernas. Nunca seria capaz de constranger esta mulher — não que tivesse qualquer desejo de fazê-lo. Ela tinha que ir até ele inteiramente, por sua própria vontade, ou não.

Ellen olhou para onde ele estava sentado na *chaise longue*. — O que está fazendo comigo, Charles?

— Estou cortejando-a, Ellen.

Percebeu que ela finalmente acreditou. Não era um jogo para ele. Mas, em vez de prazer, ele viu uma pitada de medo cruzar suas feições. Queria acalmar esse medo. Em vez disso, não disse nada quando ela se afastou e, sem dizer uma palavra, saiu do quarto de vestir. Ele permaneceu congelado na espreguiçadeira, ouvindo enquanto ela fazia uma breve pausa. Imaginou que estaria vestindo o roupão naquele momento.

Então, logo depois, ela destrancou e abriu a porta do quarto, e ele ouviu o suave clique da fechadura.

Capítulo 19



Ellen voltou para seu quarto sem encontrar ninguém. Não era a primeira visita clandestina dela ao quarto de Castlefield, mas o objetivo das anteriores era irritá-lo. Desta vez, tinha um propósito muito diferente e um resultado muito distinto. Não podia negar que o encontro a deixou mais do que um pouco abalada.

Preparou seu pretexto normal, caso alguém a visse: estava se esgueirando até a cozinha para comer mais, do que quer que tivessem comido de sobremesa naquela noite. Porém, seus pensamentos estavam dispersos e ela nem conseguia se lembrar do que tinha sido.

A ideia de tentar tropeçar em sua desculpa preparada enquanto pensamentos sobre o que ela acabara de fazer com Charles, passavam por sua mente, ameaçavam trazer calor ao seu rosto. Não corava desde que era donzela, e talvez nem mesmo naquela época.

Felizmente, todos os convidados estavam alojados na mesma ala da família e ela não precisou andar muito, antes de chegar à segurança de seu quarto. Entrou e girou a chave na fechadura.

Era impossível não pensar no encontro deles enquanto tirava o roupão e se acomodava entre os lençóis da cama de dossel. Quando fechou os olhos, as lembranças se intensificaram e ela quase pôde sentir o toque dele em sua pele. Na verdade, ela ansiava por aquilo.

Quando saíra do quarto, quase esperou que ele tentasse impedi-la. E, se fosse sincera, não teria sido capaz de detê-lo, se tentasse pressioná-la por mais. Não porque ele fosse mais forte e pudesse forçá-la. Não, se a tivesse pressionado, teria se entregado de boa vontade.

Suas palavras de despedida a deixaram mais perturbada do que qualquer coisa que ele tenha feito. Aquelas palavras foram uma surpresa agradável, porque, agora, sabia que ele não estava brincando. Por qual outro motivo teria tanto cuidado em dar-lhe um vislumbre das delícias que poderiam existir entre um homem e uma mulher, sem tomar nenhuma dessas delícias para si?

Falou sério quando disse que a estava cortejando, e isso a aterrorizava.

Mesmo quando o pensamento entrou em sua mente, sabia que não era correto. Não estava com medo dele ou de suas intenções. Estava esperançosa. Possivelmente até mesmo à beira de cair em uma paixão mal concebida por ele.

A última vez que isso tinha acontecido, era jovem, ingênua e realmente acreditava que Laughton a amava. O que ele amava, no entanto, era seu corpo, embora nunca tivesse tomado tanto cuidado com ele. Também adorava estar unido aos Brantfords, através do casamento, se bem que essa conexão não tivesse adiantado no final. Não depois que seu irmão descobriu a extensão de sua miséria e a colocou sob sua proteção - emitindo um convite individual

para que ela o visitasse, que Laughton não conseguiu negar - e lhe mostrou como incapacitar seu marido, caso tentasse machucá-la novamente. As lições sobre como manusear uma adaga vieram mais tarde, depois que Brantford herdou o título.

As advertências do irmão de que não teria escrúpulos em arruinar Laughton se a tocasse novamente, fizeram o resto. O marido abandonou o lado físico do casamento e acalmou o orgulho masculino, seduzindo outras mulheres. Ela acolheu bem a separação e disse a si mesma que não se importaria em nunca ter filhos se isso significasse que não teria mais que suportar as atenções do marido.

Mas, agora, Charles estava despertando todos aqueles sonhos que ela havia cuidadosamente guardado. Não ajudava o fato de estar cercada por casais apaixonados. Se o irmão dela, entre todas as pessoas, conseguiu encontrar a felicidade no casamento, por que ela não poderia? E não era tão velha. Mulheres da sua idade ou mais velhas, tinham filhos com uma regularidade alarmante, embora lhe tivessem dito que era muito mais difícil, depois que passavam os primeiros tempos da juventude.

Soltando um suspiro exasperado, Ellen rolou e abraçou um segundo travesseiro. Ao adormecer, tentou não ser muito dura consigo mesma, quando começou a imaginar que estava abraçando Charles. Quando o sol nascesse na manhã seguinte, voltaria ao seu estado normal e prático.

Capítulo 20



Infelizmente, manter suas emoções rebeldes sob controle provou ser mais difícil do que ela esperava. Com o passar dos dias, tornou-se cada vez mais difícil esconder o fato de que ela e Charles haviam se aproximado. Jane, por exemplo, notou uma mudança no relacionamento deles. Ellen tinha certeza, porém, de que sua amiga não suspeitava que passavam parte de suas noites juntos. Se o fizesse, Jane nunca teria sido capaz de conter a sua alegria e já a teria questionado sobre o futuro deles, há muito tempo.

O mesmo não poderia ser dito de seu próprio irmão. Ellen notou vários olhares significativos entre Brantford e Charles. E, dada a incrível capacidade de seu irmão de descobrir segredos, não ficaria surpresa se ele soubesse exatamente o que estava acontecendo. Ela certamente não iria tocar no assunto, no entanto. Contanto que ninguém lhe perguntasse sobre um futuro casamento, poderia ignorar as especulações. Afinal, se havia uma coisa em que Ellen era boa era em compartimentar suas emoções.

Não foi fácil, mas estava determinada a não sucumbir aos sentimentos que ameaçavam surgir, sempre que estava com Charles. Visitou-o todas as noites, durante a semana anterior, cada encontro secreto mais acalorado que o anterior, mas ainda não tinham feito amor. Ele tinha sido escrupuloso todas as noites, em garantir o prazer dela e negar o seu próprio. Estava claro que ele queria dar o passo final e, se fosse sincera, ela também queria. Mas, até o momento, ele evitara perder o controle.

Estavam jogando um jogo perigoso, especialmente quando o restante de suas famílias estava presente. Quase escorregou e o chamou pelo nome de batismo quando desceu para jantar naquela noite, e sempre se pegava olhando para ele durante a refeição.

Enquanto os pratos da sopa eram retirados, Ellen debatia se seria seguro sorrir para ele, sem despertar as suspeitas dos outros, quando sentiu Jane bater em seu braço.

Voltou sua atenção para a amiga, dando-lhe o sorriso que estava destinado a Charles.

Jane baixou a voz e olhou para Castlefield, antes de se virar para olhá-la novamente. — Está dispersa Ellen. Há algo que deseja compartilhar comigo?

Ellen balançou a cabeça, odiando ter que manter segredo. Mas a última coisa que queria era decepcionar Jane novamente, já que seu relacionamento com o irmão da amiga seria de curta duração. Não faria sentido dizer algo que fizesse Jane sonhar que as duas se tornariam irmãs.

— Estava pensando em Brighton. — disse Ellen.

Isso foi o suficiente para distrair sua amiga. Em sua empolgação com a próxima viagem para sua nova casa, estava quase pulando na cadeira.

— Sei que estamos a apenas uma hora de carruagem do mar, mas estou

muito feliz por estar mais perto da água. Fazemos questão de visitar a costa diariamente enquanto estamos por lá, mas este será o primeiro ano em que não alugaremos uma casa para o verão. Henry também adora e fez muitos amigos no ano passado. Hope ainda é jovem, mas sei que sentirá o mesmo. Mal posso esperar pela sua visita, Ellen.

Ellen estava dividida sobre sua resposta. Realmente queria passar mais tempo com Jane, mas, naquele momento, sabia que sentiria falta das visitas noturnas a Charles. Sorriu, dizendo: — Também estou ansiosa por isso.

Jane suspirou. — A próxima semana parecerá tranquila sem toda a família presente. Foi tão bom ter a casa cheia novamente. Senti falta disso.

Ellen estendeu a mão e apertou a mão de Jane antes de soltá-la novamente.

— Eu também. Mas tenho certeza de que seu marido vai gostar de tê-la só para ele por um tempo.

Jane olhou para o outro lado da mesa, antes de baixar a voz e se aproximar.

— Charles normalmente não fica mais do que um ou dois dias quando nos visita. Ele afirma que esta casa é suficientemente próxima para que possa visitar a beira-mar, sempre que desejar. Devo agradecer-lhe pela disposição dele em nos fazer uma visita prolongada, este ano?

Os olhos de Jane brilhavam e Ellen teve que romper o contato visual, odiando não poder ser honesta com sua amiga mais próxima. — Sua Graça é dono de si. Longe de mim tentar discernir as razões por trás de suas ações.

Não pôde resistir a uma rápida olhada no homem em questão. Como se pudesse sentir seu olhar, ele desviou o olhar da conversa que estava tendo com Brantford e encontrou os olhos dela. Não percebeu que estava sorrindo para ele, até que Jane bateu em seu ombro. Estava grata naquele momento por nunca ter sido propensa a corar.

Brantford então mudou a conversa, perguntando se muita coisa havia mudado em Brighton, desde a última visita dele, vários anos antes. Isso foi o suficiente para Jane começar a falar sobre tudo o que esperava fazer quando eles se juntassem a ela, dentro de uma semana.

Ellen encontrou os olhos do irmão e inclinou a cabeça em agradecimento silencioso. A expressão em seus olhos foi toda a confirmação que Ellen precisava. Seu irmão sabia exatamente o que estava acontecendo entre ela e Charles.

Capítulo 21



Ellen estava se preparando para fazer sua visita noturna ao quarto de Castlefield, quando uma única batida soou na porta. Apertou o cinto do roupão enquanto atravessava o quarto para abrir a porta.

Esperava encontrar uma criada. Em vez disso, era Charles no corredor. Um canto de sua boca se inclinou em um sorriso, que fez seu coração disparar. Sem dizer uma palavra, abriu mais a porta para permitir que ele entrasse.

— Existe algum motivo para a escolta pessoal esta noite, Vossa Graça? — perguntou, baixando a voz — E se alguém nos vir indo para o seu quarto? Não creio que acreditaríamos que estávamos ambos descendo para uma segunda rodada de doces.

O calor que encontrou em seus olhos causou um arrepio na espinha. Estava perdida se um simples olhar daquele homem pudesse transformá-la em uma poça de saudade.

— Achei que seria uma boa mudança de ritmo continuar nossos... esforços... aqui, esta noite.

Deixou claro que concordava, trancando a porta, antes de se virar para encará-lo novamente.

— Tem certeza de que consegue manter a voz baixa? Ao contrário dos seus aposentos, meu quarto não é ladeado por quartos desocupados, e decidi que esta noite é a noite em que perderá o controle. Afinal, é justo.

Ele estava prestes a protestar, mas ela o interrompeu. Ensaiou aquele discurso em sua cabeça e não lhe seria negado.

— Sei que isso deveria ser sobre mim. Provou que nem todos os homens são grosseiros e egoístas na cama. Mas agora, mais do que tudo, quero saber o que é fazer amor com um homem. Alguém que não simplesmente cuida de suas vontades em cima de mim e depois sai do quarto, sem dizer uma palavra. A menos, é claro, que não ache que está à altura do desafio.

Ele agarrou uma das mãos dela e a puxou. — Acho que descobrirá que estou mais do que à altura do desafio. — a forte pressão de sua ereção contra sua barriga deu prova de suas palavras — A questão mais importante é se conseguirá não gritar.

Ellen passou as mãos pelos cabelos da sua nuca.

— Não tenho certeza se posso fazer essa promessa, mas estou disposta a tentar.

Esse foi todo o incentivo que Castlefield precisava antes de baixar a cabeça e capturar sua boca em um beijo que lhe disse, sem palavras, que ele estava mais que pronto para consumir o caso deles.

O ato sexual deles naquela noite foi surpreendente por outros motivos além do novo local. Ellen não pôde deixar de pensar que Castlefield lhe queria contar algo. Ele a olhou com uma intensidade possessiva, enquanto deslizava

para dentro de seu corpo, e ela mal se lembrou de apertar os dentes no lábio inferior para não gritar.

Esperava grosseria dele, dada a forma como se absteve de buscar seu próprio prazer durante a semana passada, mas a surpreendeu ao se mover lentamente. Atrasou sua liberação, até que ela quisesse chorar de frustração. Ellen teria reclamado, mas estava claro que ele também torturava a si mesmo. Quando finalmente atingiu seu ápice, ele se manteve sob controle por tempo suficiente para permitir que seus tremores cessassem, antes de sair dela e encontrar seu próprio fim nos lençóis.

Castlefield permaneceu sobre ela, seus braços prendendo sua cabeça e segurando seu peso para não a esmagar. Suas testas se tocavam enquanto ambos lutavam para recuperar o fôlego. Os olhos dele procuraram os dela e Ellen não conseguia parar de sentir que deveria estar preocupada. A maneira como a olhava, o cuidado que ele teve... Não pôde deixar de se perguntar se esta seria sua última noite juntos. Provavelmente, era melhor que realmente rompessem agora, antes que sua amizade fosse comprometida irrevogavelmente — se já não estivesse — mas não podia negar que não estava pronta para deixá-lo ir. Ainda não.

Ele rolou para o lado e a puxou para si, de modo que a cabeça dela descansasse em seu ombro. Não era sensato da parte dela se tornar tão sentimental, mas fechou os olhos e se permitiu deleitar-se com a sensação dos corpos um contra o outro. Nem mesmo no começo, quando o marido a tomou pela primeira vez, depois do casamento, ela se sentiu tão próxima de outra pessoa. Esse pensamento deveria tê-la alarmado, mas lidaria com as repercussões mais tarde. Por enquanto, estava contente em aproveitar o momento, sabendo que logo terminaria. Duvidava que algum dia encontraria essa sensação de paz novamente com outra pessoa.

As mãos dele acariciaram suas costas, o calor penetrava em seus ossos. Estava prestes a adormecer quando a voz dele quebrou o silêncio.

— Talvez não consigamos fazer isso quando chegarmos a Brighton. Não sei onde dormiremos e não tenho certeza se seria sensato correr o risco de sermos pegos.

Ellen levantou a cabeça e encontrou seu olhar.

— Então, talvez, não devêssemos ir para Brighton.

Seu desejo de ficar ali com aquele homem, a surpreendeu, mas não se arrependeu de suas palavras. Naquele momento, ela não queria nada mais do que arrancar toda a felicidade que pudesse do pouco tempo que passariam juntos.

— E decepcionar Jane? Sei que não gostaria de fazer isso.

Ellen suspirou. Visando a leveza, disse: — Tome nota deste momento. Estou prestes a admitir algo que provavelmente não ouvirá dos meus lábios novamente, mas está certo.

Sua risada retumbou através dela onde seus corpos ainda se tocavam. — Caso estejamos em lados opostos da casa, talvez seja sensato recuperar o

tempo perdido, antes de nos juntarmos a eles.

Em resposta, Ellen passou a mão por seu torso e segurou sua ereção, surpresa por ele já estar duro novamente. Se aquela semana fosse a última vez em que estariam juntos, planejava aproveitar ao máximo.

Capítulo 22



Castlefield voltou para sua cama um pouco antes do amanhecer. Quando entrou no quarto, nem olhou para a cama. Não dormiria mais, agora que havia saído do lado de Ellen.

Foi capaz de afastar sua culpa enquanto estava com ela, mas não conseguia mais evitar as consequências de suas ações. Tinha sido egoísta. Quase se convenceu de que não faria amor com ela, antes de revelar a verdade sobre seu papel na morte de seu marido. Mas, quando confrontado com o medo de que ela nunca o perdoasse por guardar o segredo, afastou a voz interior que o avisava para parar e finalmente a reivindicou para si.

Cada sorriso que lhe dava, cada suspiro de satisfação, provocava uma certeza sombria de que esta poderia ser a última vez que o permitiria por perto.

Já tinha adiado o máximo que podia. Era hora de lhe contar a verdade.

Não poderia contar tudo, é claro. Os eventos que levaram ao seu duelo com Laughton, não eram seus segredos para revelar. Ainda assim, precisava lhe contar que o marido não morrera num acidente de caça, mas pelas mãos dele.

Deveria ter lhe contado muito antes. O egoísmo puro o impediu de fazer isso, antes que o relacionamento deles se tornasse físico. Mas sabia, sem dúvida, que contar a ela sobre o duelo teria condenado qualquer chance de mostrar a Ellen que não era como seu falecido marido. Que eles poderiam ter algo especial, que fosse muito diferente do primeiro casamento.

Havia apostado alto sobre quando lhe contar a verdade. Agora era hora de revelar o que podia e esperar que quaisquer sentimentos que ela tivesse desenvolvido por ele, fossem suficientes para impedi-lo de perder a mulher que amava.

Estava nervoso, andando de um lado para o outro, na tentativa de aliviar um pouco sua inquietação, quando seu criado entrou no quarto, no horário habitual. Ele se entregou à familiaridade de sua rotina matinal e algum tempo depois estava a caminho da sala de café da manhã. Esperou no corredor, ouvindo os sons de Jane e sua família se despedindo dos outros convidados.

Quando a família de sua irmã entrou no corredor, sorriu em saudação e seguiu o grupo, até o corredor da frente. Henry segurava a mão de Eddings enquanto Hope estava empoleirada no quadril da irmã. Ao se despedir, tentou não pensar em ter que se despedir de Ellen também.

Esperou, com a mãe ao seu lado, enquanto o grupo entrava na carruagem que os aguardava, a empolgação por finalmente partir para Brighton e sua nova propriedade era palpável. Assim que a carruagem começou a se mover, voltou para a sala de café da manhã. Sua mãe murmurou algo sobre ter cartas para escrever, antes de subir as escadas.

Seus olhos encontraram os de Ellen quando entrou na sala, e ele não perdeu

a forma como eles iluminaram por um breve momento, mostrando interesse, antes que ela desviasse o olhar. Rose estava sentada ao lado dela, com Brantford do outro lado de sua esposa.

Rose olhava para a cunhada quando ele entrou na sala e teve certeza de que viu a reação de Ellen com sua chegada. Quando ele voltou seu olhar para Brantford, inclinando a cabeça em saudação, o outro homem deu-lhe um aceno solene. Como Brantford sempre sabia exatamente o que estava em sua mente, era um mistério, que ele havia desistido de tentar resolver há muito tempo.

Brantford murmurou algo sobre a necessidade de roubar a esposa por um momento, e, antes que Castlefield percebesse plenamente a intenção do homem, ficou a sós com Ellen.

Não estava pronto para aquela conversa, mas era hora de parar de evitá-la. Dispensou o lacaio, que estava ao lado do aparador, com nada mais que um aceno de cabeça, antes de se virar para olhar novamente para Ellen.

Suas sobranceiras se juntaram enquanto ela olhava para seu irmão e sua esposa que partiam, antes de soltar o fôlego, em um suspiro suave.

— Brantford sabe sobre nós. — olhou-o nos olhos — Contou a ele?

Castlefield balançou a cabeça. — Há pouco que o homem não saiba. Mas sim, ele sabe do meu interesse. Certamente não lhe disse que as coisas tinham progredido além disso, embora ele saiba que planejei cortejá-la.

— Meu Deus, pediu permissão a ele?

— Não precisava. Seu irmão sabe, há algum tempo, que me importo contigo, embora, só recentemente, tenha percebido que ia além da amizade.

— Acha que ele sabe...?

Não precisou terminar a pergunta. — Sobre o desenvolvimento recente em nosso relacionamento? Com certeza não contei a ele, mas, provavelmente, sim.

— Eu já tinha pensado nisso, mas esperava estar errada. — Ellen balançou levemente a cabeça, antes de sorrir para ele — Normalmente toma seu café antes dos demais e desaparece pelo resto da manhã. Não o cansei ontem à noite, não é?

Ele riu, a expressão de inocência exagerada dela, levantando seu ânimo. — Foi por pouco. Mas não, eu queria passar a manhã contigo.

Ele sabia que estava agindo como covarde, mas foi até o aparador e encheu um prato, antes de voltar para ocupar o lugar que Rose havia desocupado. Moveu o prato vazio para o lado e colocou o seu no lugar. A comida tinha gosto de palha, mas ele não ia abrir mão desse momento a sós com Ellen.

A conversa girou em torno do assunto da recente partida de sua irmã e dos planos de se juntar a ela, em Brighton. Durante quinze minutos, fingiu que aquela poderia não ser a última conversa civilizada que teriam.

— Está incomodado com alguma coisa. — disse Ellen, quando ele finalmente empurrou o prato.

— O que a faz dizer isso?

— Nós nos conhecemos há muitos anos. Não preciso do dom estranho do meu irmão em ler as pessoas, para saber quando está pensando em outra coisa. Ou melhor, tentando não pensar.

Não fazia sentido negar. Levantou-se e estendeu a mão para ela. — Vamos dar um passeio.

Ellen nem hesitou quando colocou a mão na dele e permitiu que a ajudasse a se levantar. Ele acomodou a mão dela em seu cotovelo e a conduziu para os jardins nos fundos da casa.

O roseiral sempre foi o lugar favorito de Ellen, e por isso ele a guiou naquela direção, quando saíram da casa.

Ela não insistiu mais, esperando que ele quebrasse o silêncio. Cedo demais para o gosto deles, estavam se acomodando em um banco do outro lado do perfumado jardim. Estariam visíveis para qualquer pessoa que olhasse pela janela da casa, mas a conversa, seria privada.

— Tenho lutado para saber como lhe dizer isso, mas não posso mais esperar.

Ellen desviou o olhar. Manteve as mãos no colo, mas ele não perdeu a maneira como ela as apertou, antes de se forçar a relaxar. — Eu entendo. Ambos sabíamos que a nossa... ligação nunca duraria. Entrei nesta relação sabendo disso.

Uma pontada de arrependimento o perfurou. Ellen ainda não confiava nele. Como poderia não perceber seu próprio valor? Ou como o cativou tão completamente?

— Não quero que isso acabe, Ellen.

Sua cabeça balançou em direção a ele, os olhos arregalados.

— Por favor, não me peça em casamento. Não estou pronta para isso. Não sei se algum dia estarei.

Ele desejou que, convencê-la a se casar com ele, fosse a única coisa em sua mente.

— Espero que um dia mude de ideia, mas não era isso que eu queria dizer. Só espero que depois de termos essa conversa, ainda esteja disposta a me permitir cortejá-la, e até pedir que seja minha esposa.

Ela inclinou a cabeça para o lado, como se tentasse entender as palavras dele.

Ele respirou fundo e continuou. — Preciso contar a verdade sobre o que aconteceu no dia em que seu marido morreu. Não foi um acidente de caça, como Brantford lhe contou. Laughton morreu depois de travar um duelo.

Ela não pareceu surpresa. Era exatamente o tipo de comportamento tolo que seu marido costumava ter. — Eu deveria ter percebido isso. Dado o número de homens que ele traiu durante os dez anos do nosso casamento, suponho que era inevitável. Entretanto, não sei por que Lucien escondeu a informação de mim. Ele sabe que não me importei com o fato de Laughton ter voltado sua atenção para outro lugar. — balançou a cabeça — Não importa isso agora. Então, diga-me, a quem devo agradecer por me libertar?

Ellen estava fingindo estar bem, mas Castlefield percebeu que as palavras dele a perturbaram. Apostava, no entanto, que ela estava mais chateada pelo fato de seu irmão não ter sido honesto com ela do que pela descoberta de que seu marido não havia morrido em um acidente de caça.

— A mim. — respondeu, encontrando seu olhar incrédulo de frente.

Capítulo 23



Durante vários segundos, o próprio tempo pareceu parar. Ela não devia ter ouvido corretamente. Por que Castlefield teria travado um duelo com o marido dela?

Mas rapidamente, pensamentos e emoções a bombardearam, e ela lutou contra o peso deles. Levantou-se e virou-se, necessitando desesperadamente de um momento para resolver os seus sentimentos. Ouviu Castlefield se levantar, mas ele esperou, sem dizer uma palavra. O silêncio ameaçou sufocá-la.

Acima de tudo, estava o seu desejo de fugir. Em vez disso, ela se virou para encarar o homem que tão facilmente havia virado seu mundo de cabeça para baixo. Primeiro apresentando-lhe sentimentos que há muito considerava fora de seu alcance, depois jogando tudo fora com uma palavra.

Ficou lá, em pé, em silêncio, esperando que ela falasse. A emoção em seus olhos escuros falava de seus próprios sentimentos conflitantes. Era tão bonito, tão querido, e uma parte dela queria se jogar em seus braços. Mas se recusou a ceder a esse impulso. Tinha sido tão descuidada com suas emoções, e só agora, quando percebeu que poderia amar este homem, descobriu que havia mentido para ela. Exatamente como seu marido fez quando a cortejou.

— Eu preciso ir. Preciso de tempo para pensar.

Ele balançou a cabeça bruscamente. — Fique, Ellen. Temos que conversar sobre isso.

Tristeza. Sim, era isso que ela estava sentindo, junto com uma boa dose de descrença por ter permitido que outro homem usasse suas emoções contra ela. Irritada consigo mesma por sua fraqueza, só conseguiu atacá-lo.

— A hora de discutir o fato de ter travado um duelo com meu marido, que o levou à morte, teria sido antes de nos tornarmos íntimos. Diga-me, tudo isso foi apenas um jogo para você?

Tinha que dar-lhe o que lhe era devido. Se não soubesse, pensaria que o que viu refletido em seus olhos era tristeza.

— Nós dois sabemos que se eu tivesse lhe contado sobre o duelo, antes de ter a chance de prova-lhe que não sou nada parecido com Laughton, nunca teria me dado essa oportunidade.

Só conseguiu balançar a cabeça, incrédula. — É exatamente como meu marido.

Castlefield estremeceu com a acusação, mas ela estava zangada demais para parar. Uma pequena voz interior a incentivou a ter cautela, que ela não deveria atacar antes de ter tempo para pensar em toda a situação. Ignorou aquela voz. Castlefield queria falar sobre aquilo agora, então, lhe diria exatamente o que estava pensando.

— Assim como fez, Laughton me cortejou com palavras bonitas e beijos

doces. Mas o tempo todo mentiu sobre quem realmente era, e como seria o casamento. Como o que fez foi diferente? Se pôde esconder isso de mim, o que mais esconderia?

— Deve saber que me importo contigo. Quero honestidade entre nós, e é por isso que estou lhe contando agora. Ainda pode ir embora, mas espero, com cada fibra do meu ser, que não o faça, porque o que temos é algo que a maioria das pessoas nunca encontrará.

Queria acreditar nele, mas a experiência lhe ensinou que as ações de um homem falavam muito mais sobre suas intenções do que meras palavras jamais poderiam. Não conseguia entender por que seu irmão manteve esse em segredo. Dado tudo o que lhe contou sobre seu casamento, saberia que ela não se importava com a forma como Laughton havia morrido. Deve ter escondido os detalhes porque Castlefield não queria que ninguém soubesse do seu envolvimento.

— Diga-me, teria me contado a verdade se meu irmão não estivesse aqui? Pediu-lhe que escondesse isso de mim? Ele está lhe forçando a me contar a verdade agora, quando deveria ter feito isso desde o início?

Castlefield balançou a cabeça. — Brantford não está me forçando a fazer nada.

Havia algo em sua postura que lhe dizia que ele ainda guardava algo. Cruzou os braços e esperou que ele continuasse.

Castlefield respirou fundo. — Se gostaria de saber, conversamos a respeito desse assunto e sobre como precisava lhe contar a verdade. Mas não, ele não me forçou. Estou relatando o que eu já disse a seu irmão: sempre tive a intenção de lhe contar sobre o papel que desempenhei na morte de seu marido.

— E pensou que o momento apropriado seria depois de nos tornarmos íntimos.

Ela não perdeu a forma como as mãos dele se apertaram enquanto falava. — Odiava-me, Ellen, por causa da distância que estupidamente coloquei entre nós quando éramos mais jovens. Não queria nada comigo. É tão tolo querer lembrá-la de nossa amizade? Para mostrar que me arrependi de a ter afastado, todos os dias, nos últimos doze anos? A última coisa que eu queria quando finalmente concordou em passar um tempo comigo, era lhe dizer que travei um duelo com seu marido e que ele morreu por minhas mãos.

Ela nem sequer tentou manter a voz baixa. — Eu lhe teria dado uma maldita medalha. Estava contente em viver uma vida sozinha, fazendo aparições ocasionais com Laughton, para salvar as aparências. Tudo que eu queria era que ele me deixasse em paz, e consegui. Mas, quando ele morreu... — respirou fundo para firmar a voz — Que Deus me perdoe, alegrei-me quando soube que ele havia morrido em um acidente de caça. Ter-lhe-ia agradecido por me libertar daquele homem.

Ele olhou para baixo. Apenas então pareceu notar que seus punhos estavam cerrados, mas não os relaxou — ou não conseguiu — antes de levantar a cabeça para encontrar o olhar dela novamente — Teria se sentido da mesma

forma quando percebesse que eu não poderia lhe contar por que travamos o duelo?

Medo. Sim, essa era a emoção que ela sentia, acima de qualquer outra. Não queria ter essa conversa com Castlefield, porque não queria saber a verdade. A verdadeira razão pela qual travaram aquele duelo.

— Duelou por uma mulher.

Ele não respondeu, mas a forma como sua boca se torceu, em uma leve careta, lhe contou tudo. Estaria ela condenada para sempre a entregar seu coração a homens que estavam destinados a quebrá-lo? Por um lado, uma coisa havia se tornado bastante clara para ela: apesar de suas tentativas de se proteger da dor, o homem que estava diante dela agora tinha seu coração.

Ele se aproximou, mas parou quando ela se afastou um passo. — Maldição, não irei machucá-la, tampouco irei me impor.

— Dada a minha experiência anterior com homens que ficam felizes em mentir para mim, terá que me desculpar se meu instinto de me proteger assumir o controle.

Sua mandíbula ficou tensa e um breve lampejo de culpa a atingiu, antes que ela o deixasse de lado. Quase podia vê-lo processando mentalmente o que lhe diria.

Ficaram frente a frente por vários segundos. Os olhos dela desceram para as mãos dele novamente, que estavam se abrindo e fechando, e ela percebeu que ele estava tentando evitar estender a mão em sua direção.

Incapaz de suportar o silêncio, falou primeiro. — Por que não me contou a verdade? Sei que não viveu a vida de um monge. — não pôde evitar a risada amarga que escapou — Se eu tinha alguma ilusão antes, seu progresso no quarto provou o contrário.

— Ellen...

O som do nome dela nos lábios dele, a emoção torturada por trás, lembrou-a demais das noites que passaram juntos.

— Arrepende-se de ter mentido para mim?

A resignação instalou-se em sua expressão. — Não irei mentir-lhe novamente. Dadas as mesmas circunstâncias, e sabendo o que sei agora, não mudaria nada do que fiz.

Ela esperava que ele dissesse que sim, e por isso levou um momento para encontrar a voz. — E que circunstâncias são essas?

— Tudo isso. Eu a abordaria da mesma maneira e não mudaria nada do que aconteceu entre nós. Sabia que ficaríamos bem juntos, mas, para fazer que entendesse... — um canto de sua boca se ergueu em um sorriso, mas a emoção por trás desse gesto, estava cheia de tristeza — Não, nunca teria me dado uma segunda chance, se soubesse a verdade primeiro. Agi da única maneira possível.

Ellen não conseguia acreditar que, depois de tudo, ele se afezasse à insistência de que fora necessário mentir para ela. Uma frieza começou a transparecer nela, algo que acolheu bem. Foi a mesma frieza que lhe permitiu

sobreviver às palavras iradas de Laughton, muito depois dele ter parado de tocá-la.

— Sabendo o quanto eu valorizo a honestidade, pode me dizer por quem duelou com meu marido?

Demorou para responder à sua pergunta, muito mais do que o necessário. Castlefield afirmava gostar dela, e estava inclinada a acreditar que ele estava sendo sincero. Mas nunca teriam um futuro juntos, se ele insistisse em guardar-lhe segredos.

— Pergunte-me qualquer outra coisa. — disse, quando finalmente respondeu.

A nota suplicante em sua voz a teria influenciado antes, mas agora estava quase completamente morta por dentro. De novo.

Já sabia a resposta para a pergunta, mas perguntou mesmo assim. — Matou-o por mim?

Ele parecia não saber como proceder. Finalmente disse:

— Eu não sabia. Seu irmão guardou bem seus segredos.

— Mas o matou por causa de outra mulher.

Seu silêncio falou por si.

— Entendo. — teve que respirar fundo, antes de fazer uma breve reverência — Agradeço por sua hospitalidade, mas temo ter me imposto muito tempo. Lamento ter que recusar o convite de Jane para me juntar à família, em Brighton, mas, com certeza, me acertarei com ela, na próxima vez que estivermos na cidade.

— Não vá. — a voz de Castlefield falhou nas palavras. Se ela ainda fosse capaz de sentir, seu coração teria feito o mesmo.

— Eu apreciaria se ainda não contasse a ninguém sobre minha decisão de voltar para casa. Vou deixar um bilhete para Rose e meu irmão. Não há razão para que minha partida interfira na estadia deles. Se puder providenciar a vinda de uma carruagem, esperarei por ela em meu quarto. Uma criada pode arrumar minhas coisas mais tarde e elas poderão ser enviadas conforme sua conveniência.

— Eu a amo, Ellen. Achei que permitir que se casasse com Laughton fosse o maior erro da minha vida. Estava errado. Isto é. Falhei em fazê-la entender o quanto me importo contigo. O quanto a amo. Sabendo o que já passou com o primeiro homem que professou seu amor, não forçarei minhas atenções sobre você.

Ellen desviou o olhar enquanto ele falava. Pensou que estivesse morta por dentro, mas ouvi-lo dizer que a amava trouxe de volta à vida seu coração traidor. Era bom que não permitisse mais que aquele órgão governasse suas ações.

— Quero que saiba, no entanto, que a esperarei. Somente por você. Só posso rezar para que perceba que o que temos é especial. Que não sou o mesmo homem que seu marido era.

De alguma forma, Ellen obrigou-se a olhar para ele. Foi necessária muita

força para não desmoronar diante da mistura de devastação e determinação que viu escrita no rosto do homem que amava.

Não conseguia pronunciar nenhuma palavra e não achava que suas pernas aguentariam o tempo suficiente para permitir que lhe fizesse outra reverência. Em vez disso, inclinou a cabeça e passou por ele, recusando-se a se apressar ao sair do jardim.

Uma coisa era certa, quando os aromas das plantas a envolveram durante a caminhada de volta para casa, soube que nunca mais seria capaz de sentir o cheiro de outra rosa, sem que a lembrasse de seu atual desgosto.

No fundo, esperava que Castlefield a impedisse novamente, mas ele manteve sua palavra e permitiu que partisse.

Conseguiu chegar ao quarto antes de permitir que as lágrimas escorressem.

Capítulo 24



Ellen permitiu-se uma breve pausa em suas emoções, antes de iniciar o árduo processo de se recompor. Seria mais fácil quando ela voltasse para Londres e pudesse mergulhar em sua vida anterior. Brantford também lhe escondera a verdade, mas ela superaria essa traição em pouco tempo.

Rose ficaria desapontada quando descobrisse que partira, assim como Jane ficaria, quando soubesse que não visitaria Brighton. Só podia esperar que a amizade reavivada sobrevivesse à sua decepção.

Enquanto esperava pelo aviso de que a carruagem estava preparada, seu olhar foi para a caixa de madeira que estava sobre sua penteadeira. Seu breve relacionamento com Castlefield havia acabado, mas não conseguia rejeitar seu presente. Não acreditava mais que a concha que ali estava lhe traria sorte, mas não poderia deixá-la ali. Mesmo que servisse apenas como um lembrete para não baixar a guarda com outro homem, precisava levá-la consigo.

Foi necessária toda a força de que possuía para não desmoronar novamente quando seu olhar se desviou para a cama e as lembranças da noite que passaram juntos a atacaram.

Sentou-se à penteadeira e colocou a caixa no colo. Com um dedo, traçou as conchas gravadas ao longo da tampa enquanto esperava. Precisava escrever um bilhete rápido para a mãe de Castlefield, em agradecimento pela hospitalidade. Fechou os olhos e respirou fundo novamente, para acalmar os nervos.

Antes que pudesse pegar a pena e o papel que estavam na gaveta da penteadeira, uma batida soou na porta. Esperando uma criada ou um laçao, ela se levantou e respondeu a pessoa para entrar. Mas quando a porta se abriu, era seu irmão que lá estava.

Ele fechou a porta silenciosamente e virou-se para encará-la. — Está de partida.

Não foi uma pergunta e ele não pareceu surpreso.

— Já lhe ocorreu que eu deveria ter sido informada de que meu marido morreu como resultado de um duelo?

Brantford ergueu uma sobrancelha e ela teve que conter a vontade de gritar com o irmão. Como ele pôde permitir que ela se aproximasse de Castlefield, quando sabia que isso só terminaria em desgosto? Cruzou os braços em frente ao corpo, sem se importar que ele reconhecesse a ação pelo que era: uma tentativa de se controlar.

— Não brinque comigo. A única razão pela qual estaria aqui seria se Castlefield lhe contasse sobre nossa conversa. — seu irmão não lhe disse nada, e uma compreensão horrível a atingiu — Estava lá. Ele não me deu nenhum detalhe, mas nós dois sabemos que há apenas uma pessoa que ele teria pedido para ser seu segundo. E que teria contatos para encobrir tudo,

mais tarde.

— O que quer que eu diga, Ellen? Claro que eu sabia. E não, não vou me desculpar.

Ellen balançou levemente a cabeça.

— Claro que não. Por que o homem que manipula todos ao seu redor pediria desculpas por ter participado da morte do meu marido?

Sua fachada impassível rachou um pouco com sua acusação. — A morte de Laughton foi uma bênção. Não finja que se importava com ele.

Ela não iria por esse caminho espinhoso com ele. Não quando ambos sabiam que ele estava falando a verdade.

— A questão é que mentiu para mim sobre isso.

— Nós mentimos para todo mundo. Realmente queria ser alvo de todas as fofocas que os cercariam? Deixou clara sua antipatia por Castlefield. A última coisa que gostaria era que os dois estivessem ligados no escândalo que se seguiu. O nome e a posição de Castlefield na sociedade teriam lhe proporcionado uma certa imunidade, mas as velhas galinhas teriam destruído a sua reputação.

— Boatos? Essa é a sua desculpa para esconder a verdade de mim? — deu uma risada seca e amarga — O que são algumas palavras, quando sofri algo muito pior? Mas, de todos, nunca pensei que mentiria para mim. E Castlefield... — sua voz falhou e ela teve que respirar fundo, antes de continuar — Castlefield não é melhor que meu marido. Ele não confirmou o motivo do duelo, mas, se envolveu Laughton, ambos sabemos que foi por causa da honra de alguma mulher.

E aí estava o verdadeiro motivo de sua raiva. Duelaram por causa de outra mulher. Apesar dela e Castlefield se conhecerem desde crianças e ele afirmar que desenvolveu sentimentos mais profundos por ela, antes de que se casasse com outro homem, não foi em seu socorro. Não importava que ele não soubesse o que ela sofreu durante os primeiros anos de seu casamento, antes de Brantford intervir e ensiná-la a se defender. Seu coração não se importava com a lógica.

Brantford franziu a testa. — Há mais do que isso.

— Então me diga, porque Deus sabe que ele não o fará.

Odiava o modo como sua voz não escondia nada de sua dor. Pior ainda, as sobrancelhas de seu irmão, antes sem emoção, uniram-se em tristeza.

— Não posso. Mas, por favor, não vá embora. Assim não. — quando não respondeu, acrescentou: — E Jane? Está esperando-a em Brighton.

Ellen desviou o olhar, lutando contra as lágrimas que ameaçavam derramar novamente. — Não posso ficar debaixo deste teto nem mais um minuto e, mais do que tudo, preciso ficar sozinha agora. Minha amizade com Jane sobreviverá, vou me certificar disso. Mas não posso ficar aqui.

Brantford diminuiu a distância entre eles e colocou a mão em seu braço. — Ellen...

Ela enxugou com raiva uma lágrima errante que ameaçava derramar.

Haveria tempo suficiente para chorar mais tarde, quando estivesse sozinha na carruagem.

— Não posso ficar aqui, Lucien. Não posso vê-lo novamente. Ensinou-me como me defender dos punhos do meu marido, mas como posso me defender das palavras doces de Castlefield? Saber que ele nunca levantaria a mão para mim com raiva, será um pequeno conforto quando ele tiver outra amante.

Quando seu irmão não respondeu, ela se virou para encará-lo. Somente quando seus olhos se encontraram, ele falou. — Ele se preocupa contigo. Sempre se preocupou.

— Se ele se importa tanto, nunca deveria ter escondido isso de mim. E nunca deveria ter permitido que eu sofresse nas mãos de meu marido, quando ele não tinha problemas em travar um duelo com o mesmo homem, pela honra de outra mulher.

Estava agindo irracionalmente, sabia disso, mas precisava fugir. Havia muitas pessoas ali. E como ela poderia enfrentar a mãe de seus amigos ou Rose? Ambas queriam nada mais do que ver Ellen casada com aquele homem, e, por mais tola que fosse, tinha realmente considerado tornar essa possibilidade uma realidade.

Não, precisava fugir, passar algum tempo sozinha, para poder lamentar o fim daquele sonho. Finais de contos de fadas só aconteciam com outras mulheres. Já havia se recomposto uma vez, quando percebeu que seu marido não a amava, e faria isso de novo, agora. Seria muito mais difícil desta vez, mas jurou silenciosamente que superaria aquilo.

Capítulo 25



O entorpecimento tomou conta dela, finalmente, quando chegou à casa de seu irmão, em Londres. Era início da tarde, cedo demais para se retirar, mas deixou instruções aos criados para não ser incomodada e foi para os seus aposentos.

Tinha passado a maior parte da viagem de quatro horas lutando para afastar as emoções que guerreavam dentro dela. Raiva, vergonha pela traição..., mas a principal delas era o constrangimento. Mais uma vez, se permitiu ser enganada por um homem. Só que, desta vez, foi muito pior. Percebeu agora que o que antes pensava ser amor, quando se casou com Laughton, não passara de uma paixão juvenil.

Não, só havia um homem a quem amava, um homem a quem já amou. E, tal como o marido dela, recusou-se a lhe ser honesto.

O resto do dia se arrastou e foi com alívio que se deitou entre os lençóis da cama, naquela noite. Mas, em vez de encontrar refúgio no sono, revirou-se a madrugada toda. O sol estava começando a nascer quando a exaustão finalmente venceu e ela caiu em um sono inquieto.

Era quase meio-dia quando a criada a acordou, com a notícia de que tinha uma visita.

Esperando que seu irmão a tivesse seguido, não conteve o aborrecimento, enquanto tirava os cobertores e se acomodava na beira da cama. Não teve sucesso em sua tentativa de não encarar a infeliz mulher.

— Disse que não deveria ser incomodada. Se meu irmão quiser falar comigo, poderá esperar até mais tarde.

— Não é Lorde Brantford, milady. — disse a mulher, indo até o guarda-roupa para pegar um vestido de dia.

O coração de Ellen começou a disparar enquanto lutava com a ideia de que Castlefield pudesse tê-la seguido. Mas não, ele disse que esperaria que ela desse o próximo passo. O jogo acabou e ambos perderam. Não a teria seguido até Londres, já que a deixou partir tão facilmente.

— Quem é? — perguntou, indo até a penteadeira, enquanto a criada tomava seu lugar atrás de Ellen e começava a pentear seu cabelo.

— Lady Eddings, milady. Ela a aguarda na sala de estar.

Ellen fechou os olhos com a notícia e lutou contra a decepção. Embora estivesse aliviada por não haver mais discussões complicadas com Charles, - não, devia pensar nele como Castlefield agora - ainda queria manter sua amizade com Jane. E era evidente que a amiga não ficara feliz ao descobrir que Ellen afinal não a visitaria em Brighton.

Determinada a não permitir que seu desentendimento com Castlefield impactasse o relacionamento das duas, Ellen ficou sentada, enquanto sua criada terminava de prender seu cabelo, antes de ajudá-la a colocar o vestido

amarelo claro que havia escolhido.

Esperava ter mais tempo para aceitar tudo o que tinha acontecido, mas estava claro que hoje não teria trégua no caso.

Quinze minutos depois de a criada tê-la acordado, cruzou a soleira da porta e entrou na sala de estar. Jane levantou-se rapidamente do sofá. Sua expressão era plácida, mas Ellen viu o ar preocupado no rosto da amiga, quando adentrou a sala.

Jane puxou-a para um abraço rápido, antes de recuar para examinar seu rosto. Ellen sabia o que veria: olhos ainda inchados pelas muitas lágrimas que derramara na carruagem, no dia anterior. Contudo, devia estar com uma aparência pior do que pensava, pois Jane pegou-a pela mão e conduziu-a até o sofá, puxando-a para perto dela.

— Sinto muito. — disse Jane — Isso é tudo minha culpa.

Ellen franziu a testa, surpresa que Jane sentisse necessidade de se desculpar. — Não é culpada por encorajar um casamento entre mim e seu irmão. Mas o fato de que isso nunca acontecerá não precisa afetar nossa amizade.

Jane cruzou as mãos no colo. Havia tirado as luvas e Ellen pôde ver que os nós dos dedos estavam brancos, pela força com que apertava as mãos.

Ellen achou difícil ficar parada. Não estava pronta para discutir sobre aquele assunto com Jane. A dor ainda era muito recente, mas sabia que não poderia ser evitado, então prometeu acabar com aquilo o mais rápido possível. Para, finalmente, colocar sua vida em ordem.

— Seu irmão lhe contou o que aconteceu entre ele e meu marido?

— Se está se referindo ao duelo que travaram, então sim, sei de tudo. Sei desde o início.

Para seu crédito, Jane não desviou o olhar, mas Ellen não conseguiu sustentar o seu. Fechou os olhos quando uma sensação de traição lhe tomou conta. Jane não disse nada, esperando que ela processasse a informação.

— Então todo mundo sabia, menos eu?

Incapaz de ficar parada por mais tempo, levantou-se e atravessou a sala, para olhar pela janela da frente. A carruagem de Jane esperava do lado de fora e uma figura sombria podia ser vista no interior da carruagem. Devia ser Lorde Eddings. Ele não gostaria que sua esposa viajasse sozinha para a cidade. Perguntou-se se ele também sabia do duelo.

— Ellen...

— Não me incomoda que ele tenha matado meu marido. Deus sabe que o dia em que fui libertada do meu casamento com aquele homem foi o dia mais feliz da minha vida. Não tenho orgulho de admitir isso, mas é a verdade.

Virou-se para encarar Jane novamente. — Sabe que eles duelaram por uma mulher? Como se já não fosse ruim o suficiente que meu marido tivesse casos, com só Deus sabe quantas mulheres, mas agora descobri que Charles... — sua voz realmente falhou. Balançando a cabeça bruscamente, respirou fundo e continuou — Agora eu sei que Castlefield é igual. Esse conhecimento não

deveria me incomodar, mas incomoda.

— Não foi assim...

Ellen interrompeu a tentativa de Jane de desculpar o comportamento do irmão. — Claro que foi. E, para piorar a situação, deixei-me levar pelo seu charme e pelas suas mentiras. De novo. Quando vou aprender que não se pode confiar nos homens? — virou-se e olhou pela janela novamente — Eu estava começando a me permitir acreditar que Castlefield se importava comigo. Que talvez pudesse até vir a me amar. Mas foi tudo apenas um jogo. Outra maneira de se vingar de Laughton, por qualquer rivalidade que eles tivessem. E sei que eles eram rivais. Castlefield não hesitou em esconder o quanto odiava meu marido, quando soube de nosso noivado.

Ellen tentou conter a sua raiva, mas à medida que a plena consciência do seu erro de julgamento se instalou sobre ela, essa raiva pareceu ter sido substituída por uma vergonha profunda. Voltou para o sofá e afundou nele, depois deixou cair a cabeça entre as mãos. — Sou uma tola por ter caído em suas mentiras. Por que continuo me deixando enganar pelos homens?

— Eles travaram o duelo por minha causa.

As palavras de Jane foram ditas tão suavemente, que Ellen quase não as percebeu. Levantou a cabeça e olhou para a amiga, incrédula. — Sei que não estava mentindo quando me disse que não tinha um caso com meu marido.

— E não tive. — Jane respirou fundo antes de continuar — Laughton me abordou sobre ter um caso e eu recusei. Mas o que nunca lhe contei foi que ele tentou me forçar, enquanto estava grávida de Hope. Lutei e caí no chão.

Houve silêncio por quase um minuto, enquanto Ellen olhava para Jane, sem acreditar. Ainda estava tentando pensar no que dizer quando Jane continuou. — Ele só parou quando viu o sangue e eu lhe disse que estava grávida.

O horror tomou conta de Ellen e ela fechou os olhos brevemente, finalmente conectando a razão por trás da gravidez de risco de sua amiga. E porque Jane não quis vê-la nos últimos dois anos. — Sinto muito. Não sabia. — finalmente conseguiu dizer, sabendo que as palavras não eram suficientes — Foi por isso que não quis me ver? — desviou o olhar, com os ombros caídos — Claro que sim. Se não tivesse mantido Laughton à distância, nada disso teria acontecido. Quantas outras mulheres sofreram com suas atenções, só para que eu pudesse permanecer segura?

— Claro que não. — Jane estendeu a mão e a colocou sobre a de Ellen — Nunca a culpei pelas ações do seu marido.

Ellen sabia que Jane estava sendo sincera. Se a situação fosse invertida, certamente não teria culpado Jane. Mas foi difícil não se sentir responsável. — Por que não me contou?

— Eu não queria contar a ninguém. Nem meu marido sabe. Estava com muito medo do que faria e que acabaria sendo morto. Mas meu irmão me encontrou depois do ocorrido e foi ele quem chamou o médico. Não consegui esconder-lhe a verdade, quando percebi que ele tinha visto Laughton sair da sala. Mas precisa saber que seu marido não me tocou intimamente. Nunca

teve essa chance.

— Mas ele a empurrou.

— Realmente não sei o que aconteceu. Estava lutando para me afastar dele naquele momento. É possível que ele tenha simplesmente me soltado e, na minha tentativa de me afastar, perdi o equilíbrio e caí para trás.

Ellen não contradisse a amiga, mas conhecia o marido. Quando Jane resistiu a ele, não teve escrúpulos em jogá-la ao chão. Se ele não tivesse entrado em pânico ao ver o sangue que suas ações causaram... Fez uma oração silenciosa de agradecimento por tudo ter dado certo no final. Nem Jane nem o bebê que ela carregava na época ficaram feridos.

— Então seu irmão travou o duelo em vez de seu marido. E meu irmão o ajudou, para que todos pensassem que foi um acidente de caça.

— Sim. — disse Jane — Tentei impedir Charles de lançar o desafio e convencê-lo de que nada havia realmente acontecido. De que Laughton não tinha me violado. Mas ele estava irado e não se deixaria persuadir do contrário.

Ellen só conseguiu balançar a cabeça, incrédula.

— Por que ele não me contou? Quando o acusei de duelar com Laughton pelo afeto de outra mulher, ele não negou. Poderia facilmente ter me contado o que havia acontecido.

O aperto de Jane em sua mão ficou mais forte. — Eu o fiz prometer que nunca revelaria o que havia acontecido. Acho que ele nem contou ao seu irmão, quando conseguiu seu apoio como seu segundo. Brantford deve ter adivinhado e ajudado a montar a farsa sobre o acidente. É a única razão pela qual meu marido nunca soube o que realmente aconteceu naquele dia. Meu irmão é um bom homem. Manteve sua promessa, mesmo quando isso significou lhe perder.

— Laughton quase arruinou a todos nós. Certamente tirou quaisquer ilusões que eu tinha de viver um “felizes para sempre” com qualquer homem. Só agradeço aos céus por ele não lhe ter feito perder sua filha.

— Não, ele não arruinou nenhum de nós e certamente não a arruinou. Ainda tem a chance de um futuro junto com alguém que se preocupa muito contigo.

Ellen retirou a mão da amiga e desviou o olhar.

— Fui fria e distante com ele, antes de partir. Não tenho dúvidas de que percebeu que sua vida será muito mais fácil se encontrar uma esposa que seja mais agradável do que eu.

— Tenho certeza de que isso é verdade, — disse Jane com um leve sorriso — mas ele não quer mais ninguém. Está tentando esquecê-la, desde que se casou com Laughton. Não percebi isso no começo, já que sou vários anos mais nova que os dois, mas ele a ama, e isso já acontece há anos.

Ellen olhou para Jane, incapaz de conter o fio de esperança que florescia dentro de si. Mas, na verdade, ela não queria. Sua amiga estava certa. Laughton não tinha estragado tudo, mas isso só seria verdade se não

permitisse que o espectro dele continuasse pairando sobre ela. Havia permitido que a memória dele, e a de seu casamento infeliz, obscurecesse tudo o que Charles havia feito.

Porém, viu com seus próprios olhos que nem todos os homens são tão controladores quanto seu falecido marido. A felicidade era possível entre um homem e uma mulher. Jane estava em uma dessas uniões. Até seu irmão, que muitos acreditavam ter água gelada correndo nas veias, era capaz de amar. E uma coisa era inegável. Lucien tinha visto o verdadeiro mal. Nunca apoiou o noivado dela com Laughton, nunca achou o homem bom o suficiente para ela, mas rejeitara suas reservas, atribuindo-as às crenças de um irmão superprotetor. Só depois de se casar é que percebeu que seu irmão tinha visto algo em Laughton que ela e todos os outros haviam perdido.

Mas Lucien não tinha tais reservas em relação a Castlefield. Se havia uma certeza neste mundo, era que seu irmão era um bom juiz de caráter. Se ele aprovasse a intenção do amigo de se casar com ela, essa seria a melhor recomendação possível.

— Onde ele está, Jane? Tenho que ir até ele.

Jane sorriu e envolveu a amiga em um abraço apertado antes de se afastar.

— Já estava na hora.

Capítulo 26



Ellen levou alguns minutos para analisar suas opções e decidir o que precisava fazer.

Considerou ir até Charles e pedir-lhe desculpas por... tudo, na verdade. Por duvidar dele, por tentar manter suas emoções trancadas, mesmo quando ele era aberto e honesto com ela. Mas, acima de tudo, por não confiar nele. Ambos sabiam que o seu comportamento estava diretamente ligado à sua história com seu falecido marido, mas ela queria compensá-lo. Um simples pedido de desculpas não seria suficiente. Isso significava que ela precisava realizar um grande gesto.

A determinação a encheu enquanto dava instruções à equipe e subia para seu quarto, para pegar a única coisa que precisava para a viagem: a caixa que continha a concha que ela e Charles encontraram quando eram crianças.

Estava na carruagem com Jane e Lorde Eddings e voltava para Sussex, antes que pudesse compreender a rapidez com que sua vida havia mudado. Estava agindo impulsivamente, o que não era de seu feitio, mas, cada fibra do seu ser, lhe dizia que estava fazendo a coisa certa. O tempo da dúvida já havia passado há muito.

A viagem foi tranquila. Sorriu com ternura quando Lorde Eddings passou um braço em volta de sua esposa e a puxou para seu lado, fazendo Jane apoiar a cabeça em seu ombro. Ellen queria tanto poder ser livre daquele modo com Castlefield; era uma dor que ameaçava roubar-lhe o fôlego.

Queria continuar a conversa anterior, mas não podia dizer mais nada, pois trairia o segredo de Jane para Lorde Eddings. Foi necessária muita coragem da parte da amiga para compartilhar a verdade com ela, mas Ellen não conseguia se livrar da crença de que o que havia acontecido era parcialmente sua culpa. Não havia dúvida em sua mente que Laughton a atacava em um ato de vingança, quando tentou forçar Jane.

Quando chegaram à propriedade de Castlefield, já era início da noite. Ellen deu um abraço apertado na outra mulher, agradecendo por ter ido buscá-la e prometeu visitá-los em Brighton. Antes de sair da carruagem, baixou a voz e sussurrou:

— Conte a ele. — no ouvido de Jane. Quando se afastou, Jane acenou com firmeza e Ellen sentiu o coração inchar de alívio. O tempo dos segredos acabara.

Um laçao abriu a porta da carruagem e Ellen agradeceu ao casal, mais uma vez, antes de se despedir deles, por hora.

Eddings pegou a mão da esposa e disse:

— Estou feliz que tenha mudado de ideia. Castlefield é um bom homem e eu gostaria de vê-los tão feliz quanto nós.

Ellen só conseguiu assentir em resposta, sentindo um nó na garganta, ao

permitir que o laçao a ajudasse a descer da carruagem. Reservou um momento para acenar para os amigos uma última vez, enquanto a carruagem se afastava para levar os ocupantes de volta à sua nova casa, em Brighton.

O laçao fez uma reverência e se ofereceu para pegar a caixa, mas Ellen ainda a segurava. Recusou, dizendo que precisava mantê-la com ela, por enquanto.

Não hesitou antes de fazer a pergunta que estava em sua mente. — Sabe onde Sua Graça está neste momento?

— Sua Graça esteve em seu escritório o dia todo.

Ellen agradeceu ao jovem e entrou em casa. Nem tinha passado pela sala, quando uma voz a chamou. Não ficou surpresa ao encontrar seu irmão sentado em uma poltrona, os dedos apoiados no peito, esperando por ela.

Suspirando, entrou na sala. Agora que decidira dar um salto de fé, não queria atrasar nem mais um segundo.

Brantford foi direto ao ponto.

— Não vou pedir-lhe detalhes, mas queria dizer-lhe o quanto estou feliz por vê-la de volta.

Ocorreu-lhe então que seu irmão tinha sido o responsável pelos acontecimentos desta manhã.

— Disse a Jane que eu havia retornado para Londres.

Ele inclinou a cabeça e levantou-se. — Alguém tinha que consertar a bagunça que os dois conseguiram fazer.

Abraçou-o em resposta. Ele permitiu que o momento continuasse por mais tempo do que teria feito, antes de encontrar o amor. Essa era mais uma coisa pela qual precisava agradecer a Rose. Seu antigo irmão teria feito um comentário cortante quando ela o soltou, mas agora, apenas lhe deu um sorriso indulgente quando ela recuou.

— Ele deixou um recado com a equipe de que não deve ser incomodado, mas acredito que abrirá uma exceção no seu caso.

Ellen conseguiu assentir com firmeza, antes de seguir para o escritório. Sentiu um frio na barriga, mas forçou-se a ignorá-lo, concentrando-se apenas na tarefa que tinha em mãos: deixar Charles saber que confiava nele e que queria um futuro juntos. Quando partiu, ele disse que esperaria por ela. Apenas um dia se passou, mas era perfeitamente possível que ele tivesse decidido, desde que se falaram, que esperar por ela era mais um problema do que algo que valia a pena. Deus sabia que ele já havia gastado uma quantidade infinita de paciência com ela.

Sua batida foi recebida por uma resposta rude para ir embora. Ela respirou fundo e abriu a porta.

— Maldição... — a explosão foi interrompida quando ele a viu.

Fora do quarto, não conseguia se lembrar de alguma vez tê-lo visto desgrenhado. Não se preocupou em fazer a barba naquela manhã, a mancha escura corria seu queixo e seu cabelo mostrava sinais de que tinha passado os dedos pelas mechas escuras várias vezes.

Seu coração se contorceu diante dos sinais visíveis do quanto ela havia machucado aquele homem.

— Eu sei que solicitou para não ser incomodado, mas esperava que isso não se aplicasse a mim.

Ele se levantou e contornou a mesa para ficar diante dela. Quando seu olhar pousou na caixa em sua mão, sua mandíbula se apertou e ele desviou o olhar.

— Se está aqui para devolver meu presente, não precisava ter se dado ao trabalho.

Ellen odiou o tom de derrota em sua voz. Será que ele realmente a considerava tão pouco, a ponto de acreditar que ela havia retornado a Sussex só para jogar seu presente de volta na cara dele? Uma pontada de remorso a atingiu quando percebeu que havia se comportado tão mal com ele, que não deveria se surpreender com sua suposição.

Colocou a caixa sobre a mesa e levantou a tampa. Podia sentir o peso do olhar dele sobre ela, enquanto removia a concha e a estendia para ele.

— Estou aqui para lhe dizer que fiz um desejo.

Quando ele não pegou a concha, ela respirou fundo e se abaixou para descansar sobre um joelho. A expressão no rosto dele teria sido divertida, se o medo de chegar tarde demais não estivesse ameaçando roubar seu fôlego.

Sua mandíbula afrouxou e sua boca se abriu, antes que ele conseguisse se controlar e a fechasse novamente.

— Do que está brincando, Ellen?

— Na verdade, estou apostando em não ter estragado tudo entre nós. Decidi que a coisa que mais quero neste mundo é um futuro ao seu lado. Se me aceitar, é claro. — ele parecia abismado com suas palavras, então ela continuou — Estou lhe perguntando, Vossa Graça, se consentiria em se tornar meu marido. Reconheço que pode levar algum tempo para se decidir se quer correr esse risco comigo...

Castlefield pegou a concha com uma mão e com a outra a colocou de pé. Depois de colocar a oferta de paz de volta na caixa que estava sobre sua mesa, a puxou para seus braços. Seu abraço ameaçou esmagá-la, mas ela não se importou. Estava exatamente onde queria estar.

Ele se afastou e franziu a testa para ela. — Assustou-me muito. Achei que perdê-la uma vez fosse ruim, mas duas vezes era quase mais do que eu poderia suportar.

— Jane foi me ver e me contou tudo. — Ellen esperou por um momento, sem saber o que esperava do homem à sua frente, mas não foi silêncio — Deveria ter raiva de mim. — disse finalmente quando ele não falou.

Suas sobrancelhas se juntaram. — Por quê?

— Por não ter acreditado em seus sentimentos. Porque tirei as piores conclusões a seu respeito, quando tudo o que estava fazendo era proteger Jane e cumprir sua promessa a ela.

Ele balançou a cabeça antes de incliná-la para o lado.

— Como eu poderia culpá-la depois de tudo pelo que passou? Claro que

não estou bravo contigo. Eu a amo. Só estou grato por estar disposta a me dar outra chance de provar o que descobri... que fomos feitos um para o outro.

Ellen ergueu a mão e colocou-a ao longo da bochecha dele. O raspar dos pelos fez cócegas em sua pele.

— Sempre o amei, Charles. Apenas demorei mais do que deveria para perceber isso. Eu o amei primeiro como amigo e agora como homem. Não tenho certeza se alguém mais neste mundo poderia ter me tentado a arriscar meu coração novamente.

Não houve mais palavras depois disso, quando ele abaixou a cabeça para reivindicar sua boca e sua alma.

Epílogo



Agosto de 1808

A caminho de Brighton

Era apenas meio-dia, mas sua esposa já estava exausta. Incapaz de resistir ao balanço da carruagem bem equipada, Ellen aninhou-se no seu ombro e fechou os olhos.

Castlefield riu enquanto se mexia ligeiramente para permitir-lhe que descansasse mais confortavelmente contra ele.

Ela inclinou a cabeça para o lado e lhe lançou um olhar fingido. — Não se atreva a rir de mim. É sua culpa que estou neste estado.

Ele colocou uma mão possessiva contra o ligeiro inchaço de sua barriga. — Não a ouvi reclamando quando passamos todo esse tempo tentando engravidar.

Ellen suspirou. — Não estou nem com quatro meses. Como vou aguentar mais cinco meses?

Demorou apenas um minuto para a respiração de Ellen se aprofundar, sinalizando que ela havia adormecido. Ele beijou o topo de sua cabeça, antes de deitá-la contra as almofadas macias do assento, aproveitando a sensação de sua esposa deitada em seus braços. O leve perfume que ela usava o envolveu.

Não percebeu que também havia adormecido, até que a carruagem parou e o acordou.

— Eu me perguntei quando acordaria. — disse Ellen, endireitando-se onde ainda descansava contra ele.

Ela arqueou uma sobranceira em desafio, mas ele não mordeu a isca. Ambos sabiam que Ellen também tinha acabado de acordar.

Quando ela levantou a mão para afofar os cabelos, ele balançou a cabeça. — Está linda como sempre.

Ellen riu. — Já me conquistou. Não precisa continuar me elogiando.

— Não é lisonja se for verdade.

Seus olhos suavizaram e um sorriso afetuoso se espalhou por seus lábios.

— E pensar que quase o deixei partir.

— Nós dois sabemos que é inteligente demais para deixar isso acontecer. Mas me deixou um pouco preocupado.

A porta da carruagem se abriu e ele desceu primeiro, antes de se virar para ajudar a esposa. Não que ela precisasse de sua ajuda, já que ainda praticava todos os dias os movimentos que seu irmão lhe ensinara para sua própria defesa. E Deus sabia que ela ainda era capaz de jogá-lo ao chão. Quando ele resmungou sobre isso, ela disse que estava fazendo a sua parte para mantê-lo alerta. Mas a verdade é que ele não se importava, especialmente porque normalmente o seguia e recompensava sua paciência com ela.

Ellen pegou-o pelo braço e, juntos, dirigiram-se para a espaçosa casa de

verão da irmã, em Brighton. Boas lembranças o assaltaram. Apenas um ano antes, toda a sua vida havia mudado, quando passaram um mês agradável juntos ali, depois de anunciarem seu noivado. Agora tinham outro anúncio.

A porta se abriu assim que chegaram, e a família de sua irmã saiu para recebê-los. Eddings sorriu afetuosamente para o filho, enquanto Henry fazia uma reverência formal em saudação. Castlefield pegou o menino nos braços, deliciando-se com os gritos de alegria de Henry, enquanto o balançava de cabeça para baixo por vários segundos.

Para não ficar de fora, Hope ergueu os braços para ele, dizendo simplesmente: — Para cima.

Ele colocou o sobrinho de pé, parando um momento para bagunçar seu cabelo, antes de forçar a sobrinha. Um grito chamou sua atenção e ele se virou para ver que Jane havia jogado os braços em volta de Ellen.

— Estou tão feliz por ti. — disse Jane, recuando.

Ele nem ficou envergonhado pelo sorriso aberto que se espalhou por seu rosto quando o olhar de Ellen encontrou o seu, a alegria brilhando em sua expressão.

Agradecimentos



Há tantas pessoas a quem gostaria de agradecer. Em primeiro lugar, agradeço às minhas maravilhosas leitoras beta - Aida Amaral, Maureen Frew, Maria Medeiros e Maaike van der Leeden - e a Charlene Roberts, pela sua crença inabalável em mim. Quaisquer anacronismos nesta história (para citar um, uma valsa no Almack's em 1806, que incluí porque achei que se adequava ao enredo) são de minha autoria.

Gostaria de agradecer à minha família pelo amor e apoio contínuos.

Obrigada a todos as escritoras maravilhosas do fórum *Romance Divas*.

Mas, acima de tudo, quero agradecer ao meu marido. Ser casado com alguém que passa grande parte do dia sonhando acordado e tentando registrar esses sonhos no papel não é fácil, mas ele apoiou minha necessidade de escrever, desde o primeiro dia. Eu te amo, Neil.

Desvendando o Marquês



LIVRO 5

Um novo marquês, um encontro casual e uma identidade oculta...

Ele era simplesmente John Evans quando se alistou há dez anos. Mas quando John retorna à Inglaterra após o fim da guerra contra Napoleão, ele ganha um título inesperado – o Marquês de Lowenbrock.

Sobrinha do ex-marquês, Amelia Weston finge ser garçonne por uma noite como pesquisa para o romance que está escrevendo. Quando um dos clientes da taverna tenta tomar liberdades, um belo estranho vem em seu socorro. Dias depois, Amelia fica chocada ao descobrir que o novo marquês não é outro senão o estranho que ela conheceu brevemente naquela noite. O mesmo homem em quem ela baseou o herói de seu romance. Insegura sobre a reação dele à sua recente aventura, ela agora tem que esconder sua identidade, mesmo quando se sente atraída por ele.

Quando John herdou um título e uma propriedade, ninguém lhe disse que ele também seria responsável pela tímida Srta. Weston. Mas ele não consegue deixar de se aproximar dessa mulher que lhe lembra, nos momentos mais inconvenientes, a garçonne voluptuosa que conheceu durante sua última noite em Londres.

Capítulo Um



Abril de 1816

John Evans estava prestes a ficar realmente confuso. Sua boca estava começando a adquirir um gosto desagradável e um zumbido quente tomava conta de seus sentidos. Nesse ritmo, ele não estaria em condições de partir para Yorkshire no dia seguinte. Sua visão ainda estava boa, então ele ignorou sua cautela normal.

Esta era a sua última noite em Londres, não que ele fosse sentir falta do lugar. Ele ansiava pela vida tranquila no interior de sua juventude, mas ele sentiria falta dos dois homens sentados à mesa com ele agora, rindo enquanto compartilhavam algumas das lembranças agradáveis que vivenciaram nos últimos anos. Eles eram os irmãos que ele nunca teve. Nenhum deles queria falar sobre os amigos que perderam durante a longa guerra com Napoleão, não naquela noite, mas eles nunca seriam esquecidos.

— E então o Sir Galahad decidiu intervir e resgatar a pobre donzela!

O Barão Cranston deu um tapa no ombro de John, o largo sorriso em seu rosto indicando que ele estava igualmente bêbado. — Como nunca ouvi essa história antes?

O Visconde Ashford sorriu. Ergueu a caneca simulando uma saudação e bebeu o resto do líquido. — Eu estava guardando-a. Como esta será a nossa última noite juntos em breve, achei que faria sentido compartilhá-la.

John cruzou os braços e franziu o cenho para Ashford. Seu amigo nunca se cansava de atormentá-lo sobre a inclinação de John de intervir sem pensar quando uma mulher precisava de ajuda.

— Tenho duas irmãs, como ambos sabem. Se estivessem na mesma situação, entenderiam o que é sentir a necessidade de socorrer uma mulher.

Ashford balançou a cabeça. — Eu tenho irmãs, então essa desculpa não se aplica. Ninguém aqui ficaria parado e permitiria que uma mulher fosse abusada, mas estabelecemos o limite, pois não podemos evitar que as saias leves exerçam seu ofício.

Outra rodada de risadas estridentes acompanhou essa afirmação e, de alguma forma, John evitou dar um soco em seu bom e velho amigo.

O humor despreocupado deles era contagiante e ele se viu lutando para não rir com eles, mas isso não era motivo de riso, especialmente porque era verdade. Depois de não conseguir impedir que sua irmã mais velha se sacrificasse em um casamento indesejado para salvar a família, ele desenvolveu a inconveniente tendência de correr para ajudar sempre que via uma mulher em perigo. Às vezes, antes mesmo de ele avaliar completamente a situação.

E no final das contas, o casamento de Louisa era feliz. Pelo que ele viu dela e do Marquês de Overlea durante sua atual estadia na casa deles em Londres, ficou claro que eles estavam muito apaixonados um pelo outro.

Ele engoliu o resto da bebida e forçou seus pensamentos a se afastarem do jovem irritado que era quando descobriu que sua irmã estava prestes a se casar com o chefe da família que havia arruinado a deles. Não fazia sentido desperdiçar a cerveja, mas ele não pediria outra.

— Evans.

Ele encontrou o olhar de Ashford, e o homem inclinou a cabeça para a cena que estava acontecendo nos fundos da taverna. — O que nos diz? Consternação genuína ou mais um jogo para atrair mais dinheiro do homem em questão?

John estreitou os olhos enquanto observava a cena. Não ficou surpreso ao descobrir que a mulher em questão era a beleza de cabelos escuros que ele tentou ignorar a noite toda, e fez uma careta para o grupo desordeiro de homens que estava dificultando a vida da garçonne. As tentativas dela de escapar das mãos que a alcançavam careciam da timidez que todos sabiam que significava que ela não estava tentando escapar.

— Não me parece um jogo — disse Cranston.

Todos os olhares se voltaram para John enquanto seus irmãos de armas de longa data esperavam para ver o que ele iria fazer.

— Que o diabo os carregue! — John levantou-se, esforçando-se para manter sua raiva crescente sob controle. Raiva que não era dirigida aos seus amigos. Sabia que os dois homens interviriam para ajudar a mulher, mas por alguma razão, eles sentiam um prazer enorme em vê-lo fazendo isso.

Como o clichê horrível de um cavaleiro indo ao socorro de uma bela donzela, John foi até o fundo do local, onde um dos homens havia conseguido puxar a mulher relutante para seu colo.

Tendo aprendido a lição com tentativas anteriores de salvar mulheres que estavam envolvidas em brincadeiras para aumentar o preço de seus produtos, ele não se apressou em atacar. Em vez disso, parou bem diante do homem que estava tão determinado a segurar a mulher em questão que não percebeu a chegada de John.

Seu olhar colidiu com o da mulher, e o que ele viu em seus profundos olhos azuis lhe disse que ele estava certo em sua avaliação original. Suas pupilas estavam dilatadas com um medo inconfundível, e sua respiração estava superficial. Ele tinha visto esses sinais nos rostos de muitos homens com bastante frequência durante a batalha. Ele estendeu a mão para ela e esperou. Sem hesitar, ela pegou-a e permitiu que ele a levantasse. Em um movimento rápido, ele se colocou entre a mulher e o grupo turbulento que agora havia ficado em silêncio.

O agressor da mulher demorou um pouco para perceber o que havia acontecido. Quando ele se levantou, John ficou aliviado ao descobrir que eles eram da mesma altura. Mas ele não relaxou a guarda. Eles estavam em uma parte desagradável de Londres, então era quase uma garantia de que o homem teria experiência em brigas. Felizmente, John aprendeu algumas coisas durante seus anos de serviço militar, e esse homem não o intimidava em nada. Ashford e Cranston estavam observando a cena e, se necessário, interviriam para prestar assistência.

O homem se balançou ligeiramente e cerrou os punhos. — Agora veja aqui, não há razão para discutir. Siga seu caminho e esqueceremos que isso aconteceu.

John nem mesmo tentou esconder a aversão que sentia pelo homem, que estava tentando forçar uma mulher relutante. O calor de sua carranca foi suficiente para fazer o outro homem hesitar.

John se virou para olhar para a mulher. O medo dela era evidente e ele não

precisava perguntar o que ela queria que ele fizesse.

Ainda assim, ela balançou a cabeça e murmurou as palavras: — Ajude-me.

Ele se voltou para o grupo, todos agora de pé. Havia cinco deles contra os três do grupo de John, mas esses homens não tinham acabado de voltar da guerra. John não tinha dúvidas de que, se tudo acabasse em uma briga, ele e seus amigos sairiam vencedores.

Eles foram poupados do esforço, porém, quando outra garçonne se juntou a eles.

— Vou assumir a mesa, senhores. Molly é necessária na cozinha. — Suas palavras foram pontuadas por uma forte insinuação quando ela se inclinou para colocar uma bandeja de bebidas na mesa. Seus seios ameaçavam transbordar do vestido, o que teve o benefício imediato de chamar a atenção dos outros quatro homens à mesa. Mas o arruaceiro que pretendia reivindicar seu prêmio original hesitou, não querendo desistir da batalha. Felizmente, bastou uma piscadela da nova garçonne e a mão dela em seu braço para capturar sua atenção completa, e seus olhos se concentraram em seu amplo decote.

John virou-se para a mulher cujo nome ele agora sabia ser Molly. Ela o intrigava mais do que ele gostaria de admitir, tendo capturado sua atenção desde o momento em que ele entrou na taverna naquela noite com seus dois companheiros. Ela devia ser nova em seu cargo, pois não tinha a experiência em lidar com clientes que a segunda garçonne claramente possuía. Ela estava tremendo, sua respiração estava curta e rápida, e suas pupilas estavam dilatadas. Pela sua reação extrema, ficou claro que ela nunca tinha tido que lidar com avanços indesejados antes daquela noite. Pelo menos não de homens que estavam dispostos a tocá-la antes de pedirem permissão.

Ele ia pegar no cotovelo dela, querendo levá-la embora, mas pensou melhor antes de tocá-la. Naquele momento ela não aceitaria nem mesmo um toque inocente de um homem. Em vez disso, ele cruzou as mãos atrás das costas. — Posso acompanhá-la até a cozinha para garantir que ninguém mais a incomode. Poderá encontrar um momento de paz lá.

Ela respirou fundo instavelmente e desviou o olhar. Quando seu olhar encontrou o dele novamente, ela balançou a cabeça bruscamente. — Preciso ir embora daqui.

Ele seguiu a direção do olhar dela e viu que o dono da taverna, um homem corpulento de meia-idade que foi muito receptivo com ele e seus amigos quando chegaram, estava indo na direção deles. Pela expressão severa no rosto do homem, John presumiu que ele estava prestes a repreender a mulher ao seu lado por ser pouco acolhedora com o arruaceiro que queria mais dela do que alguém para lhe servir bebidas.

O caminho até a porta de entrada do estabelecimento os colocaria cara a cara com o proprietário. — Há alguma saída pelos fundos? Uma que talvez não seja pelas cozinhas?

Assentindo, ela se virou e começou a ir embora. Ele hesitou, sem saber se

deveria segui-la. Ela parou depois de alguns passos e olhou para ele. O tempo parou quando ele percebeu mais uma vez o quão encantadora essa mulher era. Seu cabelo escuro estava preso com várias mechas soltas, escapando de seu arranjo aleatório. Ele podia ver que os olhos dela eram de um tom profundo de azul que ele nunca tinha visto antes, e seus lábios generosos, um dos quais estava sendo pressionado entre os dentes, fizeram seus pensamentos vagarem por caminhos indesejados.

Ele já havia notado a figura dela com a mesma roupa justa que todas as outras garçonetes usavam. Mas o decote era mais modesto, um pedaço de linho branco enfiado nele para esconder a generosidade que havia por baixo. Quando ele notou isso pela primeira vez - porque ele foi incapaz de parar de observar sua figura quando ela chamou sua atenção - ele presumiu que ela o usava como uma forma de se diferenciar das outras mulheres, para despertar a curiosidade dos homens a quem ela servia. Mas agora estava claro para ele que ela não estava acostumada com a atenção que ganhou e colocou o pedaço de tecido para dentro para preservar seu recato.

Ela deu uma olhada atrás dele novamente e arregalou os olhos quando viu que seu patrão estava quase sobre eles. Chamou-o com o dedo e ele a seguiu, e uma olhada rápida lhe mostrou que o dono da taverna havia parado sua perseguição, e estava com um sorrisinho de satisfação no rosto. Era óbvio que presumia que Molly o estava levando a algum lugar privado para um encontro.

Em vez de levá-lo para a cozinha, ela deslizou para trás de uma cortina escura que, para sua surpresa, escondia uma porta. Por um momento, se perguntou se teria interpretado mal a situação, mas, mesmo assim, a seguiu quando ela passou pela abertura.

Eles estavam em um corredor mal iluminado, mas a mulher não parou enquanto caminhava por sua longa extensão. Ela lutou por um momento com o ferrolho da última porta, mas finalmente conseguiu puxá-lo e escapar por ela. Tendo um vislumbre de um beco escuro, ele continuou seguindo-a. Não a salvou apenas para que ela caísse em maldades do lado de fora. Já estava muito tarde e as ruas - especialmente um beco - não eram seguros.

Provavelmente teria que segui-la enquanto escapava pelo beco. Em vez disso, ela ficou de costas para a parede suja da taverna, com os olhos fechados enquanto inspirava profundamente o ar. Ele manteve distância para não alarmá-la.

Um minuto inteiro se passou antes que ela abrisse os olhos e encontrasse o olhar dele. — Não consigo expressar o quanto estou grata pela sua ajuda.

O sotaque dela o lembrou de um colega soldado que ele conheceu e que afirmava ser do norte da Inglaterra. Um milhão de perguntas lhe vieram à mente, mas ele conteve a curiosidade.

Ele aceitou seus agradecimentos com uma inclinação de cabeça. — Era o mínimo que eu podia fazer. — Ele esperou um pouco antes de fazer a pergunta que estava em sua mente: — Tem certeza de que deveria trabalhar

aqui? Não que eu esteja julgando, Deus sabe que há destinos piores que podem acometer uma mulher, mas a senhorita parecia não ter experiência.

Ela soltou a respiração com um suspiro suave. — Foi minha primeira noite. Nunca fiz esse tipo de trabalho antes.

— Está planejando voltar?

Ele podia vê-la lutando com a resposta. Finalmente seus ombros caíram. — Não, acho melhor não. Alice conseguiu distrair aquele cliente. Não há como dizer o que pode acontecer na próxima vez.

A sensação de alívio foi imediata. Ele não conhecia essa mulher, mas sentia uma sensação de proteção estranha em relação a ela.

— Vai voltar lá para dentro? — Ela pareceu perceber o duplo sentido por trás de sua pergunta, pois se apressou em acrescentar: — Não estou fazendo um convite. É apenas curiosidade.

Ele se viu olhando para o rosto de Molly por um bom tempo, atraído por ela mais do que seria sensato. — Meus amigos ainda estão lá dentro e será a última vez que os verei durante algum tempo.

Ela deu um aceno brusco com a cabeça. — Claro. Então eu já vou indo.

Ela se virou para ir embora, mas ele não podia permitir que ela desaparecesse na noite desprotegida.

— Vou acompanhá-la até a rua principal. Tenho uma carruagem me esperando. Ela poderá levá-la para casa e voltar para me esperar mais tarde.

O sorriso dela era trêmulo, mas teve o efeito de fazê-lo sentir uma grande alegria.

Sem mais nenhuma palavra, eles seguiram pelo beco escuro. Quando finalmente chegaram à rua, a iluminação escassa da lua minguante oferecia muito pouca luz, e John ficou feliz por ter estado ali para ajudar aquela mulher. A segunda garçonete – Alice, como a mulher ao lado dele a chamara – poderia ter conseguido desviar a atenção do arruaceiro sem a ajuda dele. Mas a ideia daquela mulher, que só chegava até seus ombros, tentando voltar para casa sozinha na calada da noite, deixou-o com uma sensação de pavor.

O beco os levou até o fim da rua, e demorou mais um minuto para chegarem à frente da taverna. Ele chamou a atenção de seu cocheiro quando ainda estavam a vários estabelecimentos de distância. Quando chegaram à entrada da taverna, a carruagem parou ao lado deles.

— A senhorita não vai voltar a trabalhar aqui? — Ele já havia feito a pergunta, mas precisava ter certeza.

Quando ela encontrou o olhar dele, a expressão dela era impossível de ler, e por um momento, ele temeu o pior. Finalmente ela suspirou e balançou a cabeça. — Acho melhor desistir da ideia boba de trabalhar em uma taverna.

A declaração dela lhe pareceu estranha. Uma jovem que assumisse esse tipo de trabalho em uma parte da cidade que não era moralmente aceita, normalmente não se referiria a essa atividade como uma *ideia boba*. Normalmente era um ato de necessidade.

Ele queria fazer tantas perguntas. Seu nome completo, por exemplo, e onde

ela morava. E se ele poderia vê-la novamente. Mas é claro que ele permaneceu em silêncio. Ele partiria de Londres no dia seguinte, depois de se encontrar com seu advogado. Não haveria tempo para conhecer aquela mulher misteriosa que havia capturado sua atenção tão profundamente.

Depois de dizer ao cocheiro que deveria levar a jovem para casa e depois voltar, John deu um passo para trás enquanto ela dava seu endereço ao homem. O nome da rua não significou nada para ele — fazia muito tempo desde a última vez que estivera em Londres.

Depois de ajudá-la a entrar na carruagem e fechar a porta atrás dela, ele observou em silêncio enquanto o cocheiro agitava as rédeas. O sorriso que ela lhe concedeu através da janela enquanto a carruagem se afastava o fez desejar poder reorganizar seus planos para o resto da noite.

Quando voltou a se reunir com seus amigos, eles não perderam tempo em provocá-lo.

Ashford ergueu a caneca em um brinde. — À mais uma donzela salva.

Cranston ergueu sua própria caneca ao brinde. — As coisas nunca mais serão as mesmas quando for enterrado em Yorkshire. Quem restará para salvar todas as jovens bonitas de Londres?

John bufou. — Os dois terão que assumir essa responsabilidade. A menos que voltem para casa também.

— Deus me livre! — disse Cranston com um estremecimento exagerado. — Posso ter desistido da minha comissão, mas não tenho pressa em voltar para a família.

Ashford apenas balançou a cabeça. Todos ouviram suas histórias sobre como o pai de Ashford o encorajou, seu herdeiro, a se alistar na esperança de que ele morresse e o título passasse para seu irmão mais novo. — Ocupará seu lugar no ano que vem?

John mal resistiu à vontade de pegar a nova bebida que apareceu durante sua ausência. Ele poderia não ver seus amigos novamente até lá, quando estaria pronto para assumir seu novo cargo na Câmara dos Lordes. Pensar em seu atual aumento de status social o deixava um pouco desconfortável. — Não sei. Isso dependerá do que vou encontrar quando chegar à propriedade em Yorkshire. Eu nem sabia que éramos parentes do Marquês de Lowenbrock, por mais remotamente que fosse. Eu certamente nunca esperei herdar, mas com a minha sorte, a propriedade estará desmoronando e eu me afogarei em dívidas.

— Ainda não conversou com o advogado? — Cranston balançou a cabeça. — Precisa fazer isso antes de partir.

John franziu o cenho, lembrando-se das notas diárias que o homem lhe enviava desde que chegara a Londres, há duas semanas. — Terei que fazer isso. Nem tenho certeza de onde fica a propriedade. Ele me deixou uma última nota dizendo que, a menos que aconteça alguma coisa, ele estará em casa amanhã de manhã.

Com uma carranca, ele pegou a bebida que seus amigos haviam pedido

para ele. Ele não se importava mais com a ressaca que sofreria no dia seguinte. E não queria se lembrar da mulher que nunca mais veria.

Conquistando um Lorde



LIVRO 1



Ele não deveria se apaixonar por ela...

O plano do Marquês de Overlea era perfeito. Casar-se com a desesperada Louisa Evans, salvando-a, e a seus irmãos, da ruína e produzir um herdeiro. Mas quando a pede em casamento, Nicholas não lhe conta o verdadeiro motivo pelo qual devem se casar tão rapidamente.

Estão casados quando Louisa descobre que o Marquês não pretende ser pai de seu futuro herdeiro. Atraída por seu novo marido de uma maneira que nunca esperou, Louisa não tem intenção de concordar com sua proposta escandalosa. Em vez disso, lhe mostra que o que está se desenvolvendo entre eles vai muito além de um típico casamento de conveniência.

Nicholas nunca imaginou que se apaixonaria por Louisa. Apesar da distância que tenta colocar entre eles, uma coisa logo fica clara: ele nunca permitirá que outro homem a toque. Mesmo que isso acabe com o futuro de sua família.

LIVRO 2



Dividido entre o dever e o desejo...

Catherine Evans nunca esperou ter uma temporada em Londres. Agora que

seu futuro mudou, ela tem um objetivo - ganhar o coração do homem que já é mais do que um amigo para ela. Mas a temporada acaba de começar quando ela descobre que talvez já seja tarde demais.

O Conde de Kerrick deve afastar seu desejo de cortejar Catherine quando o dever o obriga a desempenhar o papel de um homem que pretende se casar com outra mulher. Enquanto Kerrick empenha-se em se libertar para poder, finalmente, perseguir a mulher que deseja, forças externas conspiram para garantir que ele se case com a mulher errada.

LIVRO 3



Eles o chamam de Conde Inatingível...

Muitos buscam seu favor, homens e mulheres, mas poucos vislumbram o que está por trás do exterior indiferente do Conde de Brantford.

Ela era a mulher que todos queriam...

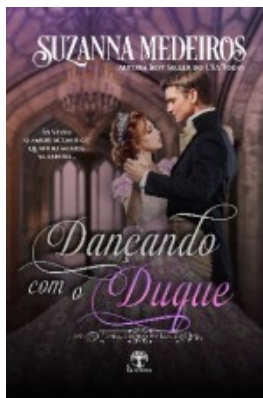
Rose Hardwick era a debutante mais cobiçada de Londres até que um escândalo tocou sua família e a transformou em uma pária social.

Só ele tem o poder de ajudá-la...

Rose está determinada a provar que seu pai é inocente do crime de traição, mas primeiro ela deve convencer o conde inatingível a ajudá-la. Quando as circunstâncias os forcarem a ficar mais próximos, ela será capaz de encantá-lo a ponto de derreter o gelo que envolve seu coração?

Encantando o Conde é um Romance Histórico da Regência, que engloba amor não correspondido, casamento de conveniência, agente secreto, herói protetor.

NOVELA



Ela o ama há anos...

Charlotte Grant não consegue se lembrar de um momento em que não tenha amado o irmão mais velho de sua melhor amiga.

Ele nunca a notou...

O Duque de Clarington há anos não nota a amiga de sua irmã.

Suas situações estão prestes a se inverter...

É o início de uma nova Temporada e Clarington pretende ficar longe de todas as jovens damas e mães ansiosas que esperam seduzir um duque. Mas esse plano cai por terra quando sua mãe patrocina a amiga de sua irmã e o convence a dançar com ela no Almacks. A bela mulher que ele encontra naquela noite tem pouca semelhança com a garota tímida e desajeitada que costumava segui-lo por toda parte. Agora, em vez de evitar Charlotte, sente-se frustrado quando ela parece notar todo mundo, menos ele.

Sobre a Autora



A autora best-seller do USA Today, Suzanna Medeiros, escreve romances históricos ambientados na Regência. Ela leu seu primeiro romance Harlequin no ensino fundamental e se formou em Austen no ensino médio. Ela considera que *Orgulho e Preconceito* deu o pontapé inicial em sua história de amor com romance histórico e *Persuasão* cimentou essa paixão.

Nasceu e foi criada em Toronto, Canadá. Seu amor pela escrita a levou a se formar em Literatura Inglesa pela Universidade de Toronto. Em seguida, ela obteve o título de Bacharel em Educação, mas se formou em uma época em que não havia empregos de professora disponível. Depois de trabalhar em vários lugares interessantes, incluindo um escritório de investigação federal, um escritório de liberdade condicional para jovens e o Escritório do Corpo de Bombeiros de Ontário, decidiu prosseguir com seu primeiro amor - escrever.

Suzanna é casada com seu herói próprio e é a orgulhosa mãe de filhas gêmeas. Ela é uma romântica declarada que gosta de passar seus dias escrevendo histórias de amor.

Ela gostaria de agradecer a seus pais por lhe mostrarem que o amor à primeira vista e o feliz para sempre realmente existe.

Informações Leabhar



Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail
Leabhar Books®